

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO
MESTRADO**

**RELIGIÃO E EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE JOHN WESLEY
(1703-1791)**

CLÁUDIO FERRAZ ZIOLI

**MARINGÁ
2015**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO
MESTRADO**

RELIGIÃO E EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE JOHN WESLEY (1703-1791)

Dissertação apresentada por CLÁUDIO FERRAZ ZIOLI, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.
Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientador: Prof. Dr. CÉZAR DE ALENCAR ARNAUT DE TOLEDO.

Co-orientadora: Prof. Dra. MARIA APARECIDA DE ARAÚJO BARRETO RIBAS

MARINGÁ
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

Zioli, Cláudio Ferraz
Z79r Religião e educação no pensamento de John Wesley
 (1703-1791)/ . -- Maringá, 2015.
 108 f.

 Orientador: Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de
 Toledo.
 Coorientadora: Dra. Maria Aparecida de Araújo
 Barreto Ribas.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
 Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
 Programa de Pós-graduação em Educação, 2015.

 1. História da Educação. 2. John Wesley. 3.
 Inglaterra. 4. Revolução industrial. 5. Século XVII.
 I. Toledo, César de Alencar Arnaut de, orient. II.
 Ribas, Maria Aparecida de Araújo Barreto, coorient.
 III. Universidade Estadual de Maringá. Centro de
 Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-
 Graduação em Educação. III. Título.

CDD 22. ED.370.1

JLM-00000

CLÁUDIO FERRAZ ZIOLI

RELIGIÃO E EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE JOHN WESLEY (1703-1791)

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo
(Orientador) – UEM – Maringá**

**Prof. Dr. Flavio Massami Martins Ruckstadter–
UENP - Jacarezinho**

**Prof. Dr. Alessandro Santos da Rocha– UEM –
Cianorte**

27 de Março de 2015

... À minha esposa, minha companheira em
todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por caminhar comigo, me fortalecendo e me conduzindo durante a minha trajetória acadêmica.

Aos meus pais, Ozias e Leila, pelas palavras de apoio, orações e confiança de que eu seria capaz de superar mais esse desafio.

A minha amada esposa, Eline, pela presença nos momentos mais difíceis dessa caminhada, por me alegrar e incentivar a continuar caminhando, e por ser o meu exemplo de dedicação, mostrou-me que tudo é possível quando se trabalha e se dedica por inteiro.

Ao meu orientador, Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo, pelas ricas orientações, essenciais para a conclusão deste trabalho.

Aos professores do PPE, que me proporcionaram novos conhecimentos durante as aulas, e aos prestativos secretários, Hugo e Márcia, sempre prontos a ajudar no que fosse preciso, muito obrigado pela disposição.

A direção do Colégio Estadual de Paranavaí, cujo incentivo possibilitou a conclusão deste trabalho.

A Revolução Industrial assinala a mais radical transformação da vida humana já registrada em documentos escritos.

(Eric Hobsbawm, 2013, p. 1)

ZIOLI, Cláudio Ferraz. **RELIGIÃO E EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE JOHN WESLEY (1703-1791)**. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo. Co-orientadora: Prof. Dra. Maria Aparecida de Araújo Barreto Ribas. Maringá, 2015.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar as contribuições do líder religioso John Wesley (1703 – 1791) para a história da educação inglesa do século XVIII e a relação do seu pensamento educacional com o processo da Revolução Industrial, a partir de suas obras religiosas e sociais. A metodologia utilizada nesta dissertação foi a pesquisa documental e bibliográfica. O método de análise escolhido, é caracterizado pela discussão do pensamento por meio da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade. John Wesley foi um homem importante para o contexto religioso do século XVIII, fundou e liderou o metodismo, movimento que transformou o panorama religioso inglês desse período. Na educação, ele colaborou com dois grandes movimentos educacionais do século XVIII, na Inglaterra, voltados aos pobres: as Escolas de Caridade e as Escolas Dominicais. Além disso, escreveu livros informativos vendidos a preços baixos, criou uma escola em Londres para meninos, uma escola para moças e fundou uma escola em Kingswood, que consistiu em seu maior projeto educacional. Wesley conviveu com uma das mais importantes transformações que a humanidade vivenciou: a Revolução Industrial e todas as consequências que teve sobre a vida dos trabalhadores. Como líder religioso, teve que se relacionar com as questões que esse processo revolucionário levantou. O aumento populacional, as transformações nas formas de trabalho, a expropriação dos trabalhadores do campo e das cidades mudou a vida da classe trabalhadora: e como consequência, a pobreza, a criminalidade, as doenças, os vícios e a prostituição aumentaram significativamente na Inglaterra. Esse processo de degradação social foi um dos elementos mais importante do pensamento de John Wesley e direcionou a maioria de suas obras. Ele desenvolveu e pregou uma ética religiosa que serviu de subsídio às necessidades do capital industrial. Suas duas principais doutrinas, a vontade enferma e a perfeição, ensinavam uma vida de disciplina, obediência, trabalho que consistia exatamente nas características necessárias para o trabalho nas fábricas. Wesley contribuiu com a educação da classe trabalhadora para atender às demandas do capital industrial sem se revoltar nem deixar as condições insatisfatórias de vida afetar sua capacidade de produção. A proposta educacional que John Wesley formulou para Kingswood sintetizou suas concepções educacionais, e a partir dela é possível afirmar a relação entre o pensamento wesleyano e a ideologia do capital industrial. Em Kingswood pode-se perceber que a teoria educacional wesleyana consistiu em um método para se alcançar uma ética religiosa que se adequava as exigências do trabalho nas fábricas.

Palavras-chave: História da Educação; John Wesley; Inglaterra; Revolução Industrial; Século XVIII.

ZIOLI, Cláudio Ferraz. **RELIGION AND EDUCATION IN JOHN WESLEY THOUGHT (1703-1791)**. 100pages. Dissertation (Master Degree in Education) – State University of Maringá. Supervisor: Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo. Co-supervisor: Prof. Dra. Maria Aparecida de Araújo Barreto Ribas. Maringá, 2015.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the contributions of the religious leader John Wesley (1703 - 1791) to the history of English education of the eighteenth century and the relationship of his educational thought to the process of the Industrial Revolution, from his writings about religion and education and his religious and social works. The methodology used in this work was the documentary and bibliographic research. The analysis method chosen is characterized by the discussion of the thought through the historical materiality of the men's life in society. John Wesley was an important man for the religious context of the eighteenth century, he founded and led the Methodism, a movement which transformed the religious English situation of that period. In the education area he collaborated with two big educational movements of the eighteenth century which was directed to the poor in England: the Charity Schools and the Sunday Schools. Additionally, he wrote informative books sold at low prices, he created a school for boys in London, a school for girls and he founded a school in Kingswood, which was consisted in his greatest educational project. Wesley lived with one of the most important changes experienced by the humanity: the Industrial Revolution and all its consequences over the workers' lives. As a religious leader, he had to relate with the issues that this revolutionary process brought. The population growth, the changes in working arrangements, the expropriation of rural workers and cities changed the lives of the working class. And as a result, the misery, the crime, the disease, the addictions and the whoredom increased significantly in England. This process of social degradation was one of the most important elements of John Wesley's thoughts and directed most of his works. He developed and preached a religious ethic which served as a subsidy to the needs of the industrial income. His two main doctrines, the sick will and the perfection, taught a life of discipline, obedience, a work that was the exactly needed characteristic to work in factories. Wesley contributed to the education of the working class to fill the demands of the industrial income without revolt or let the unsatisfactory living conditions affect their production capacity. The educational proposal that John Wesley formulated for Kingswood summarized his educational concept, and from that it's possible to affirm the relationship between the Wesleyan thought and the ideology of industrial income. In Kingswood is possible to see that the Wesleyan educational theory consisted of a method to achieve a religious ethic which has adjusted to the demands of work in the factories.

Keywords: History of Education; John Wesley; England; Industrial Revolution; Eighteenth century.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. A VIDA DE JOHN WESLEY	14
1.1. INFÂNCIA E JUVENTUDE	14
1.2. FORMAÇÃO DO METODISMO	21
1.3. JOHN WESLEY E A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL	25
2. O PENSAMENTO RELIGIOSO DE JOHN WESLEY	49
2.1. A GÊNESE DO PENSAMENTO WESLEYANO	49
2.2. AS CONCEPÇÕES RELIGIOSAS DE JOHN WESLEY	53
2.3. A ÉTICA RELIGIOSA DE JOHN WESLEY	62
3. O PENSAMENTO EDUCACIONAL DE JOHN WESLEY	71
3.1. EDUCAÇÃO NA INGLATERRA DO SÉCULO XVIII	71
3.2. CONCEPÇÕES EDUCACIONAIS DE JOHN WESLEY	76
3.3. KINGSWOOD: O IDEAL EDUCACIONAL WESLEYANO	87
3.4. PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DE JOHN WESLEY PARA A EDUCAÇÃO	91
CONCLUSÃO	99
REFERÊNCIAS	104

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é analisar as contribuições do líder religioso John Wesley (1703 – 1791) para a história da educação inglesa do século XVIII e a relação do seu pensamento educacional com o processo da Revolução Industrial, a partir de seus escritos sobre religião e educação e de suas obras religiosas e sociais.

John Wesley (1703-1791) foi um clérigo anglicano na Inglaterra do século XVIII que desempenhou um papel importante na constituição do panorama religioso inglês, e foi responsável por uma transformação no cenário da Reforma como um dos fundadores do Metodismo. Suas ações no campo social foram expressivas, constituindo-se como característica marcante de seu trabalho religioso. Atuou em diversas iniciativas de auxílio à população pobre inglesa, vítimas dos efeitos da Revolução Industrial.

A Inglaterra do século XVIII foi marcada por profundas transformações no campo econômico e social, a Revolução Industrial foi uma das maiores transformações que a humanidade já vivenciou. Desde a forma de produção até as relações sociais, as instituições humanas foram sofrendo alterações devido ao processo de industrialização. A sociedade inglesa sentiu os efeitos dessas transformações: o aumento da pobreza, da criminalidade e a insuficiência das estruturas urbanas para absorver o excedente populacional.

O panorama religioso da Inglaterra no século XVIII era dividido entre anglicanos e dissidentes. A igreja oficial dominava o cenário e detinha o poder político, mas dividia o espaço com muitos outros grupos protestantes. Wesley teve contato com essas correntes teológicas, que junto com o anglicanismo da igreja oficial, contribuiu para construção do pensamento religioso wesleyano e para formação do metodismo.

John Wesley se preocupou em oferecer uma resposta aos problemas gerados pela Revolução Industrial. Seu pensamento, suas obras, seus textos foram influenciados por essas questões. Wesley fundou o metodismo, uma facção do protestantismo direcionada principalmente à população pobre. Seus ensinamentos apresentaram uma ética religiosa que se opunha diretamente

contra o que ele considerava como a degradação humana, que na maioria das vezes estava relacionado às consequências da ação do capital industrial na vida dos trabalhadores.

No século XVIII a Inglaterra ainda não possuía um sistema educacional voltado para as massas, a educação normalmente ocorria por meio de contratação de tutores e escolas particulares. Para os pobres havia alguns movimentos educacionais dirigidos por instituições religiosas que visavam exclusivamente o ensino da leitura ou no máximo leitura e escrita. Wesley foi um dos primeiros a se preocupar com a criação de escolas que atendessem também a classe trabalhadora.

O trabalho de Wesley no campo da educação era relacionado com as questões sociais do contexto histórico da Revolução Industrial, o exemplo disso foi a criação da Kingswood School com o objetivo de atender os filhos dos trabalhadores das minas de carvão locais. Durante seus trabalhos com as comunidades pobres colaborou na orientação sobre às questões de higiene e saneamento.

O que torna John Wesley relevante para uma pesquisa acadêmica principalmente para área da história da Educação é a forma como ele percebeu e se relacionou com as transformações do contexto histórico em que viveu. Nascido cerca de 200 anos após a Reforma Protestante, vivenciou problemas diferentes daqueles experimentados pelos primeiros reformadores. O século XVIII foi marcado por uma profunda transformação nos meios de produção na Europa, em especial na Inglaterra. As novas relações produtivas alteraram significativamente a sociedade, e deram origem a uma classe de expropriados, provenientes, em sua maioria, do campo, de onde foram expulsos no processo de cercamentos de terras. Essa classe empobrecida povoou a periferia das cidades inglesas e sofreu uma degradação física com a miséria, as más condições de vida e trabalho, e com a falta de higiene e saneamento.

Em meio a problemas sociais, frutos da ação do capital industrial na Inglaterra, Wesley, como líder religioso foi obrigado a trabalhar com essas questões, que exerceram um papel na construção de suas concepções religiosas e educacionais. A presença dessas questões pode ser percebida em vários dos seus sermões, que apresentam críticas ao processo de acumulação de capital, a

opulência e a manutenção de bens além do necessário. Essa singularidade é o que torna a pesquisa sobre o pensamento educacional de John Wesley uma contribuição para o conhecimento acadêmico na área de educação.

Nossas perguntas de pesquisa são: O pensamento religioso educacional de John Wesley de alguma forma colaborou para a justificação da dominação do capital sobre o trabalho, e da ideologia capitalista do período da Revolução Industrial? Demonstraremos como as ideias, publicações e trabalhos de John Wesley auxiliaram o capital industrial a subjugar a classe trabalhadora e a ajustá-la aos seus interesses.

A pesquisa parte de três hipóteses, duas relacionadas com a influência religiosa de John Wesley na classe trabalhadora inglesa do século XVIII, e uma relacionada à sua concepção de educação. A primeira se baseia no pressuposto de que John Wesley contribuiu para reforçar a ética do mundo industrial, que servia para disciplinar o trabalhador fabril e justificar sua condição. A segunda defende a ideia de que os trabalhos sociais realizados pelos metodistas, sob a orientação de Wesley, tentaram encontrar soluções para as consequências da ação do capital industrial na sociedade inglesa e atenuar seus efeitos destrutivos e degradantes. A última hipótese é que o projeto educacional wesleyano sintetiza as expectativas do capital industrial em relação ao trabalho.

A metodologia que foi utilizada nesta dissertação foi a da pesquisa documental e bibliográfica, ou seja, são utilizados referenciais teóricos e documentos produzidos sobre os temas abordados. Foram utilizadas três tipos de fontes: em primeiro, as obras de John Wesley; em segundo, as obras sobre John Wesley; e por último, obras de referência sobre fatores que influenciaram John Wesley, como o contexto histórico e a herança religiosa.

O levantamento das fontes desta pesquisa, tanto as obras de John Wesley quanto as obras sobre John Wesley, ocorreram principalmente por meio de duas vias: a importação de livros e a pesquisa *online*. Por se tratar de um tema pouco trabalhado no Brasil, os livros e documentos não se encontram, na maioria das vezes, disponíveis em língua portuguesa, sendo necessário recorrer às fontes em inglês. Foi realizada uma extensa pesquisa em sítios *online* para levantamento de materiais, o principal deles foi o: *The Wesley Center Online*, onde foi localizada e selecionada uma quantidade considerável de documentos e livros.

Para a pesquisa sobre a vida de John Wesley, são utilizados alguns de seus biógrafos, como Lelièvre (1997), por considerarmos uma das obras mais completas a respeito da vida e trabalhos de Wesley. Além desse, também trabalhamos com Hurst, 1903, Dobrée (1997), Green (1993) e Harrison (1937) por serem os mais citados em estudos a respeito de John Wesley. Para a análise do período trabalhamos, sobretudo, com as pesquisas de Eric Hobsbawm por em sua análise considerar o metodismo como fator que influenciou o processo de formação da classe trabalhadora no período da Revolução Industrial. Na questão sobre a vida nas fábricas e a classe trabalhadora, nosso referencial foi respectivamente, Karl Marx (1996) e Friedrich Engels (1975).

Na pesquisa sobre a relação de John Wesley com o contexto histórico, além dos textos de Hobsbawm, utilizamos principalmente Edward P. Thompson (2011-2012) e Wellman J. Warner (1930) por serem os dois mais relevantes estudiosos acerca da relação entre metodismo e Revolução Industrial. Na análise de seu pensamento educacional, trabalhamos com Alfred H. Body e John W. Prince por serem os dois autores mais citados nos estudos sobre o a atuação de John Wesley na educação. Warner é apontado como referência sobre metodismo por Tawney em seu livro: *A Religião e o Surgimento do Capitalismo* (1926). Body e Prince são dois autores metodistas, pioneiros nos estudos sobre o pensamento educacional de John Wesley e constituem-se literatura clássica para as pesquisas sobre o tema.

A originalidade do tema consiste no fato de abordar a religião e a educação no pensamento de John Wesley. Esse tema foi encontrado em apenas uma pesquisa no banco de teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) ([www. capes.gov.br](http://www.capes.gov.br)). Com a utilização da palavra chave John Wesley, foi encontrada uma pesquisa dentro das Ciências da Religião: **O CAMINHO DA PERFEIÇÃO: UM ESTUDO DA TEOLOGIA DA SANTIFICAÇÃO EM JOHN WESLEY E ELLEN G. WHITE**. Contudo, não estava relacionada à educação e não estudava Wesley dentro da própria Inglaterra. Com a palavra chave metodismo foram encontradas seis pesquisas, todas elas relacionadas com o metodismo no Brasil.

O presente trabalho se inicia com um capítulo sobre a vida e o contexto histórico de John Wesley. Nele discutimos sua trajetória de vida com ênfase nos

acontecimentos que influenciaram suas concepções religiosas e educacionais, desde a sua infância até a consolidação do movimento metodista. Na segunda parte do capítulo debatemos o contexto histórico em que Wesley viveu, trabalhamos especificamente as transformações sociais que estiveram diretamente ligadas à formação do pensamento wesleyano.

O segundo capítulo discute as influências que o contexto histórico, em especial a Revolução Industrial e as experiências de sua vida, tiveram sobre a formação de suas concepções. Na segunda parte fazemos uma análise do pensamento religioso de John Wesley, as ideias que o influenciaram, as suas duas principais doutrinas: a doutrina da vontade enferma e a doutrina da perfeição e as práticas que compuseram a ética metodista.

O último capítulo trata da análise das concepções educacionais de Wesley, suas influências, a relação com as correntes educacionais do período e os principais elementos que compõem seu pensamento educacional. E finalmente a relação de suas concepções com a ação do capital industrial na Inglaterra do século XVIII.

1. A VIDA DE JOHN WESLEY

Para discutir a contribuição de John Wesley (1703-1791) para a educação se faz necessário conhecer algumas circunstâncias da sua vida, que desempenharam papel importante na formação da sua personalidade e na sua participação no movimento metodista.

1.1. INFÂNCIA E JUVENTUDE

John Wesley nasceu em 28 de junho de 1703 na cidade de Epworth na Inglaterra, em uma tradicional família de clérigos. Filho de Samuel Wesley (1662-1735) e Susana Wesley (1669-1742), seu pai e seu avô materno exerceram o ofício de pastores, seu avô foi responsável por uma igreja de dissidentes em Londres e seu pai comandou a paróquia anglicana de Epworth.

No período em que a família de Wesley viveu em Epworth enfrentaram dificuldades. Um relacionamento difícil com a comunidade local, que se intensificou por causa do temperamento de Samuel Wesley, foi motivo de várias perseguições. A falta de recursos os levou a condições próximas à miséria, nessa época, devido à inabilidade de Samuel para administrar a casa, por contrair gastos além de suas rendas, evidenciou-se o governo da mãe sobre a família (HARRISON, 1937).

Susana Wesley cumpriu a tarefa de educar os filhos. Eles foram ensinados a ser submissos, por meio da imposição de uma disciplina rigorosa, reforçada por castigos físicos: “[...] os horários de comer e dormir eram determinados de um modo invariável, e os recém-nascidos tinham de sujeitar-se ao mesmo regime inflexível” (LELIÈVRE, 1997, p. 25). O caráter metódico da mãe foi importante na formação da personalidade de John Wesley. Susana também era responsável por ensinar os filhos a ler e escrever e o fazia quando estes completavam cinco anos.

Um dos fatos mais comentados nas biografias sobre Wesley quanto a sua infância foi um incêndio que quase o levou à morte. Ao perceberem o incêndio,

Samuel e Susana evacuaram a casa, porém, John Wesley foi esquecido. Foi necessário construir uma pirâmide humana para poder resgatá-lo antes de a casa desabar (LELIÈVRE, 1997).

O acontecimento marcou a família de Wesley e transformou sua vida. A partir de então, a mãe passou a dedicar total atenção a ele. Essa reação de Susana, provavelmente motivada por um sentimento de proteção ou de culpa, foi um elemento importante na formação personalidade de John Wesley. A partir de então, ele desenvolveu a ideia de possuir um propósito maior preparado por Deus, sentimento que permaneceria presente por toda a sua vida (LELIÈVRE, 1997).

Vários acontecimentos da infância e juventude de John Wesley são retratados por seus biógrafos como modeladores da sua personalidade. Um deles é sua ida em 1714 para Charterhouse, Londres, antes de completar onze anos de idade. Escola de renome, fundada em 1611, que ocupava parte das instalações de um antigo mosteiro, com capacidade para acomodar 100 rapazes.

Charterhouse, apesar do renome, tradição e padrões de estudo elevado, era por vezes vítima de manifestações de indisciplina de seus alunos “[...] os alunos mais jovens eram brutal e tiranicamente maltratados pelos mais adiantados, e forçados a fazer toda a sorte de trabalhos manuais e serviços humilhantes” (JOY, 1996, p. 27).

Conforme a política da escola, anualmente os quatro melhores alunos eram enviados à universidade com uma bolsa de quarenta libras. Em seu tempo John Wesley foi um desses quatro alunos, iniciando seus estudos em Oxford em 1720. Em Oxford John Wesley passou a se aplicar no estudo de línguas, lógica, filosofia, matemática, além da leitura de romances, dramas e outros.

Progredia em seus estudos na maioria nas línguas antigas, ajudados do francês, da lógica, filosofia e matemática, estando as ciências naturais ainda em sua infância. Observatórios, museus, laboratórios de química e física não faziam parte do equipamento universitário. Mas Wesley lia muito: romances, dramas, novelas de aventura. Como seu pai, e irmãos, e algumas de suas irmãs, inclinou-se para a poesia: original, imitativa e traduções de Horácio e outros antigos. (JOY, 1996, p. 30).

Em 1724, com vinte e um anos, não havia decidido qual carreira seguiria, todavia, por ser sua família composta de clérigos, passou então a considerar a possibilidade de seguir a carreira eclesiástica. As leituras que John Wesley passou a fazer iniciaram um processo de ascetismo em sua vida. Ele passou a cultivar em si mesmo hábitos religiosos, e a impor-se retiro espiritual de uma ou duas horas por dia, e comungar duas vezes por semana (LELIÈVRE, 1997).

No ano de 1725 completou seu curso universitário e em 19 de setembro daquele ano foi ordenado diácono, sendo esta a primeira das ordens concedidas na Igreja Anglicana. Passou então parte do ano de 1726 em Epworth pregando junto com o pai e auxiliando-o no presbitério. Em setembro de 1726 retornou a Oxford, e em 1727 recebeu o grau de Mestre em Artes¹, nesse mesmo ano tornou-se pastor ajudante na paróquias de seu pai em Epworth e Wroote.

Em 1729, teve início um movimento entre alguns estudantes da Universidade de Oxford, que contou com a participação de John Wesley. Ele era Preceptor de Lincoln, um dos Colégios Menores de Oxford, ministrando aulas de grego. O grupo, que teve a participação de cerca de quinze estudantes foi iniciado por Charles Wesley (1707-1788), irmão mais novo de John e tinha como objetivo o aperfeiçoamento religioso. Apesar do pequeno número de membros o movimento ganhou notoriedade entre professores e alunos da Universidade por causa do ascetismo radical que disseminava. Esse grupo passou então a ser chamado pelos demais estudantes como “Clube dos Santos”, “Traças da Bíblia”, mas uma denominação se destacou, condizente com o modo regrado e ordeiro com que mantinham suas vidas, esses jovens eram chamados de “metodistas”.

Em 1735, John Wesley, juntamente com seu irmão Charles Wesley, partiram para a América com o objetivo de evangelizar os indígenas². Embarcando para a América, juntamente com seu irmão Charles Wesley e mais dois companheiros do Clube dos Santos, Benjamim Ingham, um estudante de

¹Em Oxford o título de Mestre em Artes é concedido a todos que permaneceram por mais de sete anos na Universidade. Não é necessário nenhum teste, o título não tem o objetivo de comprovar um estudo aprofundado em determinada área, apenas a conquista do grau acadêmico. Esse sistema de titulação teve início na idade média e permanece em uso até hoje (OXFORD UNIVERSITY, 2005-2006).

² Os indígenas que Wesley teve contato eram provenientes dos povos Creek, Yamase e Guale. Esses eram os grupos localizados mais próximos do primeiro centro colonial da Geórgia (WHITE et al., 2005).

Oxford e Charles Delamotte, o filho de um magistrado de Londres. Três anos antes havia sido fundada uma nova colônia norte-americana: a Geórgia. Wesley nessa época buscava encontrar o propósito de Deus para sua vida, bem como alcançar a sua salvação, esses foram, segundo ele, os motivos que o levaram em sua viagem para a Geórgia.

Dois eventos que ocorreram durante a viagem para a Geórgia foram fundamentais para a vida e as obras de John Wesley. As tempestades que quase levaram o navio ao naufrágio e o contato com os Morávios (HARRISON, 1937). O encontro com os Irmãos Morávios³ transformou suas concepções e práticas religiosas, especialmente em razão da tranquilidade deles frente às intempéries.

Em Savannah⁴, Wesley encontrou uma “[...] povoação de cerca de vinte cabanas cuidadosamente construídas três ou quatro anos antes. Havia outras choupanas: Ebenézer, onde os alemães se alojaram; Darien, povoada de escoceses e um grupo mais de cabanas encontravam-se dentro de um raio de 160 quilômetros” (JOY, 1996, p. 39).

A aproximação que Wesley pretendia com os indígenas com o propósito de levar-lhes o evangelho, mostrou-se além de suas possibilidades. John Wesley passou então a se dedicar aos 700 colonos brancos, que durante esse tempo estavam sem um guia espiritual, iniciando assim a rotina de cultos, batismos, orações públicas e Santa Ceia aos domingos (JOY, 1996).

Dentro da sua paróquia, Wesley passou a ser conhecido por seu rigor e disciplina, com manifestações constantes de ritualismo e severidade, o que não foi bem recebido por seus paroquianos, “[...] poucos meses depois, a popularidade da qual os jovens missionários gozavam no princípio foi transformada em destacada oposição” (LELIÈVRE, 1997, p. 59). O trabalho de Charles em Frederica também estava passando por problemas, sendo o primeiro a perder o ânimo e voltar para a Inglaterra, seguido de Benjamim Inghan.

³ A Igreja Morávia ou Unidade dos Irmãos é um ramo do cristianismo que iniciou em 1457 na região da Bohemia. O início desse grupo ocorreu dentro do movimento de questionamento da Igreja no final da idade média, influenciado pelos escritos de John Wyclif e John Hus. Por serem anteriores a Lutero chegaram a reivindicar o título de igreja protestante mais antiga (CREWS, 2008).

⁴ Fundada em 1733, Savannah foi a primeira cidade estabelecida na colônia da Geórgia e a primeira capital do estado da Geórgia após a independência dos Estados Unidos (SULLIVAN, 2014).

Um evento encerrou as chances de Wesley prosseguir com seu trabalho na América do Norte, o envolvimento com Sofia Hopkey, sobrinha do chefe político local a quem segundo Joy (1996, p. 43) chegou a ministrar lições de francês, o envolvimento entre ambos foi tamanho, que a família da moça não esperava menos que um casamento. Entretanto, Wesley temia que um enlace pudesse prejudicar sua dedicação ao evangelho, encerrando assim sua história com a Srta. Hopkey a qual se casou em seguida com um colono local.

O desfecho desse evento foi, segundo Joy (1996, p. 44), com Williamson movendo ação judicial contra Wesley, por difamar sua esposa ao recusar ministrar a Santa Ceia a ela. Ao perceber que não haveria chances de provar sua inocência, uma vez que, o jurado estava em peso instigado pelo tio de Sofia, Wesley volta à Inglaterra em uma fuga no meio da noite, encerrando com esse fracasso sua primeira campanha missionária.

O período da vida de Wesley que compreende sua ida para a Geórgia, foi marcado pelo desenvolvimento da crise “espiritual” que teve início em Oxford, fazendo com que ele passasse a questionar suas antigas concepções. Nessa primeira viagem missionária de Wesley, a dúvida quanto à salvação rondou os seus pensamentos. O homem que, de acordo com seus estudos em Oxford, poderia se considerar salvo, pois mantinha uma rotina cumprindo com as normas da Igreja, passou a ter dúvidas quanto à sua verdadeira salvação. Essa busca pela salvação consiste no fundamento da doutrina metodista: “[...] a sistematização ‘metódica da conduta de vida’ com o fim de alcançar a *certitudosalutis*: pois aqui também é dela que se trata desde o início, tendo se mantido como ponto central da sua aspiração religiosa” (WEBER, 2011, p. 127).

Em seu retorno para a Inglaterra John Wesley vivenciou uma crise emocional e religiosa. O fracasso na Geórgia afetou suas concepções teológicas e sua fé, principalmente em relação à sua percepção sobre salvação. Podemos identificar essa crise emocional e religiosa enfrentada por Wesley em relatos de seu diário. No diário, Wesley afirmava que, apesar dos seus esforços em converter os outros, não se sentia salvo, chegando à conclusão de que se encontrava destituído da glória de Deus (WESLEY, 2009).

Foi em uma pequena reunião na noite de vinte e quatro de maio de 1738, em uma sociedade religiosa que se reunia na Rua Aldersgate, que os conflitos

internos que Wesley vivenciava chegaram ao fim. Naquele dia uma experiência emocional deu a John Wesley as certezas que ele buscava. Essa reunião transformou as suas concepções religiosas e contribuíram para a formação da base teológica do Metodismo.

Sem a fama adquirida após Aldersgate, a memória dos metodistas de Oxford teria desaparecido da história. Até mesmo os acontecimentos da Geórgia teriam ficado no esquecimento. Sem Aldersgate não haveria sociedades metodistas, Metodismo Universal, nem avivamento evangélico, pelo menos no tempo e da maneira como a história registra. (JOY, 1996, p.61).

Após sua experiência em Aldersgate, os sermões de John Wesley ficaram repletos de suas próprias experiências. O principal e mais polêmico dos temas era a salvação pela fé, o que contrariava a tradição anglicana. Por ser um assunto relativamente pouco abordado, causou escândalo, sendo por vezes acusado de herege, o resultado dos seus sermões foi seu afastamento da Igreja Anglicana.

John Wesley, seu irmão Charles e George Whitefield (1714-1770) encontravam-se na mesma situação de não poder usar os púlpitos da Igreja Anglicana para pregar. Foi Whitefield quem iniciou as pregações ao ar livre. Os primeiros sermões foram pregados em Kingswood, conhecida por seus habitantes “desajustados”, “ignorantes” e “violentos”, trabalhadores das minas de carvão que ali se encontravam, onde não havia igrejas nem escolas, e conseguiu atrair um grande grupo de ouvintes (LELIÈVRE, 1997). O êxito alcançado por Whitefield despertou nele o desejo de pregar em outras partes da Inglaterra, para tanto, confiou seu novo grupo de fiéis a John Wesley.

O número de ouvintes reunidos durante as pregações de John Wesley era cada vez maior. Pessoas de todas as classes, desde sábios, mulheres de má fama, ladrões, pessoas que nunca haviam estado em um templo. Nessa nova empreitada, os amigos George, Charles e John buscavam a prática de alguns princípios, com função de nortear o trabalho:

1. Pregar sem olhar a limites de paróquias.
2. Pregar ao ar livre e em casas particulares.
3. Pregação pelos leigos.
4. Construção de casas para reuniões e pregação.
5. Estabelecimento de escolas.
6. Organização das Sociedades Unidas.

7. Substituir o saltério pelo cântico dos hinos. (JOY, 1996, p. 62 - 63).

John Wesley teve uma preocupação inicial com a prática de cultos ao ar livre, contudo, com o passar do tempo atribuiu importância a esses cultos, chegando ao ponto de repreender “[...] seus pregadores que se contentavam em reunir em uma sala umas 20 ou 30 pessoas, ao invés de procurarem as multidões onde quer que estivessem disponíveis” (LELIÈVRE, 1997, p. 222). Chegava, às vezes a pregar na rua, quando não havia campos e bosques espaçosos a disposição.

Wesley seguiu com o trabalho de Whitefield em Kingswood, Bristol, e conseguiu muitos adeptos, entretanto, para que esses resultados não fossem perdidos Wesley acreditava que era necessário acompanhar o desenvolvimento religioso dos seus seguidores. Wesley os reuniu em sociedades, semelhantes às existentes em Londres, as quais foram consideradas as primeiras sociedades metodistas.

A adesão a essa forma teve sucesso e aumentou as sociedades consideravelmente. Esse crescimento foi rápido, e passou então a ser necessário um novo local para a realização das reuniões, pois as antigas salas das casas não suportavam mais o expressivo número de visitantes. Para solucionar esse problema, Wesley decide construir um edifício e em 12 de maio de 1739 foi lançada a pedra fundamental da construção. Essa seria “[...] a primeira capela metodista a levantar-se no mundo inteiro” (LELIÈVRE, 1997, p. 78). Outra aquisição importante para a nova sociedade metodista, e que durante muito tempo viria a ser seu principal prédio, foi comprada em 1739 por Wesley, motivado por seus amigos a comprar as instalações de uma antiga fábrica de canhões, em Windmill Hill, Londres, sendo o segundo local de reuniões para as sociedades.

O trabalho realizado em Kingswood resultou em uma significativa mudança de comportamento entre os mineiros. A ação religiosa nesse ambiente reduziu as “cantorias profanas”, brigas e disputas. O trabalho religioso de Wesley deu início a uma pacificação da sociedade de Kingswood, contudo, a conversão dos mineiros gerou a necessidade de clérigos que os liderassem, essa necessidade não podia

ser suprida dentro das igrejas anglicanas, o que levou à instituição de ministros do movimento metodista para atender às sociedades (HURST, 1903).

1.2. FORMAÇÃO DO METODISMO

A formação do Metodismo como movimento religioso independente ocorreu a partir da separação do movimento wesleyano de outros movimentos com os quais estava ligado no começo. A primeira situação foi o fim da relação com os morávios, que haviam contribuído para o início dos trabalhos de Wesley, por discordar dos ensinamentos antinomianos⁵ e quietistas⁶ presentes na doutrina morávia.

O segundo rompimento foi com George Whitefield que estava com Wesley desde o Clube dos Santos em Oxford. O problema foi:

[...] que Whitefield aceitava no sentido rigoroso do Calvinismo, assim como os presbiterianos da Escócia e os independentes da Nova Inglaterra, com os quais ele estava muito ligado. Wesley por outro lado, tinha permanecido fiel, quanto a isso, à tradição arminiana que até então prevalecia na Igreja Anglicana. (LELIÈVRE, 1997, p. 94 e 95).

Essa situação se estendeu ao ponto de resultar em uma separação e deu origem ao metodismo norte-americano, nos Estados Unidos, sob a direção de Whitefield e ao metodismo wesleyano, na Inglaterra, comandado por John Wesley. Nesta pesquisa trabalhamos principalmente com o metodismo inglês. Os anos de 1740 e 1741 foram cruciais para o desenvolvimento do Metodismo. Durante esse período, apesar dos problemas causados pelos rompimentos com

⁵ Doutrina do período inicial da Reforma Protestante, refutada por Lutero e seus seguidores. O antinomianismo pregava a isenção de qualquer obrigação moral por parte dos cristãos decorrente de uma reinterpretação da doutrina da graça. A ideia central era que, se a salvação ocorria por meio da ação divina e as boas obras não tinha poder para salvar os homens, não existia necessidade de praticá-las, pois, não havia como se perder a salvação (AVELING, 1907).

⁶ Doutrina que afirmava que o homem conseguia alcançar um estado de perfeição por meio da auto aniquilação psíquica, ou seja, o esvaziamento da mente. Foi apresentada e defendida no século XVII por Miguel de Molinos, um místico espanhol, e condenada como herética pelo Papa Inocêncio XI (PACE, 1911).

os morávios e com George Whitefield, Wesley conseguiu alcançar as regiões circunvizinhas de Londres e Bristol, que eram os dois centros de operações do movimento.

Wesley, durante sua vida, viajou cerca de 400.000 quilômetros para difundir o Metodismo. Sua primeira longa viagem evangelística foi pelo circuito norte da Inglaterra, que se repetiu quatro vezes entre maio de 1742 a agosto de 1743 (LELIÈVRE, 1997).

As viagens de Wesley foram feitas a fim de suprir as necessidades do movimento, entretanto, essas necessidades aumentavam a cada dia, alguns problemas apareceram e a solução para eles seria o aumento do número de pregadores. Wesley chegou a pedir apoio da Igreja Anglicana, que não lhe forneceu nenhum auxiliar.

Existia um só meio para sair destas dificuldades. Esse recurso seria o de enxertar no tronco quase seco da Igreja Anglicana um ministério leigo nascido do próprio avivamento e, portanto, apto a empreender a obra e ajudar em sua propagação. [...] Wesley chegou a aceitá-la da mesma maneira que muitas outras inovações: lentamente e contra a sua vontade. (LELIÈVRE, 1997, p. 109-110).

A partir desse período o Metodismo começou a selecionar pregadores sem formação acadêmica para trabalhar no movimento. Essa foi uma das principais características do início do Metodismo e uma das razões de seu rápido crescimento na Inglaterra e países vizinhos.

Wesley levou o Metodismo para outras localidades, não tardando a demonstrar interesse de evangelizar os povos na Irlanda, onde prevalecia o catolicismo romano. As tentativas dos pastores anglicanos de evangelizar a Irlanda não eram bem recebidas, visto sua relação com o Estado.

Wesley percebeu em tempo hábil que, enquanto os clérigos não tinham aptidões para a obra missionária na Irlanda, havia amplo lugar para seus evangelistas leigos, e estes poderiam sair triunfantes justamente onde aqueles foram derrotados. (LELIÈVRE, 1997, p. 170).

O movimento metodista passou então, a correr pela Irlanda e a perseguição dos católicos era constante fazendo com que em vários lugares os metodistas tivessem que se reunir secretamente. O movimento foi se espalhando

pela Inglaterra, Irlanda e Escócia. Em cada nova região que Wesley visitava, buscava iniciar uma sociedade no local, e de acordo com o desenvolvimento, a instalação de uma capela. Da expansão na Inglaterra o caso mais notável foi o de Liverpool, que rapidamente se tornou um centro do metodismo wesleyano.

Com os imigrantes irlandeses, o metodismo chegou a Nova Iorque em 1760. O grupo entrou em contato com Wesley, que enviou dois pregadores para auxiliar o movimento na América do Norte. Esses metodistas encontraram “[...] uma sociedade organizada, composta de uma centena de membros, e uma capela com capacidade para 700 pessoas, a qual já era insuficiente, e fazia-se necessário realizar reuniões ao ar livre” (LELIÈVRE, 1997, p. 233).

No ano de 1784, “[...] Wesley concedeu às sociedades inglesas sua constituição legal, e às norte-americanas, a sua organização episcopal” (LELIÈVRE, 1997, p. 309). Em 28 de fevereiro de 1784 foi redigido o seu Estatuto, em seguida, foi reunida uma conferência composta de 100 pregadores, ao final foi redigida a Ata que se tornou a Carta Constituinte do Metodismo. Em virtude da Independência dos Estados Unidos e pelo fato de não ter sido decretada uma religião oficial na nação, Wesley vislumbrou a possibilidade de pôr em prática um desejo antigo, fundar e organizar a Igreja Metodista nos Estados Unidos.

O movimento metodista, principiado por John Wesley, teve como propósito a evangelização de grupos sociais que não recebiam atenção das igrejas reformadas. Entretanto, ele não se dedicava apenas a suprir as necessidades religiosas dessas pessoas, uma vez que maiores ainda eram seus problemas econômicos, “[...] trazendo não apenas esperança e felicidade a milhares degradados, mas também roupas, alimentos, saúde” (DOBRÉE, 1997, p. 59 – tradução nossa)⁷. Desde o período em que esteve em Oxford, Wesley iniciou os seus trabalhos sociais, visitando prisões e levando alimento aos pobres. Essas obras se tornaram maiores com a formação do Clube dos Santos e, posteriormente, durante o movimento metodista.

A primeira forma de trabalho social que Wesley se empenhou em realizar, juntamente com seus companheiros do Clube dos Santos em Oxford, foi a distribuição de alimentos para famílias pobres.

⁷[...] bringing not only hope and happiness to degraded thousands, but clothes, food, health. (DOBRÉE, 1997, p. 59)

Sua caridade não tinha outros meios senão os próprios recursos; abstinha-se de tudo quanto era supérfluo, considerando-o algo furtado dos pobres. Seus gastos pessoais, limitados ao estritamente necessário, nunca passavam de 700 dólares ao ano; e, quando a sua renda subiu sucessivamente de 750 a 1.500 dólares, e depois para 2.250 e, finalmente, 3.000, sujeitou-se à regra de não alterar em nada a singeleza dos seus hábitos, dedicando aos pobres tudo quanto ultrapassava os 700 dólares necessários para sua própria manutenção. (LELIÈVRE, 1997, p. 43)

Wesley distribuiu medicamentos gratuitamente aos pobres de Londres e Bristol. Contando com o auxílio de um farmacêutico e um cirurgião, eram feitas consultas e receitados os medicamentos.

Os invernos rigorosos na Inglaterra eram especialmente difíceis para os pobres, quando o frio e a falta de recursos adequados os submetiam a situações difíceis. Wesley liderou diversos movimentos para prover roupas aos necessitados, “O inverno de 1740-41, sendo usualmente severo, ele pediu roupas para aqueles que podiam se privar delas, distribuindo-as em meio aos numerosos pobres da Sociedade” (GREEN, 1993, p. 206).

No inverno de 1762 e 1763, quando a fome alcançou milhares de navegadores e trabalhadores que dependiam da navegação fluvial, “Wesley mandou distribuir, durante todo esse período, porções abundantes de sopa quente a todos quantos se aproximassem da capela da antiga fundição” (LELIÈVRE, 1997, p. 230).

Além da distribuição de alimentos, Wesley visitava as prisões, “[...] durante 9 meses, a partir de setembro de 1739, ele visitou ou pregou nas cadeias de Londres, Bristol e Oxford não menos que 69 vezes” (REILY, 1981, p. 162). Dentre os trabalhos do movimento metodista, foram atendidos os pedidos dos presos que, por vezes, solicitavam sua presença.

Tive algum tempo livre para dar uma olhada nas péssimas condições das coisas aqui. Os pobres prisioneiros, no castelo e na prisão da cidade, não tinham ninguém que se preocupasse com suas almas; ninguém para instruí-los, aconselhá-los, confortá-los e edificá-los no conhecimento e no amor do Senhor Jesus. (WESLEY, 2009, p. 108)

Esse trabalho resultou em vários novos membros para o movimento, tanto de prisioneiros como de soldados, contribuindo para melhorar a situação dos

presos e ajudando a sensibilizar as autoridades sobre as condições em que viviam.

1.3. JOHN WESLEY E A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Com o objetivo de discutir o pensamento de Wesley, buscamos analisar o momento histórico em que ele viveu. O contexto histórico-social do qual o fundador do metodismo procedeu foi marcado por intensas transformações que redefiniram a economia mundial e alteraram significativamente a sociedade inglesa.

A Inglaterra do século XVIII vivenciou um período de mudanças com o aumento da população, aparecimento de novas tecnologias, transformações na agricultura, expansão dos mercados externos, o surgimento do trabalho fabril e da formação de uma nova ideologia voltada aos interesses da burguesia industrial. “A Revolução Industrial assinala a mais radical transformação da vida humana já registrada em documentos escritos” (HOBSBAWM, 2013, p. 1), um processo revolucionário que não tardou em se estender para todas as esferas da sociedade inglesa, inclusive a religião e a educação.

O mundo em que John Wesley nasceu era diferente daquele em que ele atuou como ministro. No período de cerca de trinta anos entre sua adolescência e seus primeiros trabalhos, após sua experiência em Aldersgate, houve várias mudanças no contexto social inglês. Apesar de que “[...] as condições dadas no fim do século XVII fariam esperar o aparecimento, nesse momento, de uma Revolução Industrial” (HOBSBAWM, 1979, p. 106). A estrutura social da Inglaterra do início do século XVIII preservava ainda diversas características de uma sociedade rural, com um cenário repleto de instituições pré-industriais e, em alguns casos, assemelhava-se com a Inglaterra do período medieval.

A Inglaterra em 1714 era uma terra de aldeias e vilas: suas cidades, tal como ela tinha, estavam na costa. Em Lancashire, no West Riding nas West Midlands, cidades de alguma dimensão e substância estavam começando a crescer, mas a maioria da

população ainda estava no sul e ainda permanecia rural. (PLUMB, 1950, p. 11 – tradução nossa)⁸

Cinco fatores caracterizam sociedades pré-industriais: pobreza, estagnação, dependência da agricultura, mão-de-obra não especializada e baixo nível de integração geográfica. A Inglaterra demonstrou, em maior ou menor escala, a presença de todos esses fatores no período anterior à Revolução Industrial (DEANE, 1973).

A economia pujante e inovadora da Inglaterra após a Revolução Industrial “[...] transformou-a, conseqüentemente, no ‘empório do mundo’, monopolizadora virtual da indústria, da exportação de produtos manufaturados e da exportação colonial” (HOBSBAWM, 1979, p. 101). Isto não era ainda evidente no primeiro quartel do século XVIII.

Determinar as causas da Revolução Industrial, ou pelo menos definir o gatilho que desencadeou todo o movimento, tem sido um campo de estudo amplamente debatido, sem alcançar consensos. Não buscaremos, então, estabelecer uma causa primordial, pelo contrário, buscaremos elencar o conjunto de condições que foram importantes no processo revolucionário e que de alguma forma contribuíram para construção do pensamento de John Wesley.

A acumulação de capital constituiu um fator importante para a construção das bases da Revolução Industrial. Mesmo se partirmos das análises de Eric Hobsbawm:

Por um lado, a industrialização requeria provavelmente uma acumulação preliminar de capital muito maior que aquela que o século XVI podia obter. Por outro lado, requeria investimento nas áreas adequadas, onde aumentava a capacidade produtiva. (HOBSBAWM, 1979, p. 52)

A maioria das novas invenções técnicas e dos estabelecimentos produtivos podiam começar economicamente em pequena escala e expandir-se aos poucos, por adições sucessivas. Ou seja, exigiam pouco investimento inicial e sua expansão podia ser financiada com acumulação dos lucros. (HOBSBAWM, 2013, p. 29)

⁸ England in 1714 was a land of hamlets and villages: its towns, such as it had, were on the coast. In Lancashire, the West Riding, and West Midlands towns of some size and substance were beginning to grow, but the majority of the population was still in the south and still rural. (PLUMB, 1950, p. 11)

Ainda assim existiria a necessidade de alguma soma de capital, para iniciar uma empresa e custear as suas despesas até que começasse dar lucro, arcar com possíveis imprevistos e pagar os envolvidos no processo de produção.

O industrial necessitava não só de capitais a longo prazo, para montar e ampliar suas fábricas, mas de capital imediatamente disponível, para cobrir a compra de matérias-primas, o custo do produto, até ser pago, e as somas periodicamente entregues aos assalariados (ASHTON, 1974, p. 123-124).

Considerando que a Revolução na Inglaterra ocorreu, exclusivamente a partir dos recursos privados, ainda seria necessário possuir a disposição de correr os riscos inerentes ao pioneirismo de uma atividade econômica. Embora tal conjuntura histórica se demonstrasse estimulante para esse tipo de empreendimento, já que:

Com um pouco de educação, um pouco de capital, de vez em quando um parente influente, o mundo em expansão ofereceu-lhes inúmeras oportunidades de progresso. Os primeiros capitalistas industriais – Watt, Wedgwood, Arkwright, Fielden, Peel, Wilkinson, e muitos outros – todos emergiram das classes médias mais baixas. (PLUMB, 1950, p. 78 - tradução nossa)⁹

Isto não significa que as condições necessárias para a criação de indústrias estavam disponíveis a todos, nem mesmo a todos os integrantes das classes médias. O que é possível ver é que a quantidade de capital não se constituiu fator determinante no início da Revolução Industrial.

A acumulação de capital cumpriu sua função como catalisador do movimento revolucionário, mais pela expropriação do que pela concentração. Ao extrair da classe trabalhadora seus meios de subsistência, ela formou o contingente necessário de mão-de-obra barata que deu sustentação à produção industrial.

O que faz época na história da acumulação primitiva são todos os revolucionamentos que servem de alavanca à classe capitalista em formação; sobretudo, porém, todos os momentos em que grandes massas humanas são arrancadas súbita e violentamente

⁹ With some education, a little capital, occasionally an influential relative, the expanding world offered them endless opportunities of advancement. The early industrial capitalists – Watt, Wedgwood, Arkwright, Fielden, Peel, Wilkinson, and a score others – all emerged from the lower middle classes. (PLUMB, 1950, p. 78)

de seus meios de subsistência e lançadas no mercado de trabalho como proletários livres como pássaros. (MARX, 1996, p. 341)

A agricultura inglesa dos séculos XVII e XVIII foi, igualmente, apontada como causa da Revolução Industrial. As mudanças no campo podem ter oferecido subsídios necessários para o empreendimento revolucionário. A mão-de-obra excedente, a regularidade na oferta de produtos e os baixos preços. Em parte essa ideia procede do fato da Revolução Agrícola coincidir com o início da Revolução Industrial, o que a insere no contexto de transformações econômicas e sociais dos séculos XVII e XVIII na Inglaterra.

De acordo com Deane (1973), a Revolução Agrícola da modernidade pode ser definida por quatro características, que até certo ponto se configuram como etapas do processo de transformação do campo na Inglaterra:

Houve quatro características salientes da revolução agrária da Inglaterra. Inicialmente, implicou o cultivo da lavoura por intermédio de unidades consolidadas em grande escala em lugar dos campos abertos medievais cultivados em trechos descontínuos por lavradores com direitos de pasto, lenha e caça sobre as terras livres em excesso. Em segundo lugar, implicou a extensão da cultura arável às charnecas e terras livres e adoção do cultivo intensivo da terra para produção de alimentos. Terceiro implicou a transformação da comunidade aldeã de lavradores autossuficientes (em sua grande maioria) numa comunidade de trabalhadores cujos padrões de vida básicos vieram a depender mais das oscilações dos mercados nacionais e internacionais do que das condições climáticas. Quarto, implicou um aumento considerável na produtividade agrícola, isto é, no trabalho empregado na agricultura em tempo integral. (DEANE, 1973, p. 50 – 51)

Desse processo três fatores podem ser relacionados diretamente com as bases econômicas e sociais da Revolução Industrial: a expropriação dos trabalhadores do campo; o desenvolvimento das relações de trabalho dentro dos moldes capitalistas; e o aumento da influência dos mercados internos e externos sobre a organização social.

A expropriação do campesinato exerceu dupla função na construção da Inglaterra do período revolucionário: construiu um excedente de mão-de-obra barata à disposição dos capitalistas industriais e colaborou para a formação da classe trabalhadora inglesa. Além de fornecer uma porcentagem do proletariado, a expropriação dos camponeses foi também em parte responsável pelo

estranhamento não só do resultado do seu trabalho, mas como de todo contexto da produção fabril. Os trabalhadores não conseguiam se reconhecer no produto do seu trabalho, porque não se reconheciam no mundo que o produziu. Para os trabalhadores do campo, expropriados, todo trabalho encerrado na produção industrial lhes era estranho.

Como poderia o trabalhador defrontar-se alheio ao produto da sua atividade se no ato mesmo da produção ele não se estranhasse a si mesmo? O produto é, sim, somente o resumo da atividade, da produção. Se, portanto, o produto do trabalho é a exteriorização, então a produção mesma tem de ser exteriorização ativa, a exteriorização da atividade, a atividade da exteriorização. No estranhamento do objeto do trabalho resume-se somente o estranhamento, a exteriorização na atividade do trabalho mesmo. (MARX, 2008, p. 82)

O segundo fator, o desenvolvimento das relações capitalistas de trabalho, ocorreu com a introdução do trabalho assalariado no campo. O fim das formas tradicionais de trabalho no campo se inseriu no contexto de transformações que possibilitaram a Revolução Industrial. Preparou a classe trabalhadora para o que seria posteriormente as relações de trabalho nas fábricas e formou uma agricultura voltada à produção industrial.

A exploração do proletário, como se configurou na Revolução Industrial, violenta e desumana, *pode ser tolerada com o desenvolvimento prévio das relações de trabalho na forma capitalista, tanto no campo como nas cidades. Nesse sentido é possível que a introdução da mão-de-obra assalariada na produção agrícola, além de torná-la dinâmica e lucrativa, tenha preparado caminho para o trabalho no mundo fabril.

Assim, intensificou-se o estranhamento do trabalhador em relação ao produto do seu trabalho, que antes tinha o propósito de suprir suas necessidades, depois, era direcionado ao mercado. Não pertencia a ele, não era feito para ele, e provavelmente ele nunca o possuiria, pois além de não ter os recursos para adquiri-lo, ele passou a vê-lo como propriedade do mercado, essa entidade externa, alheia e poderosa, que o dominava e contra a qual ele se via impotente.

A relação do trabalhador com o produto do trabalho como objeto estranho e poderoso sobre ele. Esta relação é ao mesmo tempo com o mundo exterior sensível, como os objetos da natureza

como um mundo alheio que se lhe defronta hostilmente. (MARX, 2008, p. 83)

O crescimento populacional, que ocorreu entre o final do século XVII e meados do século XVIII, ficou conhecido como Revolução Demográfica e tem sido apontado como outro fator que contribuiu para o início da Revolução Industrial. A principal teoria a respeito desse processo é a de uma queda na mortalidade infantil no início do século XVIII, devido a uma melhora nas condições de vida nesse período, o que influiu o grupo em idade de procriação. Somado a isso, em meados do século XVIII, houve um progresso nas ciências médicas o que dinamizou o processo de crescimento populacional.

O aumento do proletariado era crucial para o desenvolvimento da indústria. O que ocorreu por meio do crescimento de trabalhadores no campo que se tornaram incapazes de subsistir da terra após as transformações na agricultura e de artesões nas cidades que foram impossibilitados de exercer sua profissão após a implantação das manufaturas (HOBSON, 1996). Era necessário que se multiplicassem as massas de miseráveis dispostos a se submeter a qualquer tipo trabalho, por qualquer salário, para garantir sua sobrevivência. Para isso, não bastava que ocorresse um recrudescimento das formas de expropriação, era preciso um aumento no contingente de trabalhadores disponíveis, o que só foi possível após a Revolução Demográfica.

Esse processo foi responsável pela formação do que Marx define como "lumpemproletariado", a esfera mais miserável da classe trabalhadora. Segundo ele esse grupo se divide em três partes, a primeira consistiria nos trabalhadores desempregados, aptos para o trabalho, porém se encontravam além da capacidade industrial de absorver mão-de-obra e cumpriram a função de manter os salários baixos garantindo a exploração do trabalho pelo capital. A segunda era composta por órfãos e indigentes, consistindo em uma categoria inferior de trabalhadores, porém, que em tempos de necessidades poderiam ser facilmente incorporados à força de trabalho ativa. Por último, os incapacitados pelo trabalho, que sucumbiram à degradação ocasionada pelo surgimento da sociedade industrial, como prostitutas, delinquentes e vagabundos, pessoas que se tornaram imprestáveis para o trabalho nas fábricas (MARX, 1996).

Contudo, a questão em torno da população reside no quanto foi causa ou consequência da Revolução Industrial. Teria um aumento sazonal da população inglesa contribuído para o início da Revolução ou teria a Revolução Industrial gerado as condições para um aumento populacional?

Associada com a Revolução Industrial no tempo, e numa relação complexa de causa e efeito, se desenrolou uma revolução demográfica cuja mecânica não é ainda perfeitamente compreendida. Algo está claro, entretanto. Uma das características que diferencia a moderna economia industrial (ou em processo de industrialização) de suas predecessoras na cadeia de desenvolvimento econômico é o fato de que a primeira implica um crescimento contínuo a longo prazo tanto em população quanto em produção. (DEANE, 1973, p. 32)

Ainda que se baseie na premissa de que a Revolução Industrial não teve a Revolução Demográfica como causa, é preciso admitir que são, no mínimo, processos concomitantes. As causas do aumento populacional, entretanto, podem revelar várias informações acerca das transformações sociais que estavam ocorrendo na Inglaterra do século XVIII.

Em relação à questão da população na Revolução Industrial, a resposta que nos parece mais adequada foi proposta por Hobsbawm. Em primeiro lugar ele debateu se a Revolução Demográfica teria sido realmente uma causa da Revolução Industrial, ou se não é apenas uma forma de contestar a teoria marxista da expropriação, onde a formação das massas proletárias seria fruto de um aumento populacional (HOBSBAWM, 1979).

Em segundo lugar, ele refutou a ideia de transformações radicais nas condições de vida, como higiene e saneamento, bem como uma intervenção causal de fatores climáticos na produção agrícola ou uma ausência de epidemias. O cerne do problema, para ele, reside na pergunta: “Criou a Revolução Industrial sua própria força de trabalho?” (HOBSBAWM, 1979, p. 108).

E por último, quando analisou exclusivamente o efeito do aumento populacional na economia, conclui que se partirmos da ideia de que um aumento populacional contribuiu para origem da Revolução Industrial, “[...] não poderíamos explicar por que essas flutuações periódicas da mortalidade, que são verificadas da mesma forma em outros períodos históricos provocam, justo agora, consequências tão diferentes.” (HOBSBAWM, 1979, p. 108).

A capacidade de absorver esse excedente e converter em produção é o que tornou a Inglaterra do século XVIII revolucionária. Com uma economia dinâmica o suficiente para construir e assimilar a mão-de-obra barata, o movimento revolucionário ditou as transformações na população e não o inverso. É possível então afirmar que a Revolução Industrial a Revolução Demográfica são causa e consequência uma da outra, configurando dois aspectos do mesmo processo.

A única contribuição direta de um aumento populacional na economia é o desenvolvimento do mercado interno. Com o crescimento demográfico, em meados do século XVIII, houve uma redução na média de idade da população inglesa, por causa do aumento na taxa de natalidade e a queda da taxa de mortalidade infantil, o que levou os pais a investirem mais em artigos de necessidade básica como alimento e roupas, fomentando as duas principais vertentes da primeira fase da Revolução Industrial (HOBSEBAWM, 2013).

As inovações tecnológicas são outro fator que tem sido discutido pelos pesquisadores da Revolução Industrial. A questão que se levanta é: até que ponto o processo revolucionário foi influenciado pelas transformações científicas que ocorreram no período anterior à Revolução? A Revolução Industrial seria uma consequência das transformações tecnológicas que ocorreram no período, ou teria ela gerado a tecnologia necessária para sua própria execução?

A transformação na forma de lidar com o novo, foi um pré-requisito para a Revolução Industrial, mesmo porque, em um século de tantas mudanças como foi o XVIII, caso isso não ocorresse, as tensões sociais geradas pelo conflito entre o tradicional e o moderno (como de fato, em alguns lugares, aconteceu) poderia ter levado a sociedade ao colapso. Mas, ao contrário disso, as inovações foram inseridas na sociedade da Revolução Industrial sem muitos problemas.

A forte exigência do mercado quanto às inovações foi uma tendência geral do período, a demanda dos mercados, nacional e internacional, estava constantemente interferindo na vida econômica da Inglaterra do século XVIII. E, de fato, a perspectiva quase ilimitada do escoamento das mercadorias gerava o incentivo necessário para os empresários, tanto no campo quanto na cidade, a buscarem novos métodos de ampliar sua produção.

Se observarmos a natureza das invenções que proliferaram principalmente na segunda metade do século XVIII, percebemos uma relação direta com as necessidades industriais. Houve algumas inovações na agricultura, que não se caracterizavam como técnicas industriais, como por exemplo na exploração das minas de carvão, com a implantação de ventiladores e posteriormente o uso de pólvora, na construção civil com linhas férreas, canais e aquedutos. E na indústria têxtil com o desenvolvimento de teares mecânicos com uma capacidade cada vez maior de tecelagem, devido ao aumento no número de fios nos teares (ASHTON, 1974). Ou seja, as inovações foram resultado de necessidades que surgiram dentro do processo industrial.

Os problemas tecnológicos do começo da Revolução Industrial eram bem simples, Não exigiam qualquer classe de homens com qualificações científicas especializadas, mas simplesmente um número suficiente de homens com escolaridade comum, familiarizados com dispositivos mecânicos simples e com o trabalho em metal, e dotados de experiência prática e iniciativa. (HOBSEBAWM, 2013, p. 29)

A Revolução Industrial não foi fruto de uma transformação tecnológica ou de avanços científicos. É possível afirmar que ela nem foi muito tecnológica para os padrões da época, pois dispunha de uma tecnologia básica, e até mesmo rudimentar, já disponível um século antes (HOBSEBAWM, 1979, 103). Assim: “[...] não se deve invocar o deus ex-machina das descobertas científicas ou invenções técnicas.” (HOBSEBAWM, 1979, p 103), para explicar o início da Revolução.

O último fator que contribuiu para desencadear o processo de Revolução Industrial que trabalharemos é o mercado externo. Que a troca de produtos tanto em um mercado interno como em um externo é benéfica para o desenvolvimento da economia, não parece ser alvo de dúvidas. As vantagens de depender do excesso de determinada mercadoria em troca de outra de que se tem necessidade são incontáveis. Contudo, a humanidade tem feito isso há milênios e isso não havia dado até então origem a uma Revolução Industrial. Assim como poderia a existência de um mercado externo ter influenciado o movimento revolucionário?

Para respondermos a esta questão devemos partir da situação da Inglaterra no período da Revolução Industrial. A Europa, desde o início das

grandes navegações havia iniciado uma corrida comercial. A descoberta de novos mercados e a importação de produtos desconhecidos no continente fomentava a disputa por lucros decorrentes da atividade mercantil em vários países europeus, entre eles a Inglaterra. Porém, o que tornou a Inglaterra diferente dos outros países que concorriam pelos mercados internacionais?

Para qualquer país, os limites do crescimento econômico baseado no comércio internacional são estabelecidos pela variedade de bens que estes podem persuadir a outra parte envolvida na negociação a adquirir pela intensidade com a qual seu povo deseja os bens que os estrangeiros têm a venda. (DEANE, 1973, p. 67)

A Inglaterra dos séculos XVII e XVIII era a mais apta para realizar essa tarefa diante dos mercados consumidores internacionais. Fosse pela capacidade de produção, que extrapolava à dos seus concorrentes, fosse pela sua capacidade militar, fosse por sua política expansionista, a Inglaterra se encontrava na frente da corrida comercial.

Por volta de 1750, a Europa era a principal consumidora dos produtos ingleses, que era responsável por cerca de 75% de toda produção, contudo, na segunda metade do século, essa situação se transformou com a busca por mercados fora do continente europeu. Nessa busca, a Inglaterra também saiu na frente, devido à supremacia de sua frota naval e rapidamente dominou os mercados americanos e asiáticos (DEANE, 1973).

O que diferenciava a Inglaterra das demais potências que buscavam dominar o mercado internacional era a sua infraestrutura econômica direcionada para o comércio. Um conjunto de fundamentos financeiros, científicos e estruturais sem precedentes para a época pode conceder à nação Britânica a capacidade de extrair do comércio internacional as condições de iniciar a Revolução Industrial.

O comércio internacional foi um dos protagonistas do processo revolucionário, dada a incapacidade dos fatores internos para explicar satisfatoriamente a conjuntura histórica e o fato de condições semelhantes em outros países não ter gerado uma Revolução Industrial naquelas dimensões. O papel do mercado externo, explica a singularidade inglesa. As exportações eram

um fator revolucionário do período e rapidamente poderiam levar um homem à fortuna, o que ocasionava um esforço generalizado para aumentar a produção.

O país que conseguisse concentrar os mercados de exportação de outros povos, ou mesmo monopolizar os mercados de exportação de grande parte do mundo, durante um espaço de tempo suficiente, podia expandir suas exportações a um ritmo que tornava a Revolução Industrial não só viável para seus empresários, como às vezes praticamente automática. E foi isso que a Grã-Bretanha conseguiu fazer no séc. XVIII. (HOBBSAWM, 2013, p. 38)

A expansão das relações comerciais internacionais não foi apenas uma das causas da Revolução, ela foi a própria Revolução. A industrialização foi a continuação direta das demandas internacionais por produtos ingleses. Por causa delas, a Inglaterra, amparada pela estrutura econômica necessária, foi capaz de transformar completamente as formas de produção.

A demanda por produtos ingleses possibilitou a especialização necessária para a produção em massa. O comércio internacional supriu a indústria inglesa de matéria prima de baixo custo e em quantidade suficiente para possibilitar a produção em larga escala. As relações comerciais com as economias coloniais proporcionou a capacidade financeira de consumir os produtos ingleses, o que gerou uma ampliação contínua dos mercados. A acumulação que o comércio internacional gerou, permitiu o investimento na agricultura e na indústria. Além disso, auxiliou na formação da estrutura legal, institucional e ética que fundamentaria os empreendimentos industriais. Por último, contribuiu para o crescimento das cidades inglesas, o que facilitou a formação dos grandes centros industriais (DEANE, 1973).

No século XVIII ocorreu o surgimento da classe proletária, um novo tipo de trabalhador proveniente da implantação do modo de produção fabril. A formação dessa nova força de trabalho teve início com a expropriação dos trabalhadores do campo e dos artesãos nas cidades. A destruição de todas as formas de subsistência anteriores a esses grupos foi a condição primordial para a construção de uma massa desesperada, o que se ajustaria às necessidades do capital industrial.

O excedente da mão-de-obra nas fábricas equivaleu ao acúmulo de capital. Milhares de pessoas concentradas nos meios urbanos e no interior das indústrias

revelavam o verdadeiro significado dos trabalhadores no mundo capitalista, eles eram capital, e como capital estavam concentrados a serviço da burguesia (ENGELS, 1975).

A construção das bases necessárias para a Revolução Industrial teve um preço, a degradação da sociedade urbana inglesa. O aumento do número de pessoas nos bairros pobres ingleses do século XVIII trouxe consequências desastrosas. A queda na qualidade de vida, nas condições sanitárias, o aumento da pobreza, da criminalidade, da prostituição, e das doenças foram alguns dos efeitos imediatos da industrialização na classe trabalhadora.

A fome generalizada nas regiões mais pobres levava dezenas à morte todos os anos. A incapacidade de se abastecer cidades naquelas proporções no século XVIII, o baixo valor dos salários, a constante variação nos preços e a falta de proteção social foram alguns dos resultados da Revolução Industrial.

As casas dos trabalhadores ingleses se situavam geralmente nas partes mais pobres das cidades, ou próximas às fábricas, onde a própria estrutura urbana não estava bem definida. As ruas eram sinuosas, as casas aglomeradas e irregulares, sem esgotos ou qualquer sistema de escoamento dos dejetos, que por vezes eram apenas jogados na rua. Um cheiro fétido se espalhava por esses bairros, por causa dos excrementos nas ruas, dos banheiros do lado de fora, da comida estragada e dos animais que viviam com as pessoas dentro das casas (ENGELS, 1975).

A água para os pobres era fornecida por poços públicos espalhados pela cidade. Sem nenhum cuidado em relação à higiene, muitas vezes era contaminada pela sujeira dos bairros operários, proliferando doenças como a cólera.

Entre os mais pobres a situação era ainda pior, geralmente ocupando as partes malcheirosas dos bairros, dificilmente ganhavam o suficiente para sobreviver. Eram obrigados a comprar comida estragada, as sobras das feiras e às vezes, nem assim conseguiam o suficiente. O que normalmente ocorria era o apelo para a criminalidade ou à prostituição como última alternativa de sobrevivência. A degeneração era quase uma regra nessas condições: “[...] os que ainda não se submergiram no turbilhão desta degradação moral que os rodeia, mergulham nela cada vez mais, perdem todos os dias um pouco mais da

força de resistir aos efeitos desmoralizantes da miséria, da sujeira e do meio” (ENGELS, 1975, p. 60).

As mais afetadas eram as crianças que, assim como os adultos, viviam em estado de profunda miséria, porém com uma maior fragilidade. O desenvolvimento era prejudicado pela falta de alimentos e ficavam mais suscetíveis às doenças. Ficavam expostas às péssimas condições sanitárias dos bairros onde moravam e ao frio, pela dificuldade de se adquirir roupas adequadas. Em vários casos eram exploradas sexualmente, às vezes pelos próprios pais. Logo cedo se viciavam em álcool, ou até mesmo, começavam a cometer crimes (ENGELS, 1975).

Além de serem responsáveis pela criação dessas condições, as fábricas contribuíam diretamente para essa situação, obrigando as mães a drogarem seus filhos durante o trabalho para não atrapalhar, principalmente as crianças menores de seis anos. Muitos bebês morreram pelo excesso da droga que os faziam dormir. Rapidamente as indústrias começaram a contratar crianças, a baixos salários e em trabalhos perigosos. Dezenas delas morreram ou sofreram amputações devido a acidentes de trabalho (ENGELS, 1975).

Os efeitos do processo industrial na vida dos pobres da Inglaterra chegou ao ponto de se tornar um risco para a própria sociedade fabril. A massa de trabalhadores que se formou foi levada ao limite, expropriada a tal nível que deixava de ser útil ao capital e se transformava em uma ameaça (MARX, 1996).

O lumpemproletário, formado nessa época, era aquele que devido à degradação e à desumanização que sofreu, tornava-se incapaz de trabalhar. Fosse por doenças físicas ou mentais, pela violência, mutilação, fome ou outros fatores advindos da miséria em que se encontravam. Esse proletário já não servia para o capital, não era mais um trabalhador excedente à porta da fábrica que justificava os baixos salários, que sucumbiu à pobreza. Desprovidos de consciência e ambição, buscavam apenas sobreviver mais um dia, não importando como.

A existência do lumpem fez com que ocorresse um aumento da criminalidade, da prostituição tanto de mulheres como de crianças, da mendicância, do consumo de álcool e da violência. O capital industrial, no processo de expropriação do homem, que consiste em uma das condições de sua

existência, gerou um grupo humano que era um problema para o próprio capital. O caráter autodestrutivo de uma sociedade capitalista ficou então evidente na Inglaterra do século XVIII.

Os problemas gerados pelo surgimento do lumpem deram início aos mecanismos reacionários de manutenção da civilização capitalista. Corrigir essas falhas, mesmo que superficialmente, era imprescindível para a continuidade do sistema. Dentro desse processo de reação da sociedade do capital, podemos identificar os trabalhos sociais e religiosos de John Wesley.

O trabalho na fábrica se diferenciava de todas as formas de trabalho que o precederam. A organização, a disciplina, a intensidade e o uso de máquinas, deram a essa nova forma de trabalho, um caráter único. Deslocou o cerne da produção do homem para a máquina. O homem então, passou de protagonista a coadjuvante no processo de produção, sendo obrigado a seguir o ritmo automatizado de trabalho.

As fábricas haviam revolucionado as formas de trabalho, com uma sequência racional de operações em um ritmo constante, determinado pela velocidade da máquina e por uma disciplina mecanizada. Um trabalho repetitivo e ininterrupto, irracional, em cujo processo o conhecimento era mais autômato do que humano (HOBSBAWM, 2013). Na produção fabril, era o trabalhador que deveria se adequar ao processo imposto pelas ferramentas e não o contrário, como era nas manufaturas e no artesanato.

Embora a maquinaria descarte agora, tecnicamente, o velho sistema da divisão do trabalho, este persiste inicialmente como tradição da manufatura, por hábito, na fábrica, para ser, depois, reproduzido e consolidado sistematicamente pelo capital como meio de exploração da força de trabalho de forma ainda mais repugnante. Da especialidade por toda a vida em manejar uma ferramenta parcial surge, agora, a especialidade por toda a vida em servir a uma máquina parcial. Abusa-se da maquinaria para transformar o próprio trabalhador, desde a infância, em parte de uma máquina parcial. (MARX, 1996, p. 53)

Para que fosse possível a realização dos trabalhos na fábrica sob a lógica da máquina, eram necessários disciplina e controle. O trabalhador comum estava acostumado a determinar seu próprio tempo de trabalho, segundo suas próprias necessidades em um ritmo humano e permeado por interações sociais. Na fábrica, foi levado a uma condição que se aproximava da tortura.

A subordinação técnica do operário ao andamento uniforme do meio de trabalho e a composição peculiar do corpo de trabalho por indivíduos de ambos os sexos e dos mais diversos níveis etários geram uma disciplina de caserna, que evolui para um regime fabril completo, e desenvolve inteiramente o trabalho de supervisão, já antes aventado, portanto ao mesmo tempo a divisão dos trabalhadores em trabalhadores manuais e supervisores do trabalho, em soldados rasos da indústria e suboficiais da indústria. (MARX, 1996, p. 57)

A disciplina fabril requeria austeridade, abnegação e submissão juntamente com a eficiência e a velocidade. A produção por meio de máquinas exigia um método, que consistia na sistematização, regularidade e ordenação das atividades diárias dos proletários dentro do tempo, ritmo e possibilidades de movimento determinado por elas. O trabalho nas fábricas requeria pessoas que conhecessem e se sujeitassem a esse método.

Por último, a formação da ideologia do capitalismo industrial se relacionou com a formação do pensamento de John Wesley. O processo que deu origem a ideologia que justificou o mundo fabril também contribuiu para construção do pensamento wesleyano, ao ponto de incorporar parte de suas ideias ao conjunto de mecanismos que a constituíram no período da Revolução Industrial.

A finalidade da ideologia é falsear a consciência, distorcer a realidade no objetivo de adequá-las às necessidades da classe dominante. Por meio dela se garante a estabilidade das relações sociais sem o uso da força, levando as classes dominadas a obedecerem e executarem as regras impostas pelos seus dominadores sem questionar, mesmo que essas sejam prejudiciais a elas. A ideologia dominante inverte a percepção do real conformando ela a sua proposta de sociedade (MARX; ENGELS, 2011).

O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens ainda aparecem, aqui, como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo vale para a produção espiritual, tal como ela se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo. Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias e assim por diante, mas os homens reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais desenvolvidas. A consciência [*Bewusstsein*] não pode jamais ser outra coisa do que o ser

consciente [*bewusste Sein*], o ser dos homens é o seu processo de vida real. Se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida imediatamente físico. (MARX; ENGELS, 2011, p. 93 – 94)

A ideologia é um fenômeno objetivo e subjetivo involuntário, produzido por condições objetivas da existência social dos indivíduos, tendo o indivíduo uma relação de submissão com sua classe, ele não é capaz de se reconhecer como fazedor da própria classe, a realidade da classe existe a partir da atividade dos seus membros (CHAUÍ, 2001).

A compreensão da origem e função da ideologia é impossível sem a compreensão da luta de classes, uma vez que a ideologia é um dos instrumentos para a dominação de classe e uma das formas de luta de classes. Utilizando a ideologia, os dominantes são capazes de exercer a dominação sem que essa seja percebida pelos dominados. A ideologia se torna impossível de ser removida por haver a separação entre trabalho material e intelectual, onde o trabalhador é aquele que não pensa e o pensador é o que não trabalha; em virtude da alienação e a existência de luta de classes (CHAUÍ, 2001).

A ideologia é a transformação das ideias da classe dominante em ideias dominantes para toda a sociedade, onde a classe que domina no plano material também domina no plano das ideias. Sendo um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações e de normas da sociedade, que indicam e prescrevem aos seus membros de que forma devem pensar e o que devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, sendo portanto, um corpo explicativo de representações e prático de normas, regras e preceitos. Sua função é oferecer aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, não podendo revelar a influência da divisão de classes nessa realidade e na divisão da produção, a ideologia precisa esconder sua origem (CHAUÍ, 2001).

As mudanças que a Revolução Industrial trouxe para vida dos trabalhadores ingleses repercutiram diretamente na formação do pensamento de John Wesley. Ele se dedicou, principalmente, à evangelização dos trabalhadores

pobres da Inglaterra, esse grupo era o público para o qual ele direcionou a maioria de seus ensinamentos. Dessa forma todas as grandes transformações que a classe trabalhadora inglesa sofreu nesse período contribuíram para a formação do pensamento de Wesley.

John Wesley foi influenciado pela Revolução Industrial e adequou seu pensamento ao momento histórico. As transformações que ocorreram nas formas de produção no século XVIII repercutiram em todas as áreas sociais, entre elas a religião. Wesley foi um dos primeiros a estruturar seus ensinamentos de acordo com as necessidades que o mundo fabril apresentava.

A expropriação direta ou indireta dos trabalhadores ingleses, durante o processo de acumulação do capital, foi um dos elementos responsáveis pela formação tanto da classe social da qual viriam os principais seguidores de John Wesley, quanto dos problemas sociais que ele tentou resolver. A resposta de John Wesley para os problemas da expropriação era a organização. Organizar a sociedade de forma a impedir que crescesse demais, impedir que os trabalhadores se revoltassem e a consertar seus efeitos por meio de assistência social. Na solução apresentada por Wesley no século XVIII, já se encontravam as bases da reação burguesa aos conflitos de classe gerados pelo capital.

As transformações da agricultura aumentaram o fluxo de pessoas do campo para as cidades e contribuíram para a alienação da classe trabalhadora. Esses movimentos estavam estreitamente relacionados com os problemas sociais com os quais Wesley conviveu, e com a formação do grupo para o qual ele dedicou a maior parte de suas obras, o que tornou o processo de cercamento dos campos ingleses essencial na formação de suas concepções sobre religião, sociedade e economia.

A revolução demográfica que ocorreu no século XVIII teve um papel importante no pensamento wesleyano. Esse aumento populacional, juntamente com as transformações na agricultura, contribuíram para o crescimento das massas excluídas que inflavam as cidades da Inglaterra. Com a chegada dos trabalhadores do campo nas cidades e o aumento na taxa de natalidade e redução na taxa de mortalidade, cujas causas são incertas ainda hoje, foi formado um contingente populacional sem precedentes nas cidades inglesas. As instituições urbanas desse período não estavam preparadas para esse aumento,

nem o sistema de abastecimento de água e comida, nem a estrutura física das cidades (ruas, bairros, casas), nem a polícia e as cadeias, nem os hospitais e nem as igrejas. O crescimento dos bairros pobres, a falta de estrutura das cidades para comportar essa expansão do número de habitantes e os efeitos que esse processo causou na vida dos ingleses, contribuíram para formação do pensamento de Wesley e, em diversos aspectos, direcionaram o rumo de suas obras.

Wesley se preocupou com o problema populacional e atuou na construção de uma sociedade que abrigasse essa massa excluída por meio de obras sociais e apelos para os ricos e para as autoridades. Ele construiu uma vertente do protestantismo com capacidade para absorver essa população, formou uma religião com os elementos necessários para dar conta de grandes números de pessoas, uma religião para as massas. “[...] o wesleyanismo ortodoxo se manteve tal como iniciara, isto é, uma religião para os pobres” (THOMPSON, 2011, p. 45).

A transição de um mundo agrário para um mundo industrial com certeza gerou um impacto no pensamento das pessoas que viviam nesse período. Wesley não foi uma exceção, as transformações que alteraram a sociedade inglesa também influenciaram seu pensamento e repercutiram em seu movimento religioso. Um fator que particularmente transformou o contexto social de John Wesley e, conseqüentemente, suas ideias, foram as transformações tecnológicas do período em que ele viveu.

Tal foi o surgimento, e tal tem sido o progresso do Metodismo, desde o início, até o presente momento. Mas você irá naturalmente perguntar: *'O que é o Metodismo? O que esta nova palavra significa? Trata-se de uma nova religião?'* Está é uma suposição muito comum; mais do que isto, quase uma suposição universal; mas nada pode estar mais longe da verdade. É um equívoco, completamente. O Metodismo, assim chamado, é a religião antiga; a religião da Bíblia; a religião da Igreja primitiva; a religião da Igreja da Inglaterra. Esta religião antiga. (WESLEY, 1985, Sermão 132 – grifos do autor)

As inovações tecnológicas são importantes também pelas mudanças que trouxeram para vida do trabalhador, ao transformar as relações humanas de trabalho, com a natureza e entre si, contribuíram para transformar os homens, em especial aqueles diretamente relacionados com o trabalho nas fábricas. Ao se inserir as novas tecnologias no processo de produção estava se criando um novo

tipo de homem. Foram os problemas desses novos homens que a teologia wesleyana tentou responder.

O comércio internacional, a abertura de novos mercados e a Inglaterra se voltando para o estrangeiro, foram defendidas por Hobsbawm como as principais causas da Revolução Industrial. Esse último fator também foi influente no pensamento de Wesley, sendo responsável por uma das principais características do movimento, a expansão missionária. Missões em território estrangeiro não foram invenção de Wesley nem do Metodismo. O que diferenciou o pensamento missionário de John Wesley dos demais do período foi a relação dele com o capital industrial em expansão.

Tal como no colonialismo imposto pelas nações europeias no período das grandes navegações, as missões metodistas acompanharam o desenvolvimento do capital. Tanto dentro quanto fora do território inglês, elas buscavam prioritariamente os lugares que também eram de interesse do capital industrial, como a Índia, as colônias africanas e a América, fosse para implantação de fábricas, fosse como mercado consumidor. Ou seja, o desenvolvimento do comércio externo e, conseqüentemente, da industrialização inglesa, influenciaram o pensamento missionário de John Wesley. A preocupação com a fé do estrangeiro, em especial daqueles que residiam nas regiões de interesse comercial da Inglaterra, pode ser observada nesse trecho de um dos seus sermões:

Agora, Deus exigiu do pagão que acreditasse. *“Que Deus é quem recompensa os que diligentemente O buscam”*; e que Ele será buscado glorificando-O como Deus, e dando a Ele graças por todas as coisas, e pela cuidadosa prática da virtude da moral, da justiça, misericórdia, e verdade, para com as suas criaturas. O Grego ou Romano, por conseguinte, sim, a Scythian ou Indian; não teriam desculpas, se não acreditassem tanto: na criatura e atributos de Deus, um estado futuro de recompensa e castigo, a natureza obrigatória da virtude moral. Porque isso é apenas a fé do pagão. (WESLEY, 1985, Sermão 1 – grifos do autor)

Além disso, o comércio internacional contribuiu para a formação do pensamento de John Wesley ao alterar a dinâmica da vida do povo inglês do século XVIII. A proximidade do “externo”, os interesses econômicos voltados para fora e o início de uma revolução nas técnicas de produção mudaram a Inglaterra. A expansão dos mercados internacionais transformaram o ritmo do trabalho e a

organização da vida dos trabalhadores, com isso geraram as estruturas sociais sobre as quais Wesley vai construir o Metodismo para se tornar a religião dos proletários.

A pobreza e a crise social que a Inglaterra do século XVIII vivenciou, foi importante para formação do pensamento de John Wesley. Os problemas criados pelo capital industrial em expansão o incomodaram a ponto de ocupar uma parte de suas atividades. Fosse pelas necessidades que passou quando era criança, fosse pela degradação que a pobreza ocasionava, Wesley não suportava os efeitos da miséria na população inglesa. Contra as consequências da industrialização na Inglaterra Wesley escreveu e, em várias ocasiões, tentou sanar parte dos problemas por meio de suas obras sociais. O subproduto da ação do capital industrial inglês era o principal problema no pensamento de John Wesley.

Eu refletiadiante: “Que vantagem isso pode ser, particularmente em tal grupo de homens como são aqueles,que estão unidos nestas Sociedades, que são ao mesmo tempo tão numerosos e tão pobres! Quanto poderia ser economizado em um grupo tão numeroso, até mesmo neste único artigo degasto! E quão grande é tudoque, eventualmente, pode ser economizado em cada artigo requerido diariamente por aqueles que não têm sequer alimento conveniente!” (WESLEY, Carta para Newington, 1748 – tradução nossa)¹⁰

Seus sermões orientavam contra os “vícios” e a “imoralidade” e incentivavam a assistência social. Seus manuais sobre medicina e conhecimentos gerais possuíam o objetivo de levar algum conhecimento para a população pobre, principalmente no concernente à saúde, um dos primeiros problemas que surgiram com a concentração de pessoas nos bairros pobres da Inglaterra. As sociedades de produção e crédito que ele criou, buscavam dar a esses trabalhadores alguma chance de mudar sua condição social ou pelo menos de complementar sua renda. A escola que ele criou alcançava os filhos dos trabalhadores nas minas os quais, durante o dia, permaneciam sem cuidados. Os

¹⁰“I considered farther: ‘What an advantage might this be, particularly in such a body of men as those who are united together in these Societies, who are both so numerous and so poor! How much might be saved in so numerous a body, even in this single article of expense! And howgreatly is all that can possibly be saved in every article wanted daily by those who have not even food convenient for them!’” (WESLEY, Carta para Newington, 1748)

trabalhos e ensinamentos de Wesley iam diretamente contra as consequências da industrialização sobre a vida dos trabalhadores (THOMPSON, 2012).

Outra contribuição do contexto econômico para formação do pensamento de Wesley foi causada pela nova forma de trabalho estabelecida pelas fábricas. Ao longo de sua vida John Wesley teve contato com as transformações nas formas de trabalho introduzidas pelo capital industrial e incorporou os seus valores em sua teologia. A disciplina, a repetição, a regularidade, e principalmente o método, são elementos em comum na doutrina wesleyana e na orientação dos trabalhos fabris.

O ascetismo metodista era sistemático, pregava uma regularidade mecânica semelhante à exigida pela produção industrial (WEBER, 2011). A execução dos rituais diários se assemelhava aos encontrados em uma linha de produção, a organização do movimento utilizava-se dos mesmos princípios da divisão do trabalho na fábrica. A disciplina pregada por Wesley era similar àquela exigida pelos empregadores nas indústrias inglesas. “Por Cristianismo, eu quero dizer aquele método de adoração a Deus, que está aqui revelado ao homem, através de Jesus Cristo. (WESLEY, 1985, Sermão 24)”.

A formação da ideologia da burguesia industrial consistiu na principal influência do pensamento wesleyano. As representações construídas pelos ensinamentos de Wesley compõem o conjunto de ideias que garantiram o convencimento da classe trabalhadora quanto à legitimidade da dominação burguesa no período da Revolução Industrial. A justificação das relações de dominação no período do surgimento do capital industrial teve, em seus aspectos religiosos, o Metodismo como um dos seus instrumentos.

John Wesley formou um pensamento religioso que atendia a esses requisitos, legitimava as relações de dominação, falseava a consciência, invertia a percepção do real de acordo com os interesses das classes dominantes. O Metodismo contribuiu na dominação do pensamento dos trabalhadores, ele atrelou seus valores aos valores capitalistas, enalteceu a pobreza, a obediência, a disciplina e sistematizou uma religião que coibia qualquer forma de revolta popular.

A expropriação dos trabalhadores por meio da acumulação do capital, a expulsão dos camponeses de suas terras, a concorrência injusta das manufaturas

e posteriormente das indústrias com os artesãos, a Revolução Demográfica, a introdução das novas tecnologias, o comércio internacional, o trabalho nas fábricas e a formação de uma nova ideologia voltada à classe trabalhadora foram as principais causas da formação dos seguidores de John Wesley, assim como dos problemas que eles apresentavam. Wesley preocupava-se com a questão dos males que as desigualdades sociais causavam, o que contribuiu para construção de sua teologia. Contudo, Wesley não propôs uma revolução nas relações do trabalho com o capital, mas uma desaceleração nesse processo, ao condenar a busca de riquezas e incentivar a manutenção apenas do essencial para sobrevivência:

Ó *'quão dificilmente eles que têm riquezas devem entrar no reino de Deus!'*. Quando os discípulos de nosso Senhor ficaram atônitos de ouvi-lo falar assim, Ele esteve tão longe de retroceder nisso, que repetiu a mesma verdade importante, nos termos mais fortes do que antes. *'É mais fácil um camelo passar pelo olho de uma agulha, do que para um homem rico entrar no reino de Deus'*. Quão difícil é isto para aqueles cujas mesmas palavras são aplaudidas, não por serem sábias aos seus próprios olhos! Quão difícil não ver felicidade em suas riquezas, ou nas coisas subordinadas a elas; em gratificar o desejo da carne; o desejo dos olhos; o orgulho da vida! Quão difícil é para eles não pensarem que são melhores do que o pobre, o simples, a massa inculta de homens! O quanto não é difícil buscarem felicidade em suas riquezas, ou nas coisas subordinadas a elas; na gratificação do desejo da carne, no desejo do olho, ou o orgulho da vida! Ó, vocês que são ricos, como poderão escapar da condenação do inferno? Apenas com Deus, todas as coisas serão possíveis! (WESLEY, 1985, Sermão 28 – grifos do autor).

[...] *"Tendo alimento e vestimenta"* (literalmente coberturas; porque a palavra inclui moradia, assim como roupas), *"estaremos com isto satisfeitos"*. Plenamente se segue, o que quer que seja mais do que isto é, no sentido do Apóstolo, riquezas; o que quer que esteja acima das evidentes coisas necessárias, ou, quando muito, conveniências, da vida. Quem quer que tenha suficiente alimento para comer, e vestimenta para colocar, com um lugar onde deitar sua cabeça, e tenha alguma coisa mais, é rico. (WESLEY, 1985, Sermão 126 – grifos do autor)

Wesley não admitia a possibilidade de uma revolução, como não admitia a mudança, a instabilidade, nem o caos (HOBBSAWM, 2012). Seu pensamento era voltado para organização, para o fortalecimento das estruturas sociais debilitadas pela ação do capital e nunca para uma mudança radical da sociedade. Em seus sermões, ele criticou a busca de riquezas. Para Wesley, o importante era diminuir

o ritmo do processo de expropriação e não revertê-lo, ou seja, impedir que os seus efeitos se intensificassem.

Com o objetivo de ver o fundamento e a razão disto, considere que, quando o Senhor dos céus e terra o trouxe para a existência, e o colocou neste mundo, ele o colocou aqui, não como proprietário, mas como mordomo. Como tal, Ele confiou a você, para uma temporada, os bens de vários tipos; mas a propriedade única destes repousa sobre Ele, e não pode ser alienada Dele. Assim como você não se pertence, mas a Ele, tal é, igualmente, tudo que você desfruta. Tal é sua alma e seu corpo, que não são seus, mas de Deus. E assim são seus bens, em particular. E Ele tem dito a você, nos termos mais claros e categóricos, como você deve empregá-los para Ele, de tal maneira que ele possa ser um sacrifício santo, e aceitável através de Jesus Cristo. E por esse serviço leve e fácil, ele promete a recompensa com o peso eterno da glória. (WESLEY, 1985, Sermão 50)

Para Wesley, toda forma de revolta era abominável e, se em alguma coisa ele revolucionou o contexto religioso da Inglaterra do século XVIII, certamente não era essa sua intenção. Ultraconservador, tecia críticas contundentes contra os movimentos dos trabalhadores ingleses e se orgulhava da apatia política dos metodistas. Para ele, uma revolta traria a desordem e Wesley acreditava que a desordem deveria, sempre que possível, ser evitada. Herdou de sua mãe a luta desesperada para estabelecer uma disciplina em sua realidade econômica e familiar caótica. Ao escrever sobre as revoltas em uma de suas cartas, foi enfático:

Neste momento que você se sentou bem satisfeito perto da cena da ação, não tentando, no mínimo, para impedi-los; e todo esse tempo você estava falando de justiça e lei. Ai de mim! Suponha que nós fôssemos Dissidentes (o que eu nego absolutamente, consequentemente as leis contra reuniões secretas de dissidentes, são nada, afinal, para nós); suponha que nós fôssemos turcos ou judeus, — ainda assim, não estamos a ter o benefício da lei de nosso país. Aja contra nós através da lei, se você puder ou ousar; mas não pela violência sem lei — e não fazendo uma multidão amotinada, embriagada, maledicente, blasfema, serao mesmo tempo juiz, júri e carrasco. Isto é rebelião evidente, tanto contra Deus quanto contra o Rei, de modo que você pode, eventualmente, pagar o seu preço. (WESLEY, Carta para James Hargrave, 1748 – tradução nossa)¹¹

¹¹ At this time you sat well pleased close to the scene of action, not attempting in the least to hinder them; and all this time you was talking of justice and law. Alas! Suppose we were Dissenters (which I utterly deny, consequently laws against Dissenting conventicles

John Wesley, mesmo que de forma inconsciente, contribuiu para impedir o colapso da sociedade capitalista. Seus sermões, seus trabalhos sociais, suas obras religiosas, suas publicações, fizeram parte do processo de justificação e manutenção da sociedade industrial. Saber como impedir a degradação total dos trabalhadores e desenvolver uma ética adequada às necessidades do mundo fabril, eram importantes questões para o capitalismo no período da Revolução Industrial. John Wesley construiu uma proposta religiosa e educacional que serviu a essa demanda do capital industrial. O metodismo e a educação metodista se inseriam no conjunto de fatores que auxiliaram na formação de trabalhadores adequados à disciplina do trabalho nas fábricas. Percebemos uma estreita relação entre o pensamento de Wesley e as necessidades do mundo fabril e defendemos que um contribuiu para justificar e consolidar o outro.

are nothing at all to us); suppose we were Turks or Jews; — still, are we not to have the benefit of the law of our country. Proceed against us by law, if you can or dare; but not by lawless violence — not by making a drunken, cursing, swearing, riotous mob both judge, jury, and executioner. This is flat rebellion both against God and the King, as you may possibly find to your cost. (WESLEY, Carta para James Hargrave, 1748)

2. O PENSAMENTO RELIGIOSO DE JOHN WESLEY

Para compreender as concepções educacionais de John Wesley, é importante analisarmos os principais elementos de seu pensamento religioso, buscando entender como as suas crenças influenciaram suas ideias acerca da educação.

2.1. A GÊNESE DO PENSAMENTO WESLEYANO

A infância de John Wesley nos mostra o contexto social da época. Décimo quinto filho, de dezenove, de uma família sem muitas posses, logo cedo se acostumou às necessidades materiais e à severidade da vida. Para Wesley, contentar-se com o essencial para a sobrevivência, ou até com menos, era natural. O sofrimento, a privação, a abnegação estavam presentes no pensamento wesleyano porque eram elementos presentes na sociedade em que ele viveu. “Não existe disposição, por exemplo, que seja mais essencial ao Cristianismo do que a humildade. Agora, até porque ela implica resignação para com Deus, e paciência, na dor e sofrimento [...]” (WESLEY, 1985, Sermão 24). John Wesley acreditava que havia uma recompensa para esse sofrimento, que ele o levaria à aprovação de Deus e para salvação, e foi com base nessa ideia que ele orientou sua vida.

A criação de John Wesley foi rígida, o que era habitual em uma família grande e pobre. Para a mãe de Wesley, governar e sustentar tantos filhos, a disciplina era imprescindível. Não havia tempo nem recursos para tolerar a desorganização e a insubmissão, nem possibilidade para a infância e os erros comuns do desenvolvimento das crianças. O que restava era a disciplina, sob a qual Wesley e seus irmãos foram criados.

Wesley foi educado por doutrinas religiosas diferentes, formou uma concepção plural do Cristianismo. Somente dentro da sua família ele teve contato

com duas visões de Protestantismo: a concepção anglicana do pai e a dissidente da mãe. Na juventude Wesley teve contato com o Pietismo alemão¹², e com a vertente puritana do Calvinismo. Por último, a experiência do “coração aquecido” em Aldersgate, proveniente dos movimentos emotivos do Protestantismo da Inglaterra do século XVIII, foi responsável pelo caráter altamente emocional da religiosidade de John Wesley.

Do Anglicanismo do pai, Wesley herdou a sua formação inicial. Com o objetivo de se tornar um clérigo anglicano, ele seguiu todos os passos necessários para a ordenação. Estudou em Oxford e foi testado segundo as regras da Igreja para obter seu título de pastor. John Wesley nunca esqueceu as bases de suas concepções religiosas, o que foi em parte a razão do sucesso de seu movimento e sua vantagem em relação à Whitefield, o qual não obteve êxito em organizar o Metodismo nos Estados Unidos. Wesley manteve vários elementos da estrutura e da teologia anglicana e, mesmo dirigindo um movimento, não abandonou a ideia de uma organização eclesiástica formal. Assim, tão logo foi possível, transformou o Metodismo em uma religião independente, no modelo paroquial (LELIÈVRE, 1997).

Ao mesmo tempo John Wesley foi influenciado pela herança dissidente da mãe, o que fez com que seu pensamento apresentasse elementos provenientes dos princípios da dissidência inglesa. No seu sermão de ordenação já era possível perceber os elementos de descontentamento com a igreja oficial. Seu tom agressivo, confrontador, em alguns casos, até irreverente, fez com que ele fosse expulso das paróquias anglicanas. Quando foi necessário romper definitivamente com a Igreja Anglicana, para a continuidade do movimento, ele o fez sem nenhum problema, demonstrando que a herança dissidente em seu pensamento havia permanecido forte (LELIÈVRE, 1997).

Depois da experiência missionária na Geórgia e da subsequente crise que vivenciou, elementos de outras correntes reformadoras foram assimilados por John Wesley. O fracasso que experimentou, exerceu um impacto em suas

¹² Movimento religioso iniciado na Alemanha em fins do século XVII, como reação ao dogmatismo da igreja oficial luterana. Seu principal representante foi o pastor luterano Phillipp Jakob Spener (1635 – 1705). O Pietismo defendia a renovação da piedade com base em um retorno subjetivo e individual ao estudo da Bíblia e à oração. O Pietismo era a doutrina seguida pelos Irmãos Morávios, grupo que John Wesley teve contato (WEBER, 2011).

convicções e quase pôs um fim em sua carreira eclesiástica, o que o obrigou a buscar respostas em outras fontes teológicas.

A primeira foi o Pietismo alemão, o contato com os morávios desde o navio que o levou para Geórgia, transformou as concepções religiosas de John Wesley. Seus ensinamentos quanto à salvação influenciaram Wesley após seu retorno à Inglaterra em 1737. Particularmente, no tocante à doutrina da “salvação”, havia uma semelhança entre o Pietismo e o Calvinismo:

Historicamente, a ideia da predestinação foi para todos os efeitos ponto de partida para a corrente ascética habitualmente designada como Pietismo. Enquanto esse movimento se manteve no seio da Igreja Reformada (calvinista), fica praticamente impossível traçar uma fronteira nítida entre os calvinistas pietistas e os calvinistas não pietistas. (WEBER, 2011, p. 117)

Os pietistas foram responsáveis por várias concepções religiosas no pensamento de Wesley. Foi por meio de seus ensinamentos que ele resolveu o seu problema quanto à certeza da salvação. Contudo, naquele momento, o pensamento de Wesley ficou confuso, mesmo após admitir a ação divina no processo de salvação, e por meio disso a possibilidade de encontrar a paz para seus conflitos internos, ele não abriu mão da sua concepção de uma salvação por meio das obras, passando a oscilar entre as duas e desenvolvendo uma concepção híbrida de salvação.

[...] Há poucos dias atrás deparei-me com um sermão teu, supostamente escrito contra mim. É intitulado A Doutrina da Segurança. Quando li pela primeira vez aquelas três proposições lá estabelecidas, — “(1) que uma garantia de salvação não é da essência da fé; (2) que um verdadeiro crente pode esperar muito tempo antes que ele a tenha; e (3) que, depois de havê-la, ela pode ser enfraquecida e descontinuada por muitas inquietações, pecados, tentações e deserções,” — eu pensei que não havia nada ali, além do que eu tanto acreditava e pregava. Porém, prosseguindo, eu fui convencido do contrário; e vi claramente que, através desta frase, “certeza da salvação”, queremos dizer coisas completamente diferentes: tu entendes assim “uma garantia de que vamos perseverar em um estado de salvação”; ao passo que eu quero dizer, nada mais além, através desse termo, do que “uma garantia de que estamos agora em tal estado”. (WESLEY, Carta para Arthur Bedford, 1738 – tradução nossa)¹³

¹³ [...] A few days ago I met with a sermon of yours, said to be written against me. It is entitled The Doctrine of Assurance. When I first read those three propositions there laid down, — “(1) that an assurance of salvation is not of the essence of faith; (2) that a true

No entanto, uma das maiores contribuições do Pietismo para o pensamento de John Wesley não foi doutrinária, mas sim, organizacional. O sistema de sociedades que caracterizou o início do movimento metodista e que foi, em parte, responsável por seu sucesso, foi inspirado nas sociedades morávias que Wesley frequentou e dirigiu no período em que esteve ligado a elas.

A doutrina puritana colaborou na construção do pensamento wesleyano, assim como influenciou o movimento metodista. O Puritanismo e o Metodismo compartilharam de uma estrutura semelhante, no concernente à ética de vida, à disciplina, à abnegação e ao trabalho, contudo, eles se diferenciaram no propósito. O Puritanismo se fundamentava na ideia do “fim supremo”. Todas as coisas deviam ser feitas como se fossem para Deus, cada aspecto da vida era direcionado para a devoção. Uma religiosidade pautada pelo trabalho e pela disciplina, sendo que a certeza da salvação repousava na capacidade de se executar com perfeição as obrigações diárias. O cerne do Puritanismo se encontrava na:

[...] vontade – vontade organizada, disciplinada e inspirada, vontade quiescente, extática em adoração ou retesada em violenta energia, mas sempre vontade – que é a essência do Puritanismo, e para a intensificação e organização da vontade todos os instrumentos daquele arsenal de fervor religioso são mobilizados. O puritano é como a mola de ação comprimida por uma força interior, que destrói todos os obstáculos pelo seu ricochete. (TAWNEY, 1971, p. 191)

Os ensinamentos de Wesley foram estruturados nos moldes puritanos, sua essência era a disciplina, autonegação e o esforço pessoal. Sua doutrina apontava para uma vida pautada pelo culto a Deus em todos os seus aspectos: trabalho, família, educação para busca da excelência, sempre como forma de adoração. O ascetismo metodista e o ascetismo puritano eram semelhantes em

believer may wait long before he hath it; and (3) that, after he hath it, it may be weakened and intermitted by many distempers, sins, temptations, and desertions,” — I thought there was nothing herein but what I both believed and preached. But in going on I was convinced of the contrary; and saw clearly that, by this one phrase, “assurance of salvation,” we meant entirely different things: you understanding thereby “an assurance that we shall persevere in a state of salvation”; whereas I mean no more by that term than “an assurance that we are now in such a state”. (WESLEY, Carta para Arthur Bedford, 1738)

sua prática. Ambos levavam para a vida cotidiana as relações com o sagrado. “Os sinais da mudança de conduta, indispensáveis para o controle da verdade da conversão, como sua ‘condição’, conforme disse Wesley oportunamente, eram a bem da verdade exatamente os mesmos que no Calvinismo” (WEBER, 2011, p. 130).

Após a experiência em Aldersgate, as concepções religiosas de Wesley ficaram caracterizadas pelo sentimentalismo. Tratava-se, a partir de então, de uma religiosidade com predominância dos elementos emocionais, a qual buscava, sistematicamente, a certeza da salvação. A certeza da salvação, ou melhor, a certeza emocional da salvação, foi a característica central do ascetismo wesleyano e se constituiu na diferença fundamental entre o Calvinismo e o Metodismo.

[...] em contraste com o Calvinismo, que reputava como suspeito de ilusão tudo quanto pertencesse ao sentimento, afirmava-se em termos de princípio, como único fundamento incontestável da 'certitudo salutis', uma certeza absoluta puramente sentida pelo agraciado como se emanasse diretamente de um testemunho do Espírito [...] (WEBER, 2011, p. 127)

Contudo, essa religiosidade sentimental, mesmo com dificuldades, criou laços com o ascetismo laico, o que a fez imbuir-se do racionalismo característico da ética puritana. Isto se evidenciou quando Wesley se posicionou contra a concepção de salvação pelas obras (WEBER, 2011).

Ficavam assim evidentes as contradições no pensamento religioso de John Wesley, pois em vários momentos de sua história, seus ensinamentos apresentaram conflitos internos e as posições que ele assumia oscilavam.

2.2. AS CONCEPÇÕES RELIGIOSAS DE JOHN WESLEY

O pensamento religioso de John Wesley assimilou elementos de diferentes correntes reformadas, desenvolvendo uma estrutura plural. As ideias de Wesley alternam entre o emotivo e o racional, entre o entusiasmo e a moderação, entre o inovador e o conservador, ao ponto de ser difícil afirmar com certeza suas

verdadeiras posições. Para Wesley era possível combinar sem problemas um reavivamento radical, que perturbou o equilíbrio religioso da Inglaterra do século XVIII, com a disciplina que caracterizou seu movimento. Era plausível construir uma doutrina embasada nos princípios de fé e graça e, ainda assim, supervalorizar o papel da santidade e das obras no processo de salvação. Um pensamento eclético e ao mesmo tempo, organizado. É necessário trabalhar esses dois aspectos do pensamento wesleyano separadamente.

Religião do coração era uma das designações prediletas de Wesley para a doutrina metodista. Por meio dela descrevia seu caráter emotivo e a diferenciava do Calvinismo. Wesley acreditava que a perfeita relação com Deus só poderia se evidenciar por meio de fortes emoções, o que significaria a aprovação do Espírito Santo às ações dos homens. O entusiasmo e as manifestações emocionais eram certamente os principais elementos de distinção entre o Metodismo e as seitas puritanas (THOMPSON, 2012).

Wesley também, mostrava-se contra o Calvinismo, isso fica claro em uma de suas cartas: “Caro Robert, — Certamente o Calvinismo é o antídoto direto para o Metodismo — isto é, a religião do coração, e eu acho que não seria errado se você apresentasse, onde você julgasse adequado, o diálogo entre um predestinacionista e seu amigo” (WESLEY, Carta para Robert, 1791 – tradução nossa)¹⁴.

Wesley entendia a religião como algo sensorial, passional, que só se evidenciaria por meio de um arrebatamento dos sentimentos, movida por risos, choros e gritos. O Metodismo era uma religião de êxtase, seus cultos representavam emocionalmente todos os passos do caminho da salvação: a dor excruciante do pecado, o sonoro lamento do arrependimento e o gozo da redenção. Essa concepção era abominável para os calvinistas, que viam qualquer tipo de emoção como suspeita, uma ameaça à sobriedade da fé (WEBER, 2011).

Por causa desse caráter sentimental, o movimento wesleyano ficou conhecido como um reavivamento e caracterizou-se pela intensificação da doutrina da fé, da graça e da santificação. Em todos os lugares onde o Metodismo

¹⁴ Dear Robert, — Certainly Calvinism is the direct antidote to Methodism — that is, heart religion, and I think it would not be amiss if you presented, where you see proper, the Dialogue between a Predestinarian and his Friend” (WESLEY, (WESLEY, Carta para Robert, 1791)

se desenvolveu, houve significativas mudanças no contexto religioso, como comoção popular, entusiasmo e radicalismo, o que contribuiu para gerar a ideia de um reavivamento. Essa, provavelmente, era também a melhor definição de seu movimento religioso, como é possível ver em um sermão pregado já em sua velhice:

Assim sendo, não é altamente provável que Deus irá levar sua obra, da mesma maneira, como Ele começou? Que Ele irá levá-la, eu não posso duvidar; por mais que Lutero possa afirmar, que um avivamento da religião nunca dura mais que uma geração, — que é, de trinta anos; (considerando que o presente avivamento já continua acima de cinquenta anos), ou, não obstante os profetas do mal possam dizer: 'Tudo chegará ao fim, quando os primeiros agentes forem removidos'. É muito provável, então, que haverá um grande abalo; mas eu não posso me persuadir a pensar que Deus tem forjado tão gloriosa obra, para deixá-la submergir e morrer em poucos anos. Não: Eu confio que isto é apenas o começo de uma obra ainda maior; o alvorecer 'da glória dos últimos dias'. (WESLEY, 1985, Sermão 63)

Wesley acreditava que estava realizando uma revolução religiosa, que influenciaria todo o Protestantismo; ele nunca viu o Metodismo como mais uma religião, uma nova confissão que se diferenciava das demais, mas como a manifestação da verdade que deveria abranger todo o Cristianismo. A única religião verdadeira merecedora de Deus, a qual transformaria cristãos nominais em cristãos autênticos (WESLEY, 1985, Sermão 101).

O pensamento religioso de John Wesley não era apenas emotivo. Além de ter um caráter sentimental, as concepções religiosas de Wesley se constituíram em uma radicalização das doutrinas reformadas, especialmente da doutrina da santificação, que na versão wesleyana pregava a possibilidade de um estado de ausência total de pecados ainda na vida terrena (WEBER, 2011). Wesley compreendia o processo de conversão dos homens como definitivo e ilimitado, uma estrada para a perfeição humana em todos os aspectos. Para Wesley, as lendas, as crenças populares e o imaginário de outras religiões poderiam ser incorporados à fé reformada sem nenhum problema.

Qualquer acontecimento dramático, como o terremoto de Lisboa de 1755, despertava expectativas apocalípticas. Havia na verdade, uma instabilidade milenarista no cerne do próprio Metodismo. Wesley que era crédulo a ponto de acreditar em bruxas, possessão demoníaca e bibliomancia (ou procura de

orientações em trechos da bíblia aberta ao acaso), às vezes formulava premonições a respeito da iminência do Dia do Juízo Final (THOMPSON, 2011, p. 59).

A religiosidade wesleyana era um universo rico de elementos incomuns para as confissões reformadas tradicionais do século XVIII. Fantasmas, bruxas, premonições e profecias, ocultismo e demônios, todos envolvidos em uma batalha cósmica pelas almas dos homens que, ao lado dos anjos, participavam de uma fantástica guerra vivenciada no limite emocional por todos os metodistas. Esses elementos, mesmo que não intencionalmente, contribuíam para desviar a atenção dos seguidores de Wesley das questões do mundo material e os deixavam inertes quanto aos problemas sociais que os afetavam.

O "despertar religioso" fez muito em prol da propagação das seitas. Assim, o salvacionismo pessoal de John Wesley (1703-1791) e de seus metodistas, intensamente irracionalista e emotivo, deu ímpeto para o renascimento e a expansão da dissidência protestante, pelo menos na Grã-Bretanha. Por esta razão, as novas seitas e tendências foram inicialmente apolíticas ou, até mesmo (como no caso das seitas wesleyanas metodistas) fortemente conservadoras, pois se afastavam do maléfico mundo exterior em busca da salvação pessoal ou da existência de grupos auto-contidos, o que constantemente significava que rejeitavam a possibilidade de qualquer alteração coletiva de suas condições seculares. Suas energias "políticas", em geral, eram dirigidas para as campanhas morais e religiosas, como as que multiplicaram as missões estrangeiras, o antiescravagismo e as agitações em prol da moderação dos costumes. (HOBBSAWM, 1977, p. 249)

O último aspecto emocional que iremos discutir é o medo. O medo era um recurso pedagógico no século XVIII que Wesley assimilou. O pensamento wesleyano estava intimamente ligado ao medo; isso pode ser observado em seu diário, seus sermões e suas cartas. O medo fazia parte da vida de Wesley, estava em sua fé, em seus relacionamentos e também em seus ensinamentos religiosos.

Desde cedo as crianças aprendiam sobre o terror do inferno, sobre a ira de Deus e as consequências reservadas para os pecadores (THOMPSON, 2012). Isso não se resumia às crianças, pois o medo era amplamente utilizado nos púlpitos metodistas, como parte essencial da teologia wesleyana: "[...] temor da ira de Deus, habitando em ti, da maldição de Deus, dependurada sobre tua

cabeça, da flamejante indignação pronta a devorar esses que se esqueceram de Deus e não obedeceram nosso Senhor Jesus Cristo [...]” (WESLEY, 1985, Sermão 7).

Ao mesmo tempo em que as concepções religiosas de John Wesley eram emotivas ou supersticiosas, apresentavam também, uma estrutura racional. A organização e a sistematização no pensamento wesleyano eram admiráveis, dotadas de uma lógica impecável. Wesley desenvolvia métodos para tudo o que fazia, desde as atividades básicas do dia a dia até a expansão de seu movimento. J. H. Plumb (1955) deu a melhor definição para a singularidade do pensamento de John Wesley quando afirmou: “Poucos homens tiveram sua capacidade transcendental para agitar o coração; nenhum combinou isso com seu gênio para a organização” (PLUMB, 1955, p. 90 – tradução nossa)¹⁵.

O cerne do pensamento wesleyano era o método, seu trabalho era orientado por um procedimento específico, dotado de lógica e regularidade. A capacidade de sistematizar até simples detalhes do cotidiano foi o que concedeu, não injustamente, o nome de Metodismo ao movimento de Wesley. O conceito Wesleyano de religião consistia na sistematização da vida humana em busca da salvação, cada passo deveria ser cuidadosamente planejado e organizado para esse fim. Até os momentos de êxtase e manifestações emocionais eram realizados sob a orientação de um método pré-determinado (THOMPSON, 2012).

O que fez John Wesley ser o líder do movimento metodista e seu maior símbolo foi sua capacidade de organização. A organização eclesiástica, a organização litúrgica, a organização evangelística e a organização financeira de Wesley estavam entre os principais fatores de sucesso do Metodismo (THOMPSON, 2012).

Para Wesley, as emoções estavam confinadas aos cultos e rituais religiosos e eram inadmissíveis em outras situações. Para todos os outros momentos seus ensinamentos conduziam para uma vida de regras e austeridade, onde os sentimentos deveriam ser sempre contidos:

Nem tinha Deus mais qualquer oportunidade de fazer uma pausa e deliberar, e estabelecer regras para Sua própria

¹⁵ Few men have had his transcendental capacity to stir the heart; none has combined this with his genius for organization (PLUMB, 1955, p. 90)

conduta, durante toda a eternidade, do que Ele tem agora. O que havia era qualquer medo de Seu posterior engano, se Ele não tivesse de antemão preparado decretos para direcioná-lo, o que ele estava a fazer. Qualquer homem dirá que Ele era mais sábio antes da criação do que a partir dela ou então que Ele tinha mais tempo livre, e que Ele deveria aproveitar aquela oportunidade para resolver seus assuntos e fazer as regras (ou para Si mesmo, das quais Ele não deveria se afastar). Ele tem agora, sem dúvida, a mesma sabedoria e todas as outras perfeições as quais Ele tinha desde a eternidade; e agora é tão capaz de fazer decretos, ou melhor, não tem melhor ocasião para eles agora do que tinha anteriormente: seu entendimento continua sendo sempre igualmente claro e brilhante, sua sabedoria igualmente infalível (WESLEY, Notas explicativas ao Novo Testamento, 1754 – tradução nossa)¹⁶

O pensamento religioso de John Wesley oscilava entre o racionalismo e o sentimentalismo, o que era uma das características de sua doutrina.

Contudo deve-se ressaltar o caráter intermitente do sentimentalismo wesleyano. Os contemporâneos que constataram o caráter prático ou a vida doméstica metodistas destacavam, principalmente, a sua disposição metódica, disciplinada e reprimida. Esse é o paradoxo de uma “religião do coração” que se distinguiu pela inibição de toda a espontaneidade. O Metodismo sancionou as “emoções do coração” somente para as celebrações religiosas; [...] (THOMPSON, 2012, p. 310-311)

Os elementos contraditórios no pensamento wesleyano não se resumiram à dicotomia razão e emoção, mas também se mostravam em sua ideia central, a salvação. A teologia wesleyana tinha como principal objetivo a certeza da salvação. Essa foi a principal questão religiosa da vida de Wesley e, consequentemente, se tornou o foco central de suas concepções religiosas (WEBER, 2011). Contudo, o pensamento de John Wesley sobre a salvação não se enquadrava em nenhuma das correntes teológicas de sua época.

¹⁶ Nor had God any more occasion to pause and deliberate, and lay down rules for His own conduct from all eternity, than He has now. What was there any fear of His mistaking afterwards, if He had not beforehand prepared decrees to direct Him, what He was to do. Will any man say, He was wiser before the creation than since or had He then more leisure, that He should take that opportunity to settle His affairs, and make rules (or Himself, from which He was never to vary). He has doubtless the same wisdom and all other perfections at this day which He had from eternity; and is now as capable of making decrees, or rather has no more occasion for them now than formerly: His understanding being always equally clear and bright, his wisdom equally infallible. (WESLEY, Notas explicativas ao Novo Testamento, 1754)

Wesley se declarava anti-calvinista, combatia a ideia da predestinação e atribuía à fé e à graça a tarefa de levar os homens à salvação. Quanto a predestinação ele afirmava:

Uma vez mais: Já que todos que são chamados foram predestinados, então, todos a quem Deus tem predestinado, Ele pré-conheceu. Ele conheceu; Ele os viu como crentes, e como tais, os predestinou à salvação, de acordo com seu decreto eterno, *'Ele que crê será salvo'*. Assim, nós vemos todo o processo da obra de Deus, do fim ao começo. Quem está glorificado? Ninguém, a não ser aqueles que foram antes santificados. Quem está santificado? Ninguém, a não ser quem foi antes justificado. Quem está justificado? Ninguém, a não ser aqueles que foram primeiro predestinados. Quem está predestinado? Ninguém, a não ser aqueles a quem Deus pré-conheceu como crentes. (WESLEY, 1985, Sermão 58 – grifos do autor)

Para Wesley, a salvação era resultado da fé, todos aqueles que cressem em Deus alcançariam a salvação e ela ocorreria apenas sob essas condições. Em uma carta para sua mãe ele afirmava que a predestinação calvinista era injusta e contrariava a ideia de um Deus misericordioso (WESLEY, Carta para Susana Wesley, 1725). Seria então a fé o único meio para se obter a salvação. Essa predestinação não seria evidenciada pelo sucesso financeiro, mas sim pelo êxtase emocional nos momentos de culto. Os fortes sentimentos que aflorariam nos rituais metodistas confirmavam o estado de graça. Além disso, segundo Wesley, as boas obras poderiam também indicar que determinado indivíduo havia alcançado a graça de Deus (THOMPSON, 2012). Ou seja, mesmo negando o Calvinismo e a doutrina da predestinação, o pensamento wesleyano conservava uma espécie de Calvinismo remanescente, o qual concedia aos homens a ideia da existência de um certo nível de predestinação durante o processo de salvação.

Nós admitimos que o estado de uma pessoa justificada é inexprimivelmente grande e glorioso. Ele é nascido novamente, *'não do sangue; nem da carne; nem da vontade do homem, mas de Deus'*. Ele é filho de Deus, um membro de Cristo, um herdeiro do trono dos céus. *'A paz de Deus, que ultrapassa todo entendimento, mantém seu coração e mente em Jesus Cristo'*. Mesmo seu corpo é um *'templo do Espírito Santo'*, e uma *'morada de Deus, através do Espírito'*. Ele é *'feito novo em Jesus Cristo'*: Ele é lavado; ele é santificado. Seu coração é purificado pela fé; ele é limpo *'de toda corrupção que está no mundo, o amor de Deus espalha-se em seu coração, pelo Espírito Santo que é dado*

a ele'. E, por quanto tempo ele 'caminha no amor' (o que ele pode sempre fazer), ele adora a Deus em espírito e em verdade. Ele mantém Seus mandamentos, e faz todas as coisas que são agradáveis aos olhos de Deus; assim, exercitando a si mesmo, como para 'ter a consciência que evita a ofensa, em direção a Deus, e em direção ao homem': E ele tem poder, tanto sobre o pecado exterior quanto interior, até mesmo, do momento em que ele é justificado. (WESLEY, 1985, Sermão 13 – grifos do autor)

As obras também não consistiam, no pensamento wesleyano, em uma forma de alcançar a salvação. Desde sua experiência em Aldersgate, John Wesley havia negado a ideia de uma salvação por meio de obras. Porém, foi nesse momento que a teologia de Wesley se diferiu das principais correntes reformadas de sua época, quando ele, ao mesmo tempo negou e afirmou a necessidade das obras. No que concerne às obras, a diferença entre o pensamento wesleyano e o pensamento protestante do período em que viveu era evidente:

Que acreditemos, é uma instância de Sua graça; que acreditando seremos salvos. "Não pelas obras, para que não qualquer homem possa se vangloriar". Todas as nossas obras, e nossa retidão, antes da nossa crença, tinham mérito nenhum, perante Deus, mas condenação. Tão longe estávamos de merecermos fé, que, quando dada, não era pelas obras. Nem é salvação das obras o que fazemos, quando acreditamos, uma vez que é Deus que trabalha em nós; dessa forma, ele nos deu uma recompensa por aquilo que ele mesmo realizou, não só, confiando as riquezas de sua misericórdia, mas não nos deixando do que nos gloriarmos. (WESLEY, 1985, Sermão 1 – grifos do autor)

Eu tenho ido assim, tão longe, por muitos anos, como muitos desses lugares podem testificar; usando diligência para evitar todo o mal, e ter uma consciência isenta de ofensa; resgatando o tempo; e, em toda oportunidade, fazendo todo o bem a todos os homens; constantemente e cuidadosamente, usando todos os meios públicos e todos os meios privados da graça; esforçando-me, na busca de uma sinceridade firme de comportamento, todo o tempo, e em todos os lugares; e, Deus é meu testemunho, diante de quem eupermaneço, fazendo tudo isso, com sinceridade; tendo um desígnio real de servir a Deus; um desejo ardente de fazer todas as suas vontades; para agradar a Ele que tem me chamado para "lutar uma boa luta", e para "assegurar a vida eterna". Ainda assim, minha própria consciência testemunha, no Espírito Santo, que todo esse tempo, eu tenho sido, a não ser um quase cristão. (WESLEY, 1985, Sermão 2)

Wesley combatia a salvação pelas obras. Segundo ele, os elementos centrais do processo de salvação eram a fé em Deus e a graça de Deus. Contudo, Wesley não desvencilhou seu pensamento religioso da concepção sobre a necessidade das obras. Ele negou as obras e logo em seguida encontrou um novo espaço em sua teologia para elas. John Wesley compreendia as obras como parte indissociável da fé, um desejo de Deus e não um meio de se adquirir a salvação. Segundo ele, elas seriam a demonstração do conhecimento do estado de graça, sem as obras ninguém poder ser realmente cristão (WEBER, 2011). Para Wesley, a graça poderia ser perdida, haveria então alguns procedimentos necessários para se conservar a graça, os quais ele sistematizou na forma de doutrina para que todos os metodistas praticassem.

Havia três meios óbvios para conservar a graça. Em primeiro lugar, através do serviço da Igreja, como líder de classe, pregador local ou no desempenho de tarefas mais humildes. Em segundo lugar, mediante o cultivo da própria alma, através de exercícios religiosos, entonação de salmos e, principalmente, esforços em reproduzir as perturbações emocionais da conversão, a convicção do pecado, a penitência e o recebimento pela graça. Em terceiro lugar, mediante uma disciplina metódica em todos aspectos da vida. E, acima de tudo pelo próprio trabalho [...]. (THOMPSON, 2012, p. 305)

No metodismo, a fé e a graça só se efetivariam por meio das obras, o que na prática não apresentaria nenhuma diferença entre os seguidores de Wesley e os anglicanos. E John Wesley foi além, criou um parâmetro de perfeição que extrapolava qualquer confissão religiosa de sua época. Ele pregava a perfeição como indício de salvação, a certeza de que alguém seria salvo estava no estado de perfeição que ele já havia alcançado, o que significaria a manifestação da graça de Deus (WARNER, 1930).

O pensamento religioso de John Wesley pode ser definido como uma organização sistemática das contradições religiosas de sua época em um único corpo doutrinário. Suas ideias mantinham uma conflituosa relação de afirmação e negação, associadas unicamente pela genialidade organizacional do fundador do Metodismo. Razão e emoção, fé e obras, predestinação e livre-arbítrio todos juntos formaram a complexidade que foi o pensamento wesleyano.

2.3 A ÉTICA RELIGIOSA DE JOHN WESLEY

Se o pensamento religioso de John Wesley apresentava alguns elementos contraditórios, suas ideias sobre ética eram bem definidas. Esta sempre foi a essência do Metodismo: uma teoria religiosa de caráter social vinculada às transformações na Inglaterra do século XVIII. Wesley buscou intervir na conduta de vida, seu pensamento religioso se ocupava mais em criar uma prática cristã do que formular novas concepções de religião. “A genialidade única do despertar religioso foi para efetuar um novo status moral para o indivíduo em suas relações sociais, e ele prescreveu um método, a eficácia que mede a solidez de sua visão”. (WARNER, 1930, p. 58-59 – tradução nossa)¹⁷.

Em suas obras escritas, John Wesley desenvolveu as duas doutrinas fundamentais da ética metodista, que foram por definição a tradução precisa do ideal do movimento wesleyano. A doutrina da vontade enferma e a doutrina do perfeccionismo, complementares, demonstram o processo de formação ética desenvolvido pelo Metodismo, desde seu ponto de partida até seu objetivo final e o método para percorrer esse caminho (WARNER, 1930). Wesley não apenas organizou um movimento religioso; ele organizou a vida das pessoas que faziam parte desse movimento, definiu a razão de seus problemas, o seu propósito de vida e a ética necessária para alcançá-lo, em um controle quase absoluto sobre seus seguidores.

Segundo Warner (1930), Wesley afirmava que os homens eram bons em seu estado primitivo, suas vontades estavam de acordo com as vontades de Deus, eram santos, puros, perfeitos, viviam de acordo com a vontade divina como expressão natural dos seus instintos. Contudo, o homem passou a viver em condições não naturais e teve sua vontade corrompida pela sociedade, pelo pecado, pelas tradições, passando a necessitar de uma restauração em sua vontade e desejos. Isto, de acordo com Wesley, só seria possível se se buscasse um método que pudesse alterar a natureza humana. Esse processo de

¹⁷ The unique genius of the religious awakening was to effect a new moral status for the individual in his social relationships, and it prescribed a method, the effectiveness which measured the soundness of its insight (WARNER, 1930, p. 58-59)

degradação humana teria sido intensificado com as transformações que a sociedade inglesa do século XVIII havia sofrido.

Porém, apesar das influências externas exercidas pelas instituições sociais, a culpa do fracasso humano, segundo Wesley era individual. Os homens eram responsáveis por sua própria condição e apenas eles poderiam transformá-la. Ao analisar os problemas do século XVIII, Wesley defendeu a necessidade de uma transformação da sociedade por meio do indivíduo (WARNER, 1930).

John Wesley considerava as paixões humanas como o elemento que desencadeava o processo de depravação da humanidade, segundo ele, os sentimentos alteravam a capacidade de autogoverno das pessoas e as levavam a se corromper. Wesley compreendia as paixões humanas como a ausência da razão, dessa forma a solução para a corrupção humana seria negar as emoções e buscar a racionalidade (WARNER, 1930).

Ao criar a doutrina da vontade enferma, John Wesley demonstra o conflito existente em sua concepção quanto à razão dos problemas que ele combatia, sobre esses estarem focados na sociedade ou nos indivíduos. Ele analisa e critica o processo econômico, as instituições sociais, a elite inglesa e a política governamental, contudo, no final não deixou de atribuir ao indivíduo a parcela maior da culpa pelos males que o acometia. Wesley, ao formular a doutrina da vontade enferma, ratificou o individualismo protestante, o que confirma a afirmação de Weber quando declara que os fundamentos religiosos do Metodismo são os mesmos do Calvinismo (WEBER, 2011).

Para Wesley, a solução para a “enfermidade moral” que acometia a vontade dos homens estava no aperfeiçoamento da vontade por meio dos dogmas. Uma “moralização social” com ênfase no fortalecimento da vontade dos indivíduos consistiria no método adequado para a restauração do estado natural de bondade e de virtude da humanidade, que se concretizaria na doutrina wesleyana da perfeição. Essa concepção se assemelhava à ética puritana que contribuiu na formação do pensamento de Wesley.

Para ilustrar isto um pouco mais: A vontade de Deus é um caminho que conduz direto para Ele. A vontade do homem que corre paralela à vontade do Pai, é agora um outro caminho, não apenas diferente dele, mas em nosso estado atual, diretamente contrário a ele. Ele conduz a Deus. Se, portanto, caminhamos em

um, devemos necessariamente desistir do outro. Nós não podemos caminhar em ambos. De fato, um homem de coração fraco e mãos frágeis pode seguir nos dois caminhos, um depois do outro. Mas ele não poderá caminhar nos dois ao mesmo tempo: ele não pode, num determinado momento, e ao mesmo tempo, seguir sua vontade, e seguir a vontade de Deus: Ele deve escolher uma ou outra; negando a vontade de Deus, ele irá seguir a sua própria; negando a si mesmo, ele seguirá a vontade de Deus. (WESLEY, 1985, Sermão 48)

A doutrina da vontade enferma seria apenas o ponto de partida da ética wesleyana, o problema a ser sanado, e foi construída para em determinado momento se transformar na doutrina da perfeição (WARNER, 1930). Era o centro da concepção ética de John Wesley, sendo amplamente ensinada pelos metodistas. Wesley acreditava na possibilidade da perfeição ainda nesse mundo, no potencial humano para superar suas fraquezas, defeitos e imperfeições, frutos do pecado, da conjuntura social e do enfraquecimento da vontade. Para Wesley, o perfeccionismo era uma doutrina prática, encontrava-se dentro das possibilidades humanas e por meio dela era possível levar não só o indivíduo, mas a sociedade a um estado de redenção.

Sejam mais zelosos por todas essas ordenanças que nosso abençoado Senhor tem designado; para continuarem nelas, até o fim do mundo. Sejam mais zelosos pelas obras de misericórdia; esses sacrifícios dos quais Deus se agrada; essas marcas, por meio das quais o Pastor de Israel conhecerá suas ovelhas no dia final. Sejam ainda mais zelosos pelos temperamentos santos, pela longanimidade, gentileza, mansidão, humildade, resignação; mas sejam mais zelosos do que tudo, pelo amor, a rainha de todas as graças, a mais alta perfeição na terra e céu, a própria imagem do Deus invisível, tanto nos homens abaixo, quanto nos anjos acima. (WESLEY, 1985, Sermão 92)

A doutrina wesleyana da perfeição sofreu diversas críticas, foi considerada impossível, impraticável e resultado de devaneios de Wesley. Em relação às críticas, Wesley replicava que sua doutrina não era nada além do que o puro e simples evangelho encontrado nas escrituras, dessa forma, acima de qualquer julgamento ou censura (WARNER, 1930).

A concepção wesleyana da perfeição pode ser definida como a restauração do homem ao seu estado primitivo, anterior ao pecado, quando suas vontades e suas atitudes eram semelhantes às de Deus. O homem perfeito era o homem

divino, uma personificação da natureza divina igual Cristo o foi. Uma transformação tão profunda que livraria o indivíduo de todas as “imoralidades”, perversões e fraquezas. Ele estaria na definição cristã de perfeição humana, aquele que ama a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo e teria uma predisposição natural para praticar o bem. Na prática, esse estado de perfeição poderia ser comprovado de duas formas:

O caráter prático e mundano desse ensinamento foi estabelecido por dois testes definidos para a posse da experiência do perfeccionismo. Em primeiro lugar, a sua realização produzia uma sensação de harmonia interior, uma segurança interior, a marca de caráter íntegro; e, em segundo lugar, o exterior de alguémera direcionado para fins sociais, pois seu princípio de controle era para ser uma disposição habitual de amizade comum — não limitado a nenhuma seita o nosso grupo, mas tão grande quanto a comunidade. O registro filantrópico do movimento é uma verificação desta qualidade normal da experiência de avivamento. (WARNER, 1930, p. 70 – tradução nossa)¹⁸

Nessa definição é possível encontrar os dois elementos centrais das práticas metodistas, a busca por recompensas emocionais e o enfoque nas obras sociais. Ambos se complementavam, pois, as obras sociais faziam parte das práticas que proporcionavam a satisfação interna que os metodistas buscavam alcançar.

O cristão metodista vivenciava um sentimento de auto-perfeição, de superioridade em relação ao mundo “depravado” que o cercava. Em sua própria visão, ele não mais fazia parte desse mundo, vivia em outra realidade, criada e confirmada pela sensação de harmonia e certeza interior. Ele atuava e interferia nesse mundo, não motivado por uma responsabilidade social, mas impelido por esse “estado de graça” interno que exigia uma demonstração equivalente de benevolência.

¹⁸ The practical and present-worldly character of this teaching was established by two tests defined for the possession of the experience of perfectionism. First, its realization produced a sense of inner harmony, an inward assurance, the mark of integrated character; and, secondly, one's outward was directed to social ends, for its controlling principle was to be an habitual disposition of communal friendliness — not confined to any sect our group, but as wide as the community. The philanthropic record of the movement is one verification of this normal quality of revival experience. (WARNER, 1930, p. 70)

Para se alcançar a perfeição, Wesley defendia que era necessário vivenciar experiências com Deus, o conhecimento sobre Ele guiaria os homens pelo caminho de aperfeiçoamento e santificação. Segundo Wesley, isso não significava possuir um vasto conhecimento teológico, mas “sentir” Deus, ter uma confirmação interna da ação divina. Esse “conhecimento” estaria disponível para todos os homens, independente de seu status social e só dependeria da disposição de cada pessoa em buscar esse estado (WARNER, 1930).

Mais proximamente concerne aos metodistas, assim chamados, entenderem, explicarem e defenderem esta doutrina claramente; porque é uma grande parte do testemunho que Deus tem dado a eles conduzir para toda a humanidade. É através dessa bênção peculiar sobre eles na busca das Escrituras, confirmada pela experiência de seus filhos, que essa grande verdade evangélica tem sido resgatada, o que, em muitos anos, tinha sido perdida e esquecida, ou quase isto; (WESLEY, 1985, Sermão 11)

O metodismo wesleyano era uma religião de “experiências”, de sensações, nele, as emoções eram tanto o método quanto o objetivo. A facilidade com que se era possível alcançar a Deus dentro da fé metodista foi o que a tornou tão atrativa para as classes mais pobres da Inglaterra. A religião de Wesley era ao mesmo tempo difícil pela severidade de suas doutrinas e fácil pela simplicidade de seus métodos, nela, era possível a todos, independente da origem ou formação, praticá-la. Mesmo que a doutrina da perfeição apresentasse objetivos difíceis, dentro do Metodismo, buscá-los era fácil.

A doutrina da perfeição pregava o exercício da vontade. Era a vontade, fortalecida e intensificada pela ética religiosa, ao ponto de se tornar forte o suficiente para vencer as atitudes denominadas pelo Cristianismo como “fraquezas” e “perversões”. A ética wesleyana concedia ao indivíduo uma capacidade de transformação, que pode ser comparada àquela que o Puritanismo concedeu à burguesia no século XVII.

O sucesso do movimento wesleyano na Inglaterra está diretamente ligado à doutrina da perfeição. Ela gerou os elementos responsáveis pela expansão do Metodismo, ou seja, aqueles que se adequaram às necessidades sociais do surgimento do mundo industrial, tais como obediência, disciplina, abnegação, sacrifício e esforço. Esses elementos, juntamente com sua simplicidade, que

facilitava a compreensão da massa, seu caráter prático e sua compensação emocional, foram o motivo do êxito do movimento.

A obediência é outro elemento da ética wesleyana. Para Wesley, ela é uma das maiores evidências do estado de perfeição. O homem que age segundo a vontade de Deus é acima de tudo, obediente. Esta é uma das principais exigências divinas. Segundo Wesley, só é possível alcançar a justificação por meio da obediência, que consiste numa demonstração de fé e santidade. No pensamento wesleyano, santidade e obediência são qualidades que devem andar juntas. A obediência também consiste na condição imprescindível para a prática da religião cristã. Sem ela seria impossível que alguém fosse considerado cristão. Ela deveria ser praticada com alegria e sem questionamentos:

Uma coisa a mais era indispensavelmente requerida pela retidão da lei, ou seja, que esta obediência universal, essa perfeita santidade, ambos do coração e vida, pudesse ser perfeitamente ininterrupta também; pudesse continuar, sem qualquer interrupção, do momento em que Deus criou o homem, e soprou em suas narinas o fôlego da vida, até os dias, em que seu julgamento tivesse terminado, e ele pudesse ser confirmado na vida eterna. (WESLEY, 1985, Sermão 110)

A disciplina é outro elemento essencial da ética wesleyana. É a partir dela que se organiza a prática metodista. Para Wesley, não existe diferença entre a doutrina e a disciplina, ambas são dois aspectos do mesmo processo e, em vários momentos, ele as descreve como uma única coisa. Wesley acreditava que a disciplina era um dom de Deus e só seria possível realizar Sua obra por meio dela. Além disso, Wesley entendia a disciplina como demonstração de racionalidade: “Agora, o que pode ser mais racional ou mais bíblico do que esta simples disciplina; atendida desde o início até o fim, com nenhuma perturbação, despesa, ou demora?” (WESLEY, 1985, Sermão 107). John Wesley organizou sua vida, sua teologia e seu movimento por meio da disciplina. Ela é um dos fundamentos de seu pensamento e a essência de seu método.

Outro aspecto da ética wesleyana é a humildade. Ela é, segundo ele, a base para a convivência entre os homens. A humildade é a prova da existência de um caráter cristão, pois Jesus era humilde e seus verdadeiros seguidores deveriam ser também. Humildade, para Wesley, consistia em reconhecer as

próprias fraquezas e necessidades e com isso compreender que o único valor que as pessoas possuem é amar a Cristo. Ser humilde seria então, no pensamento wesleyano, a marca da salvação, a demonstração de um caráter transformado pela ação do Espírito Santo. Só por meio da humildade que os homens conseguiriam ser dependentes de Deus e agir de acordo com Sua vontade, ela está ligada ao “negar a si mesmo” pregado por Cristo, como exigência para segui-lo. Para Wesley só era possível ser cristão por meio da humildade.

Clamem por Ele, para todo o espírito de humildade, a fim de que, se o orgulho roubar seus corações, se vocês afirmarem alguma coisa de si mesmos, enquanto vocês se esforçam para salvar outros, vocês não destruam suas próprias almas. Antes e durante o trabalho, do começo ao fim, que seus corações esperem Nele por um contínuo suprimento da humildade e gentileza, da paciência e longanimidade, para que vocês possam nunca ficar irados, ou desencorajados, diante de qualquer tratamento que seja, rude ou suave, delicado ou indelicado, com o qual possam se encontrar. (WESLEY, 1985, Sermão 98)

Wesley compreendia o trabalho como uma demonstração de louvor a Deus e que o mesmo deveria ser executado como tal. A ética wesleyana requeria que o trabalho fosse realizado com o máximo das forças, de inteligência e dos talentos, como se fosse feito para Deus. Ele afirmava que os homens deveriam estudar e trabalhar o máximo possível, preenchendo todo o tempo livre para evitar que fosse usado para praticar o pecado:

[...] é um dever sagrado de todos que estão engajados nos negócios mundanos, seguirem a primeira e grande regra da sabedoria cristã, com respeito ao dinheiro: *'ganhe tudo que você puder'*. Ganhe tudo que você puder, através de empresas honestas. Use toda diligência possível em seu chamado. Não perca tempo. Se você entende a si mesmo, e sua relação com Deus e homem, você sabe que não poderá poupar quem quer que seja. Se você entende seu chamado particular, como você deve, você não terá tempo a perder. Todo negócio irá dispor de algum empreendimento suficiente para todo dia e toda hora. Que, onde quer que você esteja colocado, se você seguir na honestidade, você não achará tempo livre para diversões tolas e inúteis. Você terá sempre alguma coisa melhor para fazer; alguma coisa que irá ser proveitosa a você, mais ou menos. E *'o que quer que suas mãos encontrem o que fazer, faça-o, com toda tua força'*. Faça, tão logo seja possível: Sem demora! Não protele para o dia seguinte, ou para a hora seguinte! Nunca deixe para amanhã o que você pode fazer hoje. E faça tão bem quanto possível. Não

durma ou boceje sobre ele: coloque toda tua força no trabalho: não poupe dores. Não deixe coisa alguma ser feita pela metade, ou de maneira inadequada ou descuidada. Não deixe coisa alguma em seu trabalho, sem ser feita, se ela pode ser feita, com esforço e paciência. (WESLEY, 1985, Sermão 50 – grifos do autor)

O trabalho deveria ser feito com prazer e oferecido para Deus em forma de donativos aos pobres. Nunca deveria buscar riquezas ou honra, mas o louvor a Deus e o auxílio aos necessitados. Wesley declarava a indolência como abominável, uma ofensa a Deus e qualquer um que a praticasse não poderia se considerar cristão, “Vocês que são chamados de homens morais não sabem, então, tanto quanto isto, que toda a inatividade é imoralidade; que não existe nenhuma desonestidade mais grosseira do que a indolência” (WESLEY, 1985, Sermão 134).

Contudo, segundo Wesley, mais deplorável do que a preguiça era a ganância, a busca por riquezas era o caminho para a decadência humana. Segundo Wesley, a principal das beatitudes era a “pobreza de espírito”. Assim, para Wesley, a busca por riqueza era contra os princípios cristãos. Ele afirmou que os pobres de espírito são: “[...] aqueles que amam a pobreza; que estão livres da cobiça; do amor do dinheiro; que temem, preferivelmente, a desejarem as riquezas” (WESLEY, 1985, Sermão 21). O verdadeiro cristão despreza as riquezas, foge delas, priva-se do desnecessário e usa o excedente para o auxílio ao próximo, caso contrário ele perderá sua alma e permanecerá nas trevas pela eternidade: “[...] se tu buscares algumas das coisas da terra, tu serás cheio de descrença e iniquidade; teus desejos, temperamentos, afeições, estarão fora de curso, permanecendo nas trevas, sendo vis e inúteis” (WESLEY, 1985, Sermão 28).

Para Wesley, todos os cristãos tinham o dever de auxiliar ao próximo, era um dos propósitos do trabalho, a evidência do estado de perfeição e até a prova de ter alcançado a graça de Deus. John Wesley afirmava que se deveria ajudar a todos, de todas as formas possíveis, não importando o sacrifício necessário, quer se tratasse de amigo ou inimigo, a solidariedade era uma lei divina. Durante a sua vida, Wesley seguiu a ética da solidariedade, realizando diversas obras

sociais. Para ele o auxílio ao próximo era parte indissociável da vida cristã e uma exigência para o convívio em sociedade.

E em fazendo o bem, ele não se limita aos préstimos baratos e fáceis da benevolência, mas trabalha e sofre, para o proveito de muitos, para que, por todos meios, ele possa ajudar a alguém. A despeito da luta ou da dor, "o que quer que suas mãos encontrem o que fazer, ele faz, com toda sua força", não importa, se para amigos ou para inimigos, para o mau ou para o bom. Porque, não sendo "indolente", nisso, ou em suas "tarefas", quando ele "tem oportunidade", ele faz o "bem"; todas as formas de bem, "a todos os homens", para suas almas, tanto quanto para seus corpos. (WESLEY, 1985, Sermão 2)

A prática do bem por meio do auxílio aos necessitados, seria o propósito máximo do trabalho. Após suprida as necessidades básicas, todo o esforço dos homens deveria ser em busca de socorrer o próximo.

A partir de todas as ideias sobre John Wesley e a Inglaterra do século XVIII que foram expostas até aqui é possível compreender a relação entre as transformações no contexto econômico e social inglês e a formação do pensamento religioso de Wesley. A vida de John Wesley anterior à formação do Metodismo e a Revolução Industrial foram responsáveis por levantar as principais questões que ele tentou responder. A herança religiosa meio dissidente e meio anglicana, a relação com o pietismo alemão e com a doutrina calvinista concederam a Wesley os componentes necessários para a construção da doutrina metodista. As experiências de uma vida regrada, forjada a partir de uma criação severa, o contexto histórico revolucionário com transformações radicais tanto na economia como na organização social e as influências de várias correntes teológicas diferentes, foram os elementos que ajudaram a determinar as principais obras de John Wesley durante sua vida. Dentre essas obras se encontra a construção e a execução de uma proposta educacional, voltada a resolver os principais problemas de seu tempo e pautada pelas suas convicções religiosas. Será sobre essa proposta educacional que trataremos no próximo capítulo, com o objetivo de demonstrar o pensamento educacional de John Wesley, suas principais influências e a relação entre ele e as ideias trabalhadas até o presente momento.

3. O PENSAMENTO EDUCACIONAL DE JOHN WESLEY

As influências religiosas, econômicas e familiares que estiveram presentes na vida de John Wesley, associado ao contexto educacional do século XVIII deram origem ao seu pensamento educacional. Foi por meio da relação entre sua vida pessoal, o contexto econômico da Revolução Industrial e seu pensamento religioso associado às principais correntes educacionais de sua época, que ele construiu seu pensamento educacional.

3.1. EDUCAÇÃO NA INGLATERRA DO SÉCULO XVIII

A educação na Inglaterra do século XVIII ainda não havia sido transformada pelo processo de industrialização, ou seja, não havia se desenvolvido um ensino com objetivo de formar a burguesia industrial e os proletários, o que a deixava aquém do esperado de uma nação que buscava a hegemonia econômica mundial. Se considerarmos as necessidades do mundo fabril como parâmetro, suas instituições, nesse período, não correspondiam ao necessário para uma educação apropriada. É após o início do processo revolucionário que surge a necessidade de se criar uma educação para as massas, ou seja, a necessidade de uma educação voltada às massas urbanas é gerada pela própria Revolução Industrial.

Foi a Revolução Industrial, a qual ganhou ritmo no último trimestre do século 18, que finalmente estimulou o Estado a fornecer um sistema nacional de educação, porque a indústria requeria muito mais do que as limitadas habilidades de leitura adquiridas através do catecismo moral. Contudo, o progresso no estabelecimento de um sistema de ensino público provaria ser dolorosamente lento. (GILLARD, CAP 2 – tradução nossa)¹⁹

¹⁹ It was the Industrial Revolution, which gathered pace in the last quarter of the 18th century, which finally spurred the State into providing a national education system, because industry required much more than limited reading skills acquired through moral catechism. However, progress in establishing a public education system would prove to be painfully slow. (GILLARD, CAP 2)

Na época anterior à Revolução Industrial, a maioria das famílias abastadas contratava tutores particulares para cuidar da educação dos seus filhos ou os enviava às escolas escocesas (HOBBSAWM, 1997). Não havia qualquer iniciativa para uma educação em massa, o esforço para a alfabetização dos pobres se concentrava principalmente nas mãos de organizações religiosas. As escolas dominicais, escolas para moças, escolas de caridade, entre outras, demonstravam o caráter devocional da educação inglesa no século XVIII.

O movimento iniciado por Wesley não foi uma exceção, participando da criação de várias instituições de ensino da época. Tais instituições sofriam resistência de alguns grupos que eram contrários à educação dos pobres, por considerá-la perigosa para a sociedade.

Não antes do final do século, com certeza o Metodismo e o Movimento Evangélico levam um segmento crescente dos ricos a se ocuparem um pouco mais com a educação de caridade dirigida aos pobres; e, mesmo assim, haviam muitas dúvidas sobre os perigos de ensinar às pessoas pobres, ideias acima de sua posição social” (COLE; POSTGATE, 1961, p. 39 – tradução nossa)²⁰

A educação religiosa nesse período, não se limitava às iniciativas de alfabetização popular. O púlpito era o principal local de ensino e, em muitos casos, era a única educação a que a população mais pobre tinha acesso. “Por várias gerações, a educação mais usualmente acessível vinha do púlpito e da Escola Dominical, do Velho Testamento e do Progresso do Peregrino. Entre essa imagística e a experiência social havia um intercâmbio contínuo [...]” (THOMPSON, 2011, p. 61).

No final do século XVIII surgiu um novo tipo de escola: as escolas industriais, as quais já possuíam como objetivo principal orientar a população pobre, em especial as crianças, para o trabalho nas fábricas. Elas ocorriam na maioria das vezes na própria fábrica e mesclavam o ensino dos conhecimentos básicos com o ensino do trabalho fabril.

²⁰ Not till near the end of the century did Methodism and the Evangelical Movement cause a growing section of the rich to busy themselves anew about the charitable education of the poor; and even then there were many misgivings about the dangers of teaching poor people ideas above their station” (COLE; POSTGATE, 1961, p. 39)

Às crianças eram ensinadas leitura e escrita, geografia e religião. Trinta das garotas mais velhas foram empregadas em tricô, costura, fiação e trabalho doméstico, e 36 meninas mais jovens foram empregadas apenas em tricô. Aos meninos mais velhos foi ensinado a fabricação de sapatos, e os meninos mais jovens preparavam maquinaria para pentear lã. As meninas mais velhas ajudavam na preparação do café da manhã, o qual era fornecido na escola por uma pequena taxa semanal. A elas também foi ensinado o trabalho de lavanderia. A equipe consistia de um diretor, dois professores de fiação e tricô e um professor de fabricação de calçados. (GILLARD, 2011, Chapter 2 – tradução nossa)²¹

Esse movimento educacional foi posterior à atuação de John Wesley, porém, a necessidade de mão-de-obra para a fábrica, a qual deu origem às escolas industriais foi contemporânea a ele e influenciou suas concepções de educação. A demanda por um sistema educacional que preparasse as pessoas para a sociedade fabril apareceu com as primeiras fábricas.

John Wesley viveu em um período de transição entre o sistema de ensino voltado para a população pobre, organizado por instituições religiosas. Para o sistema posterior à Revolução Industrial, a educação para a população pobre passou a ser organizada pelo Estado com o objetivo de suprir as necessidades do mundo fabril. Esse contexto histórico que marcou a passagem de um modelo educacional para o outro, contribuiu para a formação do pensamento educacional de Wesley e de sua proposta de ensino, a qual continha elementos dos dois mundos: o tradicional e o industrial.

Wesley sempre manifestou interesse pela questão educacional. Em vários de seus textos encontramos alusão à importância de se educar as crianças. Em seus livros é possível encontrar o valor que dava ao conhecimento. Nas escolas que criou, era evidente o comprometimento que teve com a educação. O pensamento educacional wesleyano dialogou com as teorias do período e as adaptou para a realidade econômica da Inglaterra do século XVIII. Sua

²¹The children were taught reading and writing, geography and religion. Thirty of the older girls were employed in knitting, sewing, spinning and housework, and 36 younger girls were employed in knitting only. The older boys were taught shoemaking, and the younger boys prepared machinery for carding wool. The older girls assisted in preparing breakfast, which was provided in the school at a small weekly charge. They were also taught laundry work. The staff consisted of one schoolmaster, two teachers of spinning and knitting, and one teacher for shoemaking. (GILLARD, 2011, Chapter 2)

importância residiu na forma com que articulou as principais ideias educacionais de sua época com os problemas que afligiam a Inglaterra nesse período: as consequências da ação do capital sobre a classe trabalhadora inglesa.

A primeira influência teórica na concepção educacional de John Wesley ocorreu no período em que ele se associou aos morávios, quando teve contato com as ideias de John Amós Comenius (1592-1670), pastor morávio que desenvolveu uma teoria educacional. A segunda influência foi a do *Tratado sobre Educação* de John Milton (1608-1674), cujas ideias eram admiradas por Wesley. A terceira influência sobre o pensamento educacional de Wesley foram as ideias de John Locke (1632-1704), em especial, os *Ensaaios sobre o Entendimento Humano*. Wesley também debateu em seus escritos o *Emílio*, texto de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) sobre a educação (PRINCE, 1926).

De Comenius ele recebeu a concepção religiosa de educação, a ideia de um ensino voltado ao aperfeiçoamento da alma e à aquisição das virtudes cristãs. Para Wesley, assim como para Comenius, não havia uma separação entre os ensinamentos cristãos e o aprendizado secular, ambos deveriam ter como propósito fazer uma aproximação de Deus e fazer a vontade divina. O objetivo máximo de uma proposta pedagógica na concepção wesleyana seria a evangelização das crianças:

Agora, como o Cristianismo tem criado, por assim dizer, o novo mundo moral e religioso, e estabelecido tudo que é razoável, sábio, santo e desejável em seu ponto de vista verdadeiro; então, alguém poderia esperar que a educação dos filhos pudesse ser tão melhorada pelo Cristianismo, como as doutrinas da religião são. Como ele introduziu um novo estado de coisas, e nos informou tão completamente da natureza do homem, e a finalidade de sua criação; como ele tem fixado todas as nossas bondades e maldades, nos ensinado os significados de purificar nossas almas, de agradar a Deus, sermos felizes eternamente; alguém poderia naturalmente supor que cada região cristã afluísse com escolas, não apenas para ensinar poucas questões e respostas de um catecismo, mas para formar, instruir e treinar as crianças, em tal curso da vida como as doutrinas mais sublimes do Cristianismo requerem. (WESLEY, 1985, Sermão 95)

A partir de Milton, Wesley desenvolveu a ideia de uma educação para vida e para a cidadania, a concepção de que o ensino deveria levar os sujeitos a servir a sociedade, ser útil para o Estado e participar ativamente na resolução dos

problemas sociais. Podemos perceber essa ideia no currículo que desenvolveu, com a presença de vários escritores antigos, o que lembra a proposta de Milton para a educação. Porém, a maior influência do pensamento educacional de John Milton sobre Wesley residia na concepção de uma educação para a formação de princípios morais. A admiração das teorias educacionais de Milton é admitida pelo próprio Wesley:

É verdade, por muitos anos eu suspendi a execução desta parte do meu projeto. Eu estava, de fato, completamente convencido, desde que li o admirável "Tratado sobre a Educação" de Milton, que era altamente vantajoso para todo jovem começar e terminar a sua formação no mesmo lugar. Eu estava convencido de que nada poderia ser mais irracional e absurdo, do que interrompê-la no meio, para começá-la novamente em um lugar diferente, e em um método bastante diferente. As muitas e grandes inconveniências disto, eu soube por desventurada experiência. (WESLEY, 1997, p. 367 – tradução nossa)²²

As teorias educacionais que John Wesley mais estudou foram as de John Locke, tendo inclusive escrito uma análise sobre a principal obra de Locke nessa área: *Remarks Upon Mr. Locke's Essay on Human Understanding* (1781). Wesley compartilhava as concepções de Locke sobre a criança, em especial a ideia da ausência de conhecimentos prévios e do aprendizado passivo. Como de Milton, Wesley também herdou alguns princípios da educação de Locke, que acreditava que a bondade de um indivíduo era fruto do trabalho externo, o que tornava responsabilidade das escolas e professores construir indivíduos com valores morais e princípios de convivência social. Apesar de ter baseado várias de suas concepções educacionais em Locke, Wesley teceu duras críticas a alguns aspectos de seu principal trabalho, em sua análise, chegou a afirmar que suas ideias não eram claras, seus termos inadequados e seu pensamento confuso (WESLEY, 1997, p. 367). Porém, no geral John Wesley admirava as suas ideias e encerrou sua análise com a seguinte afirmação:

²² It is true, I have for many years suspended the execution of this part of my design. I was indeed thoroughly convinced, ever since I read Milton's admirable "Treatise on Education," that it was highly expedient for every youth to begin and finish his education at the same place. I was convinced nothing could be more irrational and absurd, than to break this off in the middle, and to begin it again at a different place, and in a quite different method. The many and great inconveniences of this, I knew by sad experience. (WESLEY, 1997, p. 367)

A partir de uma análise cuidadosa de todo este trabalho, eu concluo que, em conjunto com vários erros, (mas nenhum deles de grande importância), o mesmo contém muitas excelentes verdades, propostas de maneira clara e forte, por um grande mestre tanto do raciocínio como da linguagem. Pode, portanto, ser de uso admirável para os jovens estudantes, se lido com um tutor criterioso, o qual poderia confirmar e ampliar o que é certo, e protegê-los contra o que está errado no mesmo. Eles poderiam, então, fazer o seu pleno uso de todas as justas observações feitas por este excelente escritor, e ainda sem esse apego exagerado a ele, que é tão comum entre os seus leitores. (WESLEY, 1997, p. 555 – tradução nossa)²³

A proposta pedagógica de Wesley consistiu na releitura e aplicação das teorias de Locke, Milton e Comenius, autores importantes para o estudo da educação naquela época.

3.2. CONCEPÇÕES EDUCACIONAIS DE JOHN WESLEY

John Wesley compreendia a educação de uma forma universal, independente da estratificação social, suas teorias eram voltadas tanto para o ensino das classes altas como das classes baixas e durante sua vida discutiu a necessidade de educação como um todo. Seus trabalhos sociais com as classes baixas, entre eles os relacionados à educação, fizeram com que seu nome ficasse ligado à educação dos pobres, porém, esse nunca foi seu objetivo (BODY, 1936). Wesley nunca enxergou a presença da ideologia dominante em suas teorias. Para ele, sua proposta educacional era uma necessidade de toda sociedade e em

²³ From a careful consideration of this whole work, I conclude that, together with several mistakes, (but none of them of any great importance,) it contains many excellent truths, proposed in a clear and strong manner, by a great master both of reasoning and language. It might, therefore, be of admirable use to young students, if read with a judicious tutor, who could confirm and enlarge upon what is right, and guard them against what is wrong, in it. They might then make their full use of all the just remarks made by this excellent writer, and yet without that immoderate attachment to him which is so common among his readers. (WESLEY, 1997, p. 555)

nenhum momento ficou evidente que ele compreendia que suas teorias serviriam para subjugar as classes pobres.

A teoria educacional de John Wesley era focada na prática, da mesma forma que suas concepções religiosas desprezavam a contemplação, suas concepções educacionais se opunham ao ensino meramente acadêmico que consistisse em um objetivo em si mesmo (BODY, 1936). Para Wesley, a educação deveria ser voltada para uma prática que resolvesse as questões do mundo real. Ele elaborou sua proposta educacional baseado nos problemas que observou na Inglaterra do século XVIII. Ter vivenciado a crise social desse período foi o que tornou suas ideias adequadas às necessidades do capital industrial, em expansão. A educação sempre ocupou uma boa parte dos trabalhos de John Wesley:

[...] outras referências em seu diário indicam uma apreciação real de quão vergonhosamente necessária era, na sua época, a provisão de educação geral para todos; embora, em 1766, vamos encontrá-lo realizando uma campanha solitária, em Bristol, com uma série de sermões sobre a educação de crianças, todos pregados dentro de uma semana. Dois anos depois, também, o que deve ter sido uma batalha educacional de rara qualidade contra partes interessadas de empregadores de mão de obra infantil, aliadas à tradicional independência de espírito do Norte, é discernível em uma nota em seu diário que ele ainda recebeu uma "resposta muito estúpida" quando ele "trouxe coisas estranhas aos ouvidos de muitos, em Manchester, sobre o controle de suas famílias e a educação de seus filhos" (BODY, 1936, p. 45 – tradução nossa)²⁴

O que reforça a ideia de uma educação que buscava resolver os problemas do mundo fabril.

Para Wesley havia várias deficiências nas escolas inglesas, em primeiro lugar, as escolas não eram bem situadas, em sua maioria estavam concentradas nas grandes cidades, principalmente em Londres. A localização das escolas

²⁴ [...] other references in his journal indicate a real appreciation of how shamefully wanting was his age in the provision of general education for all; while, in 1766, we find him conducting a lone campaign, at Bristol, with a series of sermons on the education of children, all preached within a week. Two years later, also, what must have been an educational battle of rare quality against interested parties of employers of child-labour, allied to traditional Northern independence of spirit, is discernible in a note in his journal that he still received "a very silly answer" when he "brought strange things to the ears of many in Manchester, concerning the government of their families and the education of their children" (BODY, 1936, p. 45)

impedia que crianças do interior estudassem, ou, se não, dificultavam o acesso a uma educação de qualidade. Outro problema relacionado à concentração de escolas nos grandes centros era o perigo de que as crianças do interior, as quais possuíam uma formação cristã mais severa, fossem influenciadas pelo comportamento das cidades, inclusive o de suas crianças. Segundo Wesley, isto se constituía num exemplo ruim de comportamento (BODY, 1936). Nesse sentido, o principal problema de Wesley quanto à educação nas cidades, consistia em como educar os alunos num espaço cheio de contradições, sem que eles perdessem o sentido da religião.

Em segundo lugar, Wesley criticava as formas de admissão de crianças nas escolas, alegando que faltavam critérios para efetuar essa seleção. Para ele, muitas crianças de índole duvidosa, ou até corrompidas, eram aceitas nos estabelecimentos de ensino, o que permitia que outras crianças fossem afetadas pelo seu exemplo. Wesley defendia a ideia de que as crianças que apresentassem um mau comportamento, deveriam ser expulsas imediatamente para prevenir a corrupção das demais (BODY, 1936).

O terceiro problema para Wesley era o fato de o ensino religioso nas escolas ser deficiente e até mesmo inexistente (BODY, 1936). Esta crítica partia da concepção wesleyana de educação atrelada à religião. A educação com uma fraca instrução religiosa perderia sua razão de existir. O sentido da educação para Wesley era formar a pessoa como um todo e esse todo era voltado à vontade de Deus, ou seja, o ensino para a salvação. O principal objetivo de John Wesley era combater as práticas condenadas pelo Cristianismo.

Por último, Wesley criticou o currículo das escolas inglesas que supervalorizava o aprendizado da escrita e da aritmética e, em contrapartida, desprezava o estudo dos clássicos. Essa concepção era fruto da leitura das obras de Milton, especialmente das suas críticas sobre a ausência de escritores antigos nos currículos escolares. Wesley defendia que o uso de clássicos na educação consistia no melhor método para se combater a ignorância e demonstrou isso em uma proposta curricular, na qual era ensinado até o grego e o hebraico (BODY, 1936).

A educação era um elemento fundamental da teologia wesleyana, seu papel estava diretamente ligado com a doutrina da perfeição. Para Wesley, a

principal ferramenta na restauração do estado original da alma era a educação, por meio dela se poderia curar a enfermidade da vontade.

E como a única finalidade de um médico é restaurar a natureza ao seu estado próprio; então, a única finalidade da educação é restaurar nossa natureza racional ao seu estado apropriado. Educação, portanto, deve ser considerada como razão, usada como segunda-mão, para, tanto quanto ela puder, suprir a perda da perfeição original. E, como a Medicina pode justamente ser chamada de a arte de restaurar a saúde; então, a educação pode ser considerada, sob outro aspecto, como a arte de recuperar, para o homem, a sua perfeição racional. (WESLEY, 1985, Sermão 95)

A proposta educacional de John Wesley era também a sua proposta religiosa, com o Cristianismo como forma de reformar o mundo por meio do ensino. Uma transformação ética por meio da educação cristã, que iria além de uma instrução acadêmica ou de um catecismo religioso, mas sim uniria os dois em um modelo educacional que redefinisse a ética social. De acordo com Wesley a educação cristã mudaria a forma das crianças pensarem e curaria o que ele denominava de doenças da natureza humana.

Segundo Wesley, as doenças da natureza eram aquelas ligadas à vontade enferma, as doenças da alma que o homem desenvolveu por viver em condições pecaminosas e que refletem a corrupção humana. A primeira delas é o ateísmo. O pecado levou o homem à condição de besta e o mal primordial foi perder a noção da existência de Deus. A educação deveria, em primeiro lugar, trazer novamente esse conhecimento aos homens.

[...] não parece que o homem tem naturalmente alguma ideia a mais de Deus, do que alguma das bestas do campo; afinal, ele não tem conhecimento de Deus; nem temor de Deus; nem Deus está em todos os seus pensamentos. Qualquer que possa ser a mudança a ser forjada, mais tarde, (se pela graça de Deus, ou pela sua própria reflexão, ou pela educação); pela sua natureza, ele é um mero ateísta. (WESLEY, 1985, Sermão 95)

A segunda doença é a corrupção do pensamento, que levou o homem a pensar mais em si mesmo que nos outros, é o orgulho que consiste na raiz de todo o pecado e a educação deveria ensinar o valor do próximo à humanidade. A terceira doença é o amor ao mundo, uma deturpação nos desejos humanos que o

levou a amar mais as coisas corruptas dessa terra do que ao próprio Deus, a educação deveria consertar o desejo humano. A quarta doença é a ira que leva os homens à loucura e à violência, o papel da educação é ensinar aos homens a paz e o domínio próprio (WESLEY, 1985).

A quinta doença é a mentira, que dissemina o engano e envenena a sociedade. A natureza humana se corrompeu se tornando dissimulada e enganosa, a educação deveria restaurar aos homens a verdade. A última doença é a injustiça, os homens se tornaram injustos, gananciosos, sem misericórdia, esqueceram que todos são iguais e merecem os mesmos benefícios, a educação deveria ensinar aos homens a fazerem aos outros o que eles desejam que se faça a eles. Conforme Wesley, a educação é a cura de todas essas doenças, como ele enfatiza:

Agora, se essas são as doenças gerais da natureza humana, não é a grande finalidade da educação curá-las? E não cabe a todos esses a quem Deus tem confiado a educação dos filhos, tomar todo cuidado possível, primeiro, para não aumentar, não alimentar alguma dessas doenças, (como a generalidade dos pais constantemente fazem), e, depois, usar todos os meios possíveis para curá-las? (WESLEY, 1985, Sermão 95)

Wesley afirma que a educação deve se iniciar com o ensino da obediência, essa é a primeira lição que os pais deveriam dar aos seus filhos e nenhum outro ensinamento prosperará se esse não for aprendido. Wesley enfatiza que a vontade dos pais deveria ser lei para os filhos, logo cedo as crianças deveriam ser ensinadas sobre a submissão e o respeito à autoridade paterna. Desrespeitar a vontade dos pais, além de ser o caminho para a degradação, é também o mesmo que desrespeitar a vontade de Deus. A primeira tarefa no ensino dos filhos é prepará-los para obedecer a Deus, quebrar sua vontade para que ela se submeta à vontade divina:

É com admirável sabedoria que o Pai dos espíritos deu esta direção, para que a força dos pais supra a falta de força, e o entendimento dos pais, a falta de entendimento, em seus filhos, até que eles tenham força e entendimento próprios; assim a vontade dos pais pode [deve] conduzir aquela de seus filhos, até que eles tenham sabedoria e experiência para se conduzirem por si mesmos. Esta, portanto, é a primeiríssima coisa que os filhos têm de aprender, — que eles devem obedecer a seus pais,

submeterem-se à vontade deles, em todas as coisas. E a isto, eles podem ser habituados, muito antes que eles entendam a razão dela, e, na verdade, muito antes, que eles sejam capazes de entender alguma coisa dos princípios da religião. Portanto, Paulo direciona todos os pais a trazerem seus filhos *"na disciplina e doutrina do Senhor"*. Porque a vontade deles pode ser corrigida pela própria disciplina, até mesmo, na tenra infância deles; visto que deve ser um tempo considerável depois, antes que eles sejam capazes de instrução. Este, portanto, é o primeiro ponto de todos: Dobrem a vontade deles, desde o primeiro alvorecer da razão; e, por habituá-los a submeterem a vontade deles, os preparem para submeterem-se à vontade do Pai que está nos céus. (WESLEY, 1985, Sermão 96 – grifos do autor)

O método proposto por Wesley da educação para obediência é a severidade. Uma educação rígida, que não aceita a desobediência, que puna a insubmissão, que não permita a extravagância e os exageros, que não encoraje a rebeldia e não recompense o choro. A resposta para a desobediência é a punição, sempre que o ensino brando e suave falhar, ela deve ser usada sem medo, pois a ausência dela é negligência.

Desenvolver o hábito da submissão, aprender a praticar as doutrinas de Deus e ter suas vontades quebradas é o que se deve esperar da educação de uma criança na concepção de Wesley. Para ele, educar consistia na preparação para que as pessoas cumprissem o seu papel no plano do Criador.

Em toda obra de Wesley a disciplina sempre ocupou um papel importante. Não foi diferente com a educação, pois segundo ele, por meio dela seriam corrigidas as deficiências do caráter das crianças. Para Wesley, qualquer método de ensino era ineficaz se houvesse indisciplina, pois a disciplina era o centro de toda educação e o requisito para se formar um verdadeiro religioso. O aspecto mais importante de se educar para a disciplina era, segundo Wesley, a restauração da vontade enferma, que consistia em uma de suas teorias religiosas. A vontade enferma era fruto da corrupção das condições de vida do homem que por si só era bom, mas influenciado pela "imoralidade" que o cercava, ele se tornava mal. A disciplina constituiria, então, um fortalecimento dessa vontade que havia sucumbido à corrupção, o que resultaria em um último estágio na cura da enfermidade que o acometia (PRINCE, 1926).

Wesley acreditava que as crianças cresciam "fracas" e "moles" devido à má criação que recebiam, desprovidas de regras e sem a devida punição pelos seus

erros. Em sua concepção, os principais culpados eram os pais que não eram severos o suficiente com seus filhos, o que permitia a formação de crianças frágeis, suscetíveis à maldade. Essa ideia fica clara em um trecho de sua proposta educacional:

[...] É nosso desejo particular, que todos os que são educados aqui possam ser estimulados no temor a Deus, e na máxima distância, mantenham-se distantes do vício em geral, em particular, da complacência e da afeminação. Portanto, as crianças dos pais de coração mole, assim chamados, não tem nenhum objetivo aqui; pois as regras não serão quebradas em favor de qualquer pessoa que seja. (WESLEY, 1997, p 364 – tradução nossa)²⁵

A solução para a questão da indisciplina e fragilidade das crianças estava, segundo Wesley, no trabalho com suas vontades. Ele defendia que os desejos e vontades deveriam ser quebrados pelos educadores, para se formar os adultos perfeitos. As vontades das crianças deveriam estar de acordo com a vontade de Deus, eliminando-se todo orgulho, todo amor pelas coisas desse mundo, toda malícia, nem que para isso fosse necessário o uso de métodos dolorosos (PRINCE, 1926).

A educação familiar era um aspecto importante do projeto educacional wesleyano. Para ele, a educação deveria se iniciar no lar, e ser direcionada pelos pais, por meio de conselhos, persuasão, reprovação e correção (WESLEY, 1985, Sermão 94). Quanto aos castigos, Wesley enfatiza que eles são necessários, pois dificilmente a persuasão e a reprovação serão suficientes, porém, devem ser usados com moderação e apenas em último caso. O chefe da família deveria se esforçar para que todos recebessem educação, especialmente a educação religiosa, pois essa é uma das suas funções como provedor da casa. Esposa, filhos, filhas, empregados, a educação deveria ser para todos e a responsabilidade para que isso acontecesse deveria ser do pai de família.

²⁵ [...] It is our particular desire, that all who are educated here may be brought up in the fear of God, and at the utmost distance, as from vice in general, so in particular from softness and effeminacy. The children therefore of tender parents, so called, have no business here; for the rules will not be broken in favor of any person whatever. (WESLEY, 1997, p 364)

Contudo, quando Wesley, pensava a família ela já estava projetando a família metodista, organizada e estruturada a partir de suas doutrinas. A família contribuiria para formação desse novo cidadão idealizado por Wesley, com uma educação baseada nos ensinamentos metodistas, aquele seria capaz de resistir à degeneração ocasionada pelo mundo industrial.

O ensino deveria se iniciar logo de manhã, pois era, segundo Wesley, a hora onde o raciocínio se encontrava em melhores condições para o aprendizado. Esse ensino deveria se estender durante o dia inteiro, até que as crianças estivessem repousando novamente. Nesse tempo os pais deveriam proteger seus filhos dos pensamentos levianos e das ideias corruptas, por meio das verdades na palavra de Deus:

Enquanto você fala sobre isto, ou de alguma tal maneira, você deve continuamente elevar seu coração a Deus, implorando a Ele que abra os olhos do entendimento deles, e derrame sobre eles a Sua luz. Ele, e tão somente, Ele pode fazê-los divergir das bestas que perecem. Ele somente pode aplicar Suas palavras em seus corações; sem que todo o Seu trabalho seja em vão. Mas, quando quer que o Espírito Santo ensine, não existe demora em aprender. (WESLEY, 1985, Sermão 94)

Wesley afirmava que a corrupção humana ocorria a partir da infância, era nesse momento que as crianças eram submetidas à maldade e suas almas comprometidas, o que as levava à condição de vontade enferma. Wesley acreditava que na educação infantil era possível se regenerar a humanidade, para que essa alcançasse a perfeição, o que consistia na teoria central de sua teologia. A aplicação das doutrinas cristãs na vida das crianças as tornaria verdadeiras religiosas. Segundo ele, isso deveria ocorrer por meio de uma adequação dos ensinamentos religiosos ao entendimento infantil:

Mas falar para elas cedo não terá proveito, a menos que você igualmente fale claramente. Use tais palavras que as crianças pequenas possam entender, justamente aquelas que elas próprias usam. Cuidadosamente, observe as poucas ideias que elas já têm, e se esforçam para enxertar o que você diz a elas. Para dar um pequeno exemplo: Mande a criança olhar; e pergunte. *'O que você vê lá?'. 'O sol'.* *'Veja, quão brilhante ele é! Sinta quão quente ele brilha sobre sua mão! Veja, como ele torna a grama verde! Mas Deus, embora você não possa ver, está acima do céu, e é uma porção mais brilhante que o sol! É Ele; é Deus que faz com*

que a grama e as flores cresçam; que torna as árvores verdes, e faz com que os frutos brotem nelas! Pense no que Ele pode fazer! Ele pode fazer o que quer que agrade a Ele. Pode tocar em mim ou em você e nos levar até Ele, de repente! Mas Ele ama você; Ele ama lhe fazer o bem. Ele ama fazer você feliz. Como, então, você não poderia amá-Lo? Ele irá ensinar você como Ele quer que você O ame'. (WESLEY, 1985, Sermão 94 – grifos do autor)

John Wesley defendia que era possível para uma criança nova seguir fielmente os ensinamentos cristãos. Sua concepção religiosa de uma bondade natural, inata, que consistisse em uma característica inerente ao ser humano, o levava a afirmar que crianças menores de seis anos, independentes de uma influencia social, conseguiriam atingir uma maturidade religiosa semelhante a de um adulto (PRINCE, 1926).

Wesley afirmava que o processo de ensino deveria ser contínuo e realizado como se fosse um culto a Deus: “Enquanto você fala sobre isto, ou de alguma tal maneira, você deve continuamente elevar seu coração a Deus, implorando a Ele que abra os olhos do entendimento deles” (WESLEY, 1985, Sermão 94). Educar a criança também faria parte da devoção humana, toda educação consistiria em uma parte do processo de implantação do reino de Deus. O ensino, em especial o ensino religioso, seria o alimento espiritual que os pais deveriam prover aos filhos da mesma maneira que proviam o alimento físico.

Segundo Wesley as moças deveriam aprender a ter uma boa índole, fugir do orgulho, falsidade, vaidade e intrigas. Ele ensinava que elas deveriam ser acima de tudo mulheres cristãs, preparadas para cumprirem seu papel no lar, um modelo para os filhos. Assim Wesley criticava o envio de moças para internatos, em sua visão essas escolas corrompiam as meninas que eram enviadas para lá: “[...] eu nunca conheci uma mulher piedosa e consciente que tenha sido educada em um grande internato, que nunca afirmou que alguém também poderia enviar uma jovem donzela para ser educada em Drury-Lane, Londres [escola católica]” (WESLEY, 1985, Sermão 94). A melhor educação que poderia ser dispensada a uma moça, segundo Wesley, era em casa pela mãe, ou por uma professora particular que fosse reconhecidamente cristã.

Wesley sempre criticou a educação escolar inglesa, seu projeto de construir uma escola ideal não surgiu ao acaso, foi gerado por uma insatisfação que remontava a sua infância. Quando era criança ele sofreu abusos na escola

interna, o que o fez considerar todo o ensino escolar como corrompido. Segundo Wesley as escolas eram responsáveis por levar as crianças ao pecado, por meio do mau exemplo que recebiam de outras crianças e pela falta de cuidado dos professores e tutores. Para Wesley, era melhor as crianças não receberem tanta instrução e, até mesmo, não alcançar bons salários, do que perder a pureza e a salvação. Acima de tudo, o dever dos pais era garantir a formação religiosa dos seus filhos, mesmo que para isso fosse necessário sacrificar a formação acadêmica:

Eu fico chocado, acima de qualquer medida, ao observar quão pouco disto é atendido, até mesmo, pelos pais devotos! Até mesmo esses consideram apenas como ele pode ganhar mais dinheiro; e não como ele pode conseguir mais santidade! Até mesmo esses consideram apenas como ele pode conseguir mais dinheiro; não como ele pode conseguir mais felicidade! Até mesmo esses, junto ao seu motivo glorioso, o enviam para um mestre pagão, e para uma família, onde não existe a forma, e muito menos, o poder da religião! Apoiado neste motivo, eles o colocam em um trabalho que não deixará para ele a probabilidade, sem uma possibilidade, de servir a Deus. Ó pais selvagens! Crueldade diabólica e desnatural. – se vocês cressem que existe um outro mundo! (WESLEY, 1985, Sermão 94)

A ideia central do pensamento educacional wesleyano é certamente a religião. Em suas ideias sobre a educação é possível perceber a relação com os princípios religiosos. Sua concepção educacional se assemelhava à de Comenius, na qual a religião e a educação andam juntos para o propósito supremo de levar o homem até Deus. Wesley entendia ambas, religião e educação, como mutuamente dependentes, no processo de extinção da ignorância, o que consistia na condição para o fim da maldade e da injustiça (BODY, 1936).

A educação para Wesley era o treinamento para a salvação, a forma de transformar crianças em religiosos, de inseri-las no caminho da santidade e do serviço a Deus. Pela educação se alcançaria a regeneração, a obediência, a disciplina e a ética necessárias para encontrar a Deus (PRINCE, 1926). A experiência religiosa do reavivamento metodista se iniciava no processo educacional, a certeza da salvação só seria alcançada por esse caminho, seja com crianças seja com adultos. A educação metodista ocorria por meio do mesmo

mecanismo da doutrina metodista: o êxtase. A alegria da salvação era também a alegria do aprendizado, da obediência e da disciplina. Por este motivo é possível afirmar que a educação para Wesley nunca foi um objetivo, ela era um método para alcançar a salvação.

Wesley defendia a educação religiosa em todos os seus textos sobre educação, Porém um em especial foi escrito com esse propósito: “A thought on the manner of educating children (1996-1997)”. Nesse texto John Wesley discute as vantagens de uma educação cristã e refuta as críticas em relação a ela, em especial àquela feita por Rousseau em “Emílio”.

Segundo Wesley os problemas da educação religiosa se encontravam na forma como ela era realizada, e não nela em si. Wesley afirmava que seria difícil que as crianças educadas em uma escola religiosa ou por tutores religiosos apresentassem um comportamento pior do que aquelas educadas em outras escolas. Se a religião não agregasse benefício nenhum, também não estaria causando nenhum agravo (WESLEY, 1997).

O problema da educação religiosa, de acordo com Wesley, estava em quem a ministrava e na forma com que fazia. Para Wesley, alguns que se diziam verdadeiros religiosos, na verdade não tinham conhecimento nenhum sobre religião, dessa forma, o que ensinavam era uma falsa religião, que causava danos às crianças. Outros, bem intencionados, verdadeiros praticantes do Cristianismo, algumas vezes se equivocavam quanto à melhor forma de ensinar:

Porém suponha que, aqueles que os eduquem, julguem o certo no que diz respeito à natureza da religião, eles ainda podem estar errados em relação à forma de educar as crianças. Eles podem não ter o espírito de comando qual, até mesmo alguns homens bons, são completos estranhos. Eles podem, habitualmente, se inclinar para este ou aquele extremo, o do desleixo ou o da severidade. E se eles ou querem dar às crianças muito de sua própria vontade, ou desnecessariamente e grosseiramente querem controlá-las; ou se eles usam nenhuma punição afinal, ou mais do que seja necessário, a inclinação quer para um extremo quer para o outro pode frustrar todos os seus esforços. No último caso, não será estranho se a religião fuder nas narinas daqueles que foram educados assim. Eles vão, naturalmente, olhar para ela como uma coisa melancólica e austera; e se eles acharem que ela é necessária para a salvação, eles vão considerá-la um mal necessário e, assim, adiá-la pelo

maior tempo possível. (WESLEY, 1997, p. 568 – tradução nossa)²⁶

Mas, independente desses problemas, Wesley afirmava que se devia inculcar a religião nas mentes das crianças o mais cedo possível, mesmo que em alguns momentos isso ocorresse de forma severa e até desagradável. Era dever dos pais e professores combater a todo custo a corrupção que ameaçava as crianças, a contaminação da alma pelas doenças, a qual tornaria suas vontades enfermas.

3.3. KINGSWOOD: O Ideal Educacional Wesleyano²⁷

John Wesley, ao trabalhar com os pobres da sociedade inglesa, se preocupou com a falta de escolas para as crianças. Em muitas povoações nas quais Wesley pregou, não havia nenhuma escola e muitos não tinham acesso à educação básica, nasciam e morriam ignorantes.

John Wesley foi um dos pioneiros em mais do que uma linha da filantropia. A escola dos mineiros em Kingswood e o orfanato em Newcastle foram manifestações precoces do seu amor por seus semelhantes. As atividades, as quais se centralizaram na Fundação, lembram ao leitor moderno dessa coisa muito moderna "a igreja institucional" (HURST, 1903 p. 249 – tradução nossa)²⁸

²⁶ But suppose those that educate them judge right with regard to the nature of religion, they may still be mistaken with regard to the manner of instilling it into children. They may not have the spirit of government, to which some even good men are utter strangers. They may habitually lean to this or that extreme, of remissness or of severity. And if they either give children too much of their own will, or needlessly and churlishly restrain them; if they either use no punishment at all, or more than is necessary, the leaning either to one extreme or the other may frustrate all their endeavors. In the latter case, it will not be strange if religion stink in the nostrils of those that were so educated. They will naturally look upon it as an austere, melancholy thing; and if they think it is necessary to salvation, they will esteem it a necessary evil, and so put it off as long as possible. (WESLEY, 1997, p. 568)

²⁷ Os documentos que apresentam as concepções de John Wesley acerca da escola são: "A short Account of the School in Kingswood; A plain Account of Kingswood School; Remarks on the State of Kingswood School" (WESLEY, 1996-1997)

²⁸ John Wesley was a pioneer on more than one line of philanthropy. The colliers' school at Kingswood and the orphan house at Newcastle were early manifestations of his love for his fellows. The activities which centered in the Foundry remind the modern reader of that very modern thing "the institutional church". (HURST, 1903 p. 249)

Para atender a essa necessidade, Wesley organizou uma escola em Londres, a qual atendia a 60 crianças ofertando ensino gratuito. Os estudantes estavam sujeitos a uma disciplina severa, tendo apenas o domingo livre. Diariamente as crianças deveriam assistir à pregação das cinco horas da manhã.

A principal iniciativa educacional de Wesley foi a escola para meninos de Kingswood, fundada em 1748, cuja construção foi iniciada por Whitefield e concluída por Wesley, funcionando como um tipo de internato. Inicialmente, seus alunos eram aceitos mediante pagamento (LELIÈVRE, 1997).

Como responsável por organizar a estrutura curricular da escola, Wesley buscou oferecer uma educação ampla, inclusive com a criação de material didático próprio, pois se sentia insatisfeito com o material utilizado pelas escolas na época.

Infelizmente tentou aplicar ao regime do colégio de Kingswood a disciplina militar, um tanto monástica, que não levava em consideração a idade e as diversas aptidões dos alunos. Ainda que se fizesse conhecer como um verdadeiro mestre da instrução, aqui se tornou um mau educador. Sua escola, organizada em um regime digno de Esparta, vegetou por algum tempo, proporcionando-lhe verdadeiras decepções. Ela só escapou da ruína total, quando rompeu as malhas de ferro que a envolviam, as quais foram forçadas pelo espírito excessivamente lógico de seu fundador. (LELIÈVRE, 1997, p. 193 e 194).

Wesley fez de Kingswood um dos seus principais projetos, para onde direcionou recursos financeiros e tempo na tentativa de criar o que ele considerava ser o modelo perfeito de escola. Em Kingswood é possível ver as teorias religiosas e educacionais de John Wesley em prática, especialmente a ideia de restauração da vontade humana, a busca pela perfeição, a fusão da religião à educação e as influências de Comenius, Milton e Locke, juntamente com suas experiências de infância. Se alguma das obras de Wesley sintetizou o ideal metodista como um todo, essa foi a escola em Kingswood.

A Escola de Kingswood foi o resultado da tentativa sistemática de John Wesley de pôr suas teorias educacionais em prática e, portanto, um estudo de sua precisão é uma estimativa do valor real de seu serviço à educação. Na escola ele se esforçou para incluir todos os seus planos cuidadosamente pensados; o edifício, a sua localização, os seus alunos, os seus mestres e as suas

regras só foram escolhidos após muito pensamento cuidadoso e zelosa pesquisa. (BODY, 1936, p. 84 – tradução nossa)²⁹

A escola era dividida em oito classes e aceitava alunos a partir de seis anos de idade. Seu currículo apresentava estudos clássicos antigos, os quais não eram usuais nas escolas do período, bem como o ensino de grego e do hebraico, que também eram incomuns, normalmente ensinados em cursos de teologia. O método era semelhante ao das escolas morávias e, além dessas diferenças citadas, o ensino se parecia também com as outras escolas do período.

Estes são absorvidos, estando entre as idades de seis a doze anos, para ser ensinado leitura, escrita, aritmética, inglês, francês, latim, grego, hebraico, história, geografia, cronologia, retórica, lógica, ética, geometria, álgebra, física e música. (WESLEY, Vol. 13, p. 352 - tradução nossa)³⁰

O principal objetivo da escola era o desenvolvimento de uma ética cristã, para impedir que as crianças se corrompessem com os “vícios” e a “degradação” que progredia na Inglaterra no século XVIII. Contudo, além desse objetivo, Wesley foi bem enfático ao condenar a fragilidade e o que ele chamava de afeminação.

Meu projeto, ao construir a casa em Kingswood era, ali, ter uma família cristã; cada membro da qual, excluindo as crianças, deve estar vivo para Deus e ser um padrão de toda a santidade. Aqui foi que eu propus educar algumas poucas crianças de acordo com a precisão do modelo cristão. E quase tão logo nós começamos, Deus nos deu um sinal para o bem; quatro das crianças recebendo uma clara noção de perdão. (WESLEY, Vol. 13, p. 373 - tradução nossa)³¹

²⁹ Kingswood School was the result of systematic attempt by John Wesley to turn his educational theories into practice, and therefore a study of its accuracy is an estimate of the real worth of his service to education. In the school he strove to include all his carefully thought-out plans, and the building, its site, its pupils, its masters and its rules were only chosen after much careful thought and earnest inquiry. (BODY, 1936, p. 84)

³⁰ These are taken in, being between the years of six and twelve, in order to be taught reading, writing, arithmetic, English, French, Latin, Greek, Hebrew, history, geography, chronology, rhetoric, logic, ethics, geometry, algebra, physics and music. (WESLEY, Vol. 13, p. 352)

³¹ My design in building the house at Kingswood was, to have therein a Christian family; every member whereof, children excepted, should be alive to God, and a pattern of all holiness. Here it was that I proposed to educate a few children according to the accuracy

As regras de aceitação e continuidade dos estudantes eram muito rígidas. Após serem admitidos, seus pais eram impedidos de manifestar qualquer opinião contrária às regras da escola. O aluno não poderia, de forma alguma, se ausentar e, até as visitas, eram controladas: “Nem é recebida qualquer criança, a menos que seus pais concordem, que ele deve observar todas as regras da casa; e que eles não o levarão da escola, um dia sequer, até que eles o levem para o bem e para sempre” (WESLEY, Vol. 13, p. 354 - tradução nossa)³².

A rotina da escola era meticulosamente preparada para não sobrar nenhum tempo disponível para as crianças, pois qualquer tipo de brincadeira era expressamente proibida. A alimentação em Kingswood também estava relacionada à negação do prazer. Todas as refeições eram simples, a comida não poderia ter variações ou ser saborosa. Wesley pessoalmente criou um cardápio para escola. As estruturas eram, intencionalmente, sem nenhum conforto, para impedir que a fragilidade e a delicadeza se desenvolvessem.

Às cinco horas eles todos se reúnem. A partir das seis eles trabalham até o café da manhã; como não temos dias parabrincadeira, (a escola sendo ensinada todos os dias do ano, exceto aos domingos), então nós também não permitimos momento algum para brincar em qualquer dia: Ele que brinca quando é uma criança, brincará quando for um homem. (WESLEY, Vol. 13, p. 354 - tradução nossa)³³

No entanto, o projeto educacional de John Wesley em Kingswood apresentou vários problemas. Suas regras não foram obedecidas, seu sistema de ensino não foi aceito e a escola começou a ter problemas de comportamento. O próprio Wesley afirmou:

of the Christian model. And almost as soon as we began, God gave us a token for good; four of the children receiving a clear sense of pardon. (WESLEY, Vol. 13, p. 373)

³² Nor is any child received unless his parents agree, that he shall observe all the rules of the house; and, that they will not take him from school, no, not a day, till they take him for good and all. (WESLEY, Vol. 13, p. 354)

³³ At five they all meet together. From six they work till breakfast; for as we have no play days, (the school being taught everyday in the year but Sunday,) so neither do we allow anytime for play on any day: He that plays when he is a child, will play when he is a man. (WESLEY, Vol. 13, p. 354)

[...] Entretanto, no momento, a escola não responde, de maneira alguma, ao projeto da instituição, quer em matéria de religião ou de aprendizagem. As crianças não são religiosas. Elas não têm o poder e, dificilmente têm, a forma da religião. Nem se aperfeiçoam em aprender melhor do que em outras escolas: Não, ainda não tão bem. De tal maneira que alguns dos nossos amigos têm sido obrigados a remover os seus filhos para outras escolas. E não é de se admirar que eles melhorem tão pouco, quer na religião, quer na aprendizagem; pois, afinal, as regras da escola não são observadas. (WESLEY, Vol. 13, p. 373)³⁴

Wesley atribuiu o fracasso da escola aos professores, os quais não aceitaram seu método e à admissão de crianças que não se enquadravam no perfil que ele determinou. Apesar de não ter correspondido às expectativas de John Wesley, Kingswood continuou e permanece em funcionamento até a atualidade.

3.4. PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DE JOHN WESLEY PARA A EDUCAÇÃO

John Wesley, juntamente com os metodistas, tiveram uma atuação notória na educação inglesa do século XVIII, mesmo que não tenham iniciado nenhum movimento educacional, participaram ativamente dos que já existiam, como as Escolas Dominicais e as Escolas de Caridade³⁵, e também criaram uma escola para moças. John Wesley e os metodistas romperam com o modelo tradicional de educação do período e trouxeram novos sentidos aos principais movimentos educacionais do século XVIII na Inglaterra, principalmente àqueles relacionados à classe trabalhadora.

³⁴ But at present the school does not in anywise answer the design of the institution, either with regard to religion or learning. The children are not religious. They have not the power, and hardly the form, of religion. Neither do they improve in learning better than at other schools: no, nor yet so well. Insomuch that some of our friends have been obliged to remove their children to other schools. And no wonder that they improve so little either in religion or learning; for the rules of the school are not observed at all. (WESLEY, Vol. 13, p. 373)

³⁵ As Escolas Dominicais e as Escolas de Caridade foram movimentos educacionais que ocorreram na Inglaterra no século XVIII. Esses movimentos, mantidos por organizações religiosas, foram a primeira tentativa significativa de educar as crianças pobres das vilas e cidades em desenvolvimento. Apesar de apresentar bons resultados, o movimento recebeu muitas críticas por ter como principal objetivo o resgate religioso dos alunos (GILLARD, 2011).

Desde Oxford, John Wesley esteve envolvido com o ensino básico para crianças pobres, e durante toda sua vida manteve uma relação próxima com essas iniciativas. Wesley influenciou o movimento metodista com seu entusiasmo pela educação, o que fez com que muitas sociedades se envolvessem com as escolas de caridade e realizassem vários trabalhos na direção ou no auxílio dessas instituições.

A preocupação de Wesley com o acesso ao conhecimento por todos e não apenas pelas crianças, evidenciou-se em seu projeto de disseminação de literatura entre as camadas mais pobres da população inglesa do século XVIII, por meio de seus livros de baixo custo.

Quarenta anos atrás, tendo um desejo de suprir as pessoas pobres com livros mais baratos, mais curtos, e mais simples do que algum que eu tenho visto, eu escrevi muitos pequenos tratados, geralmente por um pênica cada; e, mais tarde, diversos maiores. Alguns desses têm tal venda, como eu nunca pensei; (WESLEY, 1985, sermão 87)

Esse projeto teve início cedo em sua vida. No começo de seus trabalhos, Wesley, já em sua juventude, se dedicava a educar as massas por meio da confecção de panfletos, que eram vendidos a preços módicos. Ele deu continuidade a esse trabalho anos mais tarde quando escreveu os seus manuais. Os temas eram sobre saúde, natureza, poesias, música, biografias, utilidades, etiqueta, livros escolares e, principalmente, sobre religião. Wesley não cessou de escrever e publicar livros que fossem acessíveis à população pobre durante toda a sua vida. Suas publicações tiveram uma boa aceitação por parte dos seus contemporâneos, o que gerou uma grande renda para ele e para o movimento (WARNER 1930).

Outro movimento educacional do período no qual Wesley esteve ativamente envolvido foi a escola dominical. Essas escolas ensinavam as crianças pobres a ler por meio do estudo dos textos bíblicos. Consistia em uma educação bem rudimentar, contudo a única que muitas crianças e alguns adultos teriam acesso. O início desse movimento não foi metodista, mas rapidamente houve o envolvimento das sociedades com apoio de Wesley.

Estou feliz que você tenha estabelecido escolas dominicais em Newcastle. Esta é uma das melhores instituições que foi vista na Europa há alguns séculos, e fará mais e melhor, desde que os professores e os inspetores façam o seu dever. Nada pode impedir o êxito deste trabalho abençoado, a não ser o descaso dos instrumentos. Portanto, certifique-se de observá-los com todo o cuidado, para que eles não se cansem de fazer o bem. (WESLEY, Carta para Charles Atmore, 1790 – tradução nossa)³⁶

O movimento das escolas dominicais se adequava bem à concepção de educação de John Wesley, pois associava religião à educação, era direcionado à população carente e ainda servia como forma de evangelização. A presença dos metodistas, apoiada por Wesley, foi certamente significativa no desenvolvimento desse modelo educacional.

O Metodismo colaborou para educar a população inglesa para o mundo industrial. Da mesma forma que, por séculos, os pastores e padres educavam o povo de suas paróquias e lhes concediam as informações necessárias para a vida nas sociedades pré-industriais, a ideologia capitalista se apropriou do pensamento religioso para educar a população pobre para a nova sociedade que surgia. Como o Puritanismo havia feito um século antes quando, atrelado ao pensamento burguês, havia contribuído para a formação da ética capitalista, o Metodismo no século XVIII colaborava para o reforço da ética do mundo industrial.

Os pregadores metodistas no século XVIII seguiam fielmente as orientações de John Wesley, ao ponto de haver poucas diferenças nesse período entre o pensamento wesleyano e o pensamento metodista. Assim, quando tratamos da educação metodista, entendemos como a expressão prática do pensamento de Wesley. “Os pregadores metodistas foram instruídos por Wesley para cooperar com os pais na formação dos filhos. Ele os lembrou de pregar para eles uma ou duas vezes por semana” (PRINCE, 1926, p. 132)³⁷.

³⁶ I am glad you have set up Sunday-schools at Newcastle. This is one of the best institutions which have been seen in Europe for some centuries, and will do more and more good, provided the Teachers and Inspectors do their duty. Nothing can prevent the success of this blessed work, but the neglect of the instruments. Therefore, be sure to watch them with all care, that they may not grow weary of well doing. (WESLEY, Carta para Charles Atmore, 1790)

³⁷ The Methodist preachers were detailed by Wesley to cooperate with parents in training of children. He reminded them that preaching for them once or twice a week (PRINCE, 1926, p. 132)

As concepções de obediência, humildade e disciplina presentes na doutrina wesleyana suprimiam e ignoravam a luta contra a violência do capital. O Metodismo tornou o trabalhador, ao mesmo tempo, subserviente e eficaz. As regras exigidas pelas fábricas eram as mesmas exigidas pela igreja, o que tornava a religiosidade wesleyana um treinamento para o trabalho fabril. A educação metodista coibiu a espontaneidade e a insubordinação, elementos incompatíveis com a organização do trabalho industrial. Alcançar esse objetivo, era segundo Thompson, a mais importante questão do início do sistema de produção fabril:

“A principal dificuldade” do sistema fabril não residia nos seus aspectos tecnológicos, mas na “distribuição dos diversos membros do seu aparato num único grupo corporativo” e, acima de tudo, “em capacitar os seres humanos a renunciarem a seus hábitos indisciplinados no trabalho e a se identificarem com a regularidade invariante do complexo autômato”. (THOMPSON, 2012, p. 296)

A educação ética que John Wesley tanto defendia acabou se tornando uma educação benéfica para o capital. Wesley criou um Protestantismo dos pobres, quando passou a justificar, ao mesmo tempo, uma ética do trabalho e uma vida sem posses como vontade divina. Condenou o acúmulo de riquezas e a busca pelo lucro, num discurso voltado principalmente à classe trabalhadora, que dificilmente teria que lidar com essas práticas, o que contribuiu para gerar uma consolação pela pobreza. Por outro lado condenava também a indisciplina, a insubmissão e as revoltas, questões diretamente ligadas à relação dos trabalhadores com o capital industrial.

A ética metódica ensinada por John Wesley se adequava às demandas do trabalho industrial. Wesley absorveu em seu pensamento a lógica da fábrica. Dessa forma, serviu tanto para gerar uma aceitação da dureza do trabalho na fábrica, como também formou homens preparados para trabalhar nela. O Metodismo embrutecia os homens e os tornavam aptos para a rigidez das novas relações de trabalho. Segundo Thompson, é possível:

[...] observar a extraordinária semelhança entre as virtudes inculcadas pelo Metodismo na classe operária e o desiderato do utilitarismo da classe média. O Dr. Ure indicou essa conexão na

sua advertência aos fabricantes: “organizar seu dispositivo moral segundo princípios tão sólidos quanto os do dispositivo mecânico.” Nesse aspecto, o metodismo representou o desolado panorama interior do utilitarismo numa época de transição para a disciplina do trabalho do capitalismo industrial. Na medida em que se metodizaram os “paroxismos do trabalho” do trabalhador manual, controlando seus impulsos ao ócio, intensificaram-se as crises emocionais e espirituais. (THOMPSON, 2012, p. 305 – 306)

O movimento wesleyano com sua religiosidade emotiva, porém só admitida em momentos específicos e de forma controlada, educou as emoções da classe trabalhadora. A contenção das emoções era uma condição imprescindível para a rotina do trabalho fabril, tal como em um exército, as pessoas deveriam suprimir seus sentimentos para suportar a violência emocional do trabalho industrial. O Metodismo encontrou a solução para isso ao disciplinar as emoções, manifestando-as apenas nos cultos em momentos de êxtase. Dessa forma, concedia ao trabalhador o alívio das pressões exercidas sobre ele pela sociedade industrial e, logo em seguida, as reprimia novamente para que ele pudesse retornar a sua rotina diária. Essa educação emocional foi importante no processo de contra-revolução, ao disciplinar as emoções o Metodismo contribuía para impedir a catarse que poderia dar origem a um movimento revolucionário.

Energias ou emoções ameaçadoras para ordem social ou meramente improdutivas (na acepção do Dr.Ure) só eram liberadas em inocentes e esporádicas festas de confraternizações, vigílias, reuniões musicais ou campanhas renovacionistas. (THOMPSON, 2012, p. 311)

A doutrina da vontade enferma, um dos pilares da doutrina metodista ensinada por John Wesley, atribuía toda a culpa pela decadência ao próprio indivíduo. A culpa da degradação não era da sociedade, do Estado, do capital, era apenas do indivíduo que não possuía uma vontade sadia e se deixava sucumbir pelo mal que o rodeava. A doutrina, ao jogar sobre as costas do próprio homem toda culpa pelos seus problemas, seus fracassos e sua infelicidade, inocentou a ação destruidora do capital, a dominação burguesa e a expropriação. Além disso, cabia ao próprio indivíduo transformar a si mesmo e a sociedade para que ela se tornasse boa.

A doutrina da perfeição, que consistia na principal teoria religiosa de John Wesley, educava o trabalhador para o fracasso. Ao criar parâmetros impossíveis

de serem alcançados, o Metodismo ensinava a população pobre a se conformar com o fracasso e a se contentar com as condições em que se encontravam. O insucesso religioso os treinava para o insucesso econômico e contribuía para que não se revoltassem.

As consequências da indisciplina no trabalho poderiam ser não só a demissão, mas também as chamas do inferno. Deus era o contramestre mais vigilante entre todos. Até mesmo acima das chaminés, viam-se cartazes com os dizeres: “Deus me vigia.” O metodista aprendia a “carregar sua cruz” de pobreza e humilhação. Além disso, a crucificação representava (como observou Ure) o verdadeiro modelo de obediência... O trabalho correspondia à cruz do trabalhador industrial “convertido” (THOMPSON, 2012, p. 312)

Um dos meios pelos quais se tornou possível a manutenção do modo de produção capitalista, apesar de seus efeitos destrutivos e de suas consequências sociais, foi a atribuição dos problemas sociais ao indivíduo. A solidariedade e a filantropia foram resultados diretos dessa construção ideológica e ajudaram a amenizar os efeitos dos problemas sociais gerados pela sociedade capitalista. Nelas se terceirizava a responsabilidade de remediar as mazelas oriundas da produção capitalista para entidades sociais, religiosas, grupos privados ou até mesmo iniciativas pessoais.

John Wesley foi um dos primeiros a ensinar as obras sociais dentro dos moldes capitalistas, ou seja, de forma sistematizada, ininterrupta e sem questionar as causas da miséria. A doutrina wesleyana da responsabilidade social se adequava à lógica do capital, pois entendia a pobreza como algo natural e o dever de ajudar como uma ordenança divina. Assim, tanto a pobreza quanto a solidariedade, seriam elementos imutáveis, a primeira representaria os frutos do pecado e a segunda, o amor de Deus, ambas sempre estariam presentes no mundo, como resultado de um propósito maior, independente de suas causas. Wesley afirmava que, todo dinheiro gasto com coisas que não fossem essenciais, era roubar dos pobres:

Cada xelim que você poupa de seu próprio vestuário, você pode gastar em vestir o nu, e aliviar as várias necessidades do pobre, quem vocês *“têm sempre consigo”*. Portanto, cada xelim que você gasta desnecessariamente em seu vestuário, e, em efeito,

roubado do pobre! E de quantas oportunidades preciosas de fazer o bem, você tem se privado? Quão frequentemente, você tem se incapacitado de fazer o bem, adquirindo o que você não precisava! Para qual finalidade você comprou esses ornamentos? Para agradar a Deus? Não; mas para agradar sua própria fantasia; ou para ganhar a admiração e aplauso daqueles que não eram mais sábios do que você mesmo. Quanto bem você teria feito com aquele dinheiro! (WESLEY, 1985, sermão 88)

A filantropia wesleyana desempenhava duplo propósito: primeiro concedia à população pobre alívio imediato de suas necessidades e a falsa concepção da bondade das classes altas, responsáveis pelas doações; segundo, dava ao burguês metodista a tranquilidade de consciência que ele necessitava para conviver com as desigualdades sociais sem se sentir culpado por sua riqueza. Seu envolvimento com o ensino de higiene e saneamento dos bairros pobres garantia a saúde do trabalhador fabril, condição imprescindível para a boa qualidade do trabalho.

As iniciativas educacionais para os pobres, organizadas por Wesley, eram outros aspectos importantes para a produção industrial, ela garantiria o conhecimento básico para os trabalhos nas indústrias. “Somos tentados a perdoar alguns dos pecados do Metodismo, quando verificamos que, ao menos, proporcionou uma educação rudimentar a crianças e adultos nas escolas dominicais” (THOMPSON, 2012, p. 287). As escolas de caridade, as escolas dominicais e a disseminação literária promovida por ele contribuíram para a formação adequada da mão-de-obra fabril. Uma educação que propiciasse as condições para operar uma máquina, ler instruções e manter uma vida saudável, mas ao mesmo tempo não fosse suficiente para sua emancipação. É o início da educação capitalista, incompleta e de baixa qualidade, que forma pessoas úteis para o trabalho, mas sem a capacidade de pensar livremente.

Por último, é importante destacar, que apesar de suas ideias terem contribuído para a doutrinação ideológica dos operários ingleses, John Wesley deixou um grande legado para a educação. Sua dedicação ao ensino se tornou uma das principais características do Metodismo. Em todo o mundo os metodistas fundaram escolas e universidades: Nova Zelândia (1849), China (1864), Austrália (1870), Serra Leoa (1874), Índia (1874), Jamaica (1876), África do Sul (1883), ainda no século XIX em Cuba, no Japão, na Itália e no Brasil. Essas, juntamente

com as instituições de ensino da Inglaterra, Estados Unidos e Canadá, atendiam no final do século XIX mais de cinquenta mil alunos (BODY, 1936).

CONCLUSÃO

John Wesley foi um homem que conseguiu sintetizar em seu pensamento as demandas do período histórico em que viveu. Ele foi um líder religioso que acreditou estar lutando para sanar os problemas dos pobres nas cidades inglesas do século XVIII. Wesley acreditava que era possível reparar os problemas sociais de sua época por meio da religião, da organização, da disciplina pessoal e da educação. Para ele os homens deveriam ascender de sua condição “decadente” causada por uma vontade enferma, corrompida pelo pecado, para um estado de plena perfeição. Suas doutrinas apresentavam a ideia de um homem superior, divino capaz de superar qualquer obstáculo material ou espiritual que lhe fosse imposto em seu caminho rumo à glória de Deus, que deveria ser seu único objetivo e ambição.

A Inglaterra do século XVIII foi palco do início de uma das maiores transformações que a humanidade já vivenciou, a Revolução Industrial. A ação do capital industrial nas cidades inglesas gerou um processo de degradação humana, ocasionado pela expropriação dos trabalhadores, pelo grande aumento populacional nas cidades e pelas péssimas condições de trabalho e moradia. Esses fatores foram responsáveis pela miséria, doenças, criminalidade, prostituição e outros problemas que afligiram a Inglaterra no período da Revolução Industrial. Além dos problemas sociais, surgiu também a necessidade da formação de um trabalhador adequado ao modo de produção fabril. Que tivesse a disciplina, a resistência e a obediência necessária para o trabalho industrial. Organizar o corpo de operários era tão importante quanto as máquinas para as fábricas.

John Wesley foi um personagem fundamental no processo de construção ideológica do mundo industrial na Inglaterra, suas obras, suas doutrinas, seus trabalhos escritos fizeram parte do conjunto de elementos que ajudaram a justificar e subsidiar a sociedade capitalista inglesa no século XVIII. Os ensinamentos wesleyanos acerca da disciplina, obediência, trabalho, humildade, diligência e organização metódica da vida condiziam com as qualidades que as

indústrias buscavam em seus empregados. Por meio do metodismo, Wesley levou essas ideias para toda a Inglaterra, influenciando a ética religiosa do povo inglês, especialmente dos proletários, grupo para qual direcionou a maior parte de seus ensinamentos.

A educação foi uma das principais áreas de atuação de John Wesley. Ele e seus seguidores criaram escolas para meninos, escolas para moças, livros informativos e participaram dos principais movimentos educacionais da Inglaterra no século XVIII. Wesley considerava a educação uma ferramenta para salvação, por meio dela seria possível corrigir o que ele denominava a “enfermidade da vontade”, o que ocasionava a degeneração humana. Esses ensinamentos contribuíram para educar a classe trabalhadora inglesa para o mundo do trabalho, ensinar nos púlpitos, nas reuniões das sociedades metodistas, nas pregações ao ar livre, nas músicas, nos jornais metodistas e livros uma ética adequada às necessidades do mundo fabril.

A proposta pedagógica de John Wesley para Kingswood (1768) está nos documentos que sintetizaram suas concepções educacionais: “A short Account of the School in Kingswood; A plain Account of Kingswood School; Remarks on the State of Kingswood School” (WESLEY, 1996-1997). A partir dela é possível afirmar a relação entre o pensamento wesleyano e as necessidades do capital industrial. Em Kingswood é possível perceber que a teoria educacional wesleyana deve ser compreendida como um método para se alcançar uma ética religiosa que se adequa às demandas do trabalho nas fábricas.

Wesley construiu o protótipo da escola fabril que posteriormente iria aparecer na Inglaterra para que as crianças aprendessem o trabalho industrial. Kingswood foi uma das primeiras escolas a desenvolver uma pedagogia que subsidiava o modo de produção industrial, e principalmente, uma das primeiras a ser direcionada à classe trabalhadora. Era o ensino da ética do trabalho e da submissão.

O objetivo da escola era educar crianças para ficarem distantes dos vícios e não se tornar delicadas ou frágeis. Esse também era o ideal de um bom trabalhador fabril: sóbrio e resistente que suportasse a dureza do trabalho que teria que realizar. Outra característica semelhante era a ausência de brincadeiras e de tempo livre, tanto na proposta de educação wesleyana como nas exigências

de comportamento em uma indústria, não se podia brincar e o tempo era completamente ocupado pelas atividades consideradas úteis.

A ênfase de John Wesley no embrutecimento dos homens, sua luta contra o que ele denominava suavização e feminização dos jovens consistia num parâmetro capitalista. A alienação levada a tal ponto que não fosse possível reconhecer mais o próprio sofrimento, nem perceber sua condição de vítima e tampouco pensar uma realidade diferente. A vida na escola e a vida nas fábricas se tornavam duas partes da mesma totalidade, praticamente impossível de se diferenciar para quem vivenciava.

A luta contra os vícios, a ausência de brincadeiras e de tempo livre, além de constituir uma forma de garantir a boa qualidade da mão-de-obra, com capacidade de executar as tarefas com precisão, ainda fazia parte de outro processo maior: a negação do prazer. O trabalhador fabril deveria aprender a viver sem prazer, a abrir mão de suas necessidades, alegrias e desejos para servir de forma perfeita ao capital industrial. Essa disciplina quase monástica era necessária para que os proletários se adequassem às condições de trabalho e à má remuneração sem se revoltar, qualquer busca por prazer consistia assim, em um perigo para o capitalismo industrial. A pedagogia de Kingswood contemplava essa necessidade, ensinava às crianças uma vida desprovida de qualquer prazer, na qual as únicas alegrias permitidas eram a do trabalho e a da religião.

A alimentação em Kingswood também estava relacionada à formação de uma mão-de-obra eficiente e com a negação do prazer. Todas as refeições eram simples, a comida não poderia ter variações ou ser saborosa, o que correspondia exatamente às possibilidades que um trabalhador teria. As acomodações intencionalmente sem nenhum conforto também remetiam à vida proletária, ao tipo de casa que ele moraria e de bens que ele conseguiria adquirir. Os alunos de Kingswood não se revoltariam com a vida modesta que teriam, pois desde crianças haviam aprendido a suportá-la e aceitá-la como única opção.

A disciplina também era semelhante, as sequencias de atividades eram mecânicas, executadas regularmente nos mesmos horários sem mudança ou interrupções. Não poderiam nem deixar suas atividades para beberem água, essa só era permitida durante as refeições, exatamente como ocorria em uma fábrica.

E da mesma forma, qualquer ato que descumprisse as normas era severamente punido sem qualquer tolerância.

Tanto o pensamento como o corpo eram educados para a rotina do trabalho industrial; a escola de Wesley proporcionava a seus alunos os instrumentos necessários para que esses se tornassem bons operários. A noção de tempo nas atividades escolares era exatamente igual àquela utilizada nas indústrias. Era pautada pelo relógio e possuía um fluxo mais rápido se comparada à noção de tempo tradicional orientada pelos fenômenos da natureza. O corpo era acostumado ao ritmo fabril, rápido e repetitivo, a seguir uma rotina irreflexiva. A alimentação também educava o corpo para seguir essa lógica com refeições rápidas e concentradas e ingestão de água apenas em momentos determinados.

A partir dessa relação é possível afirmar que aqueles que tivessem estudado em Kingswood seriam preparados para o trabalho na indústria, apresentariam as qualidades necessárias e corresponderiam às expectativas do empregador.

A educação wesleyana em Kingswood unificou a ética religiosa protestante com a ideologia dominante, que legitimava a sociedade industrial e a formação necessária para atender às demandas do mundo fabril, contribuindo para o reforço da ética do mundo industrial, que serviria para a manutenção da sociedade capitalista.

John Wesley foi influenciado pelas questões e ideias que transformaram o mundo no século XVIII, seu pensamento e ações nunca tiveram o objetivo de oferecer subsídios ao processo de exploração do trabalho pelo capital. Ele mesmo criticou e condenou em muitos de seus textos as injustiças para com os trabalhadores e a desigualdade social, e em suas convicções ele realmente pensava estar trabalhando em favor dos pobres. Contudo, as condições econômicas e sociais que deram origem ao mundo industrial também formaram o pensamento wesleyano, incorporando-o em seu arcabouço ideológico.

Seu pensamento era conservador, se recusava a aceitar as transformações da sociedade e permanecia com seus olhos voltados para um passado perdido, que em sua crença, deveria ser resgatado. Em suas obras, percebemos isso na ausência de qualquer menção sobre dois movimentos fundamentais do seu tempo: o Iluminismo e a independência dos Estados Unidos. Wesley que conviveu

diretamente com ambos se recusou, em toda a sua obra, tratar sobre eles. Essa ausência denotou a rejeição de John Wesley em relação às mudanças desse período.

Mesmo tendo sido influenciado pela ideologia do mundo industrial, Wesley desempenhou um importante papel na história da educação. Ele foi um dos primeiros a pensar uma educação para os pobres na Inglaterra, a considerar os problemas da urbanização na educação e a escrever livros direcionados especialmente a esse grupo social. Além de conceder apoio a outros movimentos, como as escolas de caridade e as escolas dominicais, que mesmo não sendo projetos metodistas, a participação desses foi notória. Mas, principalmente, Wesley ensinou o valor da educação aos metodistas, que influenciados pelo seu fundador levaram escolas e universidades por todo o mundo influenciando a educação em muitas nações.

Em suma, Wesley desenvolveu e defendeu uma proposta moralista de educação, atrelada às suas concepções religiosas. A ideia central era o ensino dos princípios cristãos para a população pobre. Contudo, o pensamento religioso de John Wesley foi influenciado pela ideologia do capitalismo industrial em ascensão, o que tornou sua noção de moral adequada às necessidades do trabalho fabril. Dessa forma a definição de educação para John Wesley pode ser resumida como a síntese das doutrinas do trabalho proletário convertida em ascese cristã, ou seja, o ensino da moral do mundo industrial.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA: Tradução Ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

AVELING, F. Antinomianism. **The Catholic Encyclopedia**. Vol. 1. New York: Robert Appleton Company, 1907. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/01564b.htm>> Acesso em: 29 nov. 2014.

ASHTON, T. S. **A Revolução Industrial**. 3. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1974.

BODY, A. H. **John Wesley and Education**. London: The Epworth Press, 1936.

COLE, G. D. H.; POSTGATE, R. **The British Common People: 1746-1946**. London: London University Paperbacks, 1961.

CREWS, D. **Faith, Love, Hope: A History of the Unitas Fratrum**. Winston-Salem: Moravian Book, 2008.

DEANE, P. **A Revolução Industrial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

DOBRÉE, B. **John Wesley**. Albany: Books For The Ages, 1997

ENGELS, F. **A Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra**. Porto: Edições Afrontamento, 1975.

GILLARD, Derek. **Education in England: a brief history**. 2011. Disponível em: <www.educationengland.org.uk/history>. Acesso em: 21 jun. 2014.

GREEN, R. **John Wesley: The Evangelist**. The Wesley Center for Applied Theology, 1993.

HARRISON, G. E. **Sun to Susanna: The Private Life of John Wesley.** Nashville: Cokesbury Press, 1937.

HOBSBAWM, E. J.; RUDÉ, G. **Capitão Swing.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

HOBSBAWM, E. J. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo.** 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

HOBSBAWM, E. J. **Os Trabalhadores: Estudos sobre a História do Operariado.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2012.

HOBSBAWM, E. J. **As Origens da Revolução Industrial.** São Paulo: Global Editora e Distribuidora, 1979.

HOBSBAWM, E. J. **A Era das Revoluções: 1789 – 1848.** 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOBSON, J. A. **A Evolução do Capitalismo Moderno: Um Estudo da Produção Mecanizada.** São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

HURST, J. F. **John Wesley the Methodist.** New York: The Methodist Book Concern, 1903.

JOY, J. R. **O Despertamento Religioso de John Wesley.** 3. ed. Rio de Janeiro: Pastoral Bennett, 1996.

KANT, I. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes.** Lisboa: Edições 70, 2007.

LELIÈVRE, M. **João Wesley: Sua Vida e Obra.** São Paulo: Editora Vida, 1997.

MARX, K. **O Capital 2.** São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2011.

OXFORD UNIVERSITY. **University of Oxford Examination Decrees and Regulations for the Academic Year 2005-2006**. Oxford University Press, 2005.

PACE, E. Quietismo. **The Catholic Encyclopedia**, Vol. 12. New York: Robert Appleton Company, 1911. Disponível em: <[Http://www.newadvent.org/cathen/12608c.htm](http://www.newadvent.org/cathen/12608c.htm)> Acesso em: 26 nov. 2014.

PLUMB, J. H. **England in the Eighteenth Century (1714-1815)**. 1. ed. Londres: Penguin Books, 1950.

PRINCE, J. W. **Wesley on Religious Education: A Study of John Wesley's Theories and Methods of the Education of Children in Religion**. New York: The Methodist Book Concern, 1926.

REILY, D. A. **Metodismo Brasileiro e Wesleyano: Reflexões históricas sobre a autonomia**. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1981.

SULLIVAN, B. **Savannah**. New Georgia Encyclopedia. 17 September 2014. Disponível em: <<http://www.georgiaencyclopedia.org/articles/counties-cities-neighborhoods/savannah>> Acesso em: 31 mar. 2015

TAWNEY, R. H. **A Religião e o Surgimento do Capitalismo**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa 1: A Árvore da Liberdade**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa 2: A Maldição de Adão**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

UNIVERSITY OF OXFORD. **University of Oxford Examination Decrees and Regulations for the Academic Year 2005-2006**. Oxford University Press. 2005.

WARNER, W. J. **The Wesleyan Movement in the Industrial Revolution**. London: Longmans, Green and Co, 1930.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. 10ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WESLEY, J. **O Diário de John Wesley**. São Paulo: Arte Editorial, 2009.

WESLEY, J. **The Complete Works of John Wesley, 13**. Albany: Books For The Ages, 1997.

WESLEY, J. **The Complete Works of John Wesley: John Wesley notes on the whole Bible the Old Testament**. Albany: Books For The Ages, 1996.

WESLEY J. **John Wesley's Notes on the Bible**. Wesley Center online. 1754. Disponível em: <<http://wesley.nnu.edu/john-wesley/john-wesleys-notes-on-the-bible/>>. Acesso em: 17 jul. 2013

WESLEY, J. **Letter to Arthur Bedford**. Wesley Center online, 1738. Disponível em: <<http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-letters-of-john-wesley/wesleys-letters-1738/>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

WESLEY, J. **Letter to Charles Atmore**. Wesley Center online, 1790. Disponível em: <<http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-letters-of-john-wesley/wesleys-letters-1790a/>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

WESLEY, J. **Letter to James Hargrave, the Constable at Barrowford**. Wesley Center online, 1748. Disponível em: < <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-letters-of-john-wesley/wesleys-letters-1748/>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

WESLEY, J. **Letter to Mrs. Jones, of Fonmon Castle**. Wesley Center online, 1748. Disponível em: < <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-letters-of-john-wesley/wesleys-letters-1748/>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

WESLEY, J. **Letter to Robert Dull**. Wesley Center online, 1791. Disponível em: < <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-letters-of-john-wesley/wesleys-letters-1791/>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

WESLEY, J. **Letter to Susana Wesley**. Wesley Center online, 1725. Disponível em: < <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-letters-of-john-wesley/wesleys-letters-1725/>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

WHITE, M. E.; MILANICH, J. T. **The Archaeology and History of the Native Georgia Tribes**. 1. ed. Gainesville: University Press of Florida, 2005.